

Mulheres no Picadeiro

ARTE, GESTÃO, CUIDADO E MEMÓRIA DO CIRCO CEARENSE

Ana Cristina Diôgo de Melo





Mulheres no Picadeiro

ARTE, GESTÃO, CUIDADO E MEMÓRIA DO CIRCO CEARENSE

Ana Cristina Diôgo de Melo

Juazeiro do Norte, 2025

Apoio



Este projeto é apoiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 195/2022)



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Ficha Técnica

Concepção e Execução do Projeto

Cristina Diôgo

Participantes do I Círculo de Cultura das Mulheres do Circo Cearense

Louise Anne de Santana, Maria Clara Leal Freires, Mayara Carvalho, Rayara Oliveira Santana, Poliana Freires de Andrade Simões, Rosângela da Costa Santos, Rosenilda de Lima Soares Fernandes e Vitória dos Santos Honorato

Prefácio

Ana Vieira Silva

Apresentação

Francisca Pereira dos Santos (Fanka)

Fotografias

Acervo da família Santana, Acervo de Claudio Ivo, acervo da Família Brasil, acervo do livro O Ceará Tem Disso Sim! A História do Circo e Seus Personagens de Iza Granjeiro Laje, acervo da Família Vilar, acervo de Kelly Silva, acervo de Lúcia Brandão, acervo de Dona Rosenilda, acervo de Janete Calvo, acervo do Circo Hellen, Kid Junior, Jacques Antunes, Rafael Arraes, Mauro Curry, Bené França, Carlos Lourença, Jane Texeira, Levy Mota, Marina Cavalcante e acervo da pesquisa Mulheres no Picadeiro: Arte, Gestão, Cuidado e Memória do Circo Cearense.

Ilustrações

Inteligência artificial do Canva

Design gráfico

Welton Travassos

Revisão

Natercia Rocha

Capa

Laiza Batista

C807

Melo, Ana Cristina Diôgo Gomes de

Mulheres no Picadeiro: Arte, Gestão, Cuidado e Memória do Circo Cearense /
Ana Cristina Diôgo Gomes de Melo (org.). – 1. ed. – Juazeiro do Norte, CE:
Coletivo LaboraTerra, 2025.

182 p. : il. color.; 29,7 cm (A4)

Realizado com recursos do 13º Edital das Artes da Secretaria da Cultura do Estado do
Ceará (SECULT-CE).

ISBN: 978-65-01-58561-1

1. Mulheres no circo. 2. Circo tradicional cearense. 3. Cultura popular.
4. Memória . 5. Feminismos decoloniais. 6. Pesquisa participante.
7. Arte e gênero . 8. Gestão cultural no circo.

I. Melo, Ana Cristina Diôgo Gomes de. II. Título: Catálogo Mulheres no Picadeiro.

CDD 791.3



Rayara Brasil, Palhaça Pimentinha

“Quando a mulher entra em cena, o mundo aprende a
escutar o que antes era silenciado.”

Bell Hooks

Escreva
quanto te ignoram
o verso
a aura da cor
a expressão movente
e o silêncio sonoro
tu, escrevente, dorme
em trevas

Leda Martins

Cristina Diôgo autora da pesquisa



Trocando os Bancos da Universidade Pelas Arquibancadas dos Circos

No picadeiro da vida, eu não fui apenas espectadora. Fui – e sigo sendo – aquela que simbolicamente arma a lona, acende os refletores e convida outras mulheres a entrarem em cena. Embora não tenha nascido no circo, foi ele que me deu um novo nascimento. O circo me fez circense de alma, de coração e de missão.

Nasci no Engenho Barrinha, em Pernambuco. Aos seis anos de idade, já observava, com olhos curiosos e sensíveis, as dores e belezas dos engenhos de cana-de-açúcar. Cresci embalada pelo Maracatu Rural, pelas festas de rua, pelo batuque da memória popular. Foi ali que comecei minha caminhada no mundo – e essa caminhada sempre teve como norte a transformação social a partir das linguagens do povo.

Entre todas essas linguagens, foi a do circo que virou meu mundo pelo avesso.

Minha história com o circo começou em 1998, em Juazeiro do Norte, Ceará. Vim realizar um documentário e... fiquei. Fiquei porque, nos olhos de crianças e adolescentes da periferia, vi um desejo urgente de criar, brincar, voar. Aquelas crianças me ensinaram que havia ali um território fértil para semear sonhos. Fundei o Instituto de Ecocidadania Juriti

naquele mesmo ano. E, em 2001, nasceu o Circo Escola de Ecocidadania, o primeiro circo de concreto das Américas.

Ali, unimos a arte circense com educação ambiental, alfabetização digital, comunicação popular e audiovisual. Plantamos sementes que hoje florescem em escolas, ruas, palcos e picadeiros do Nordeste, do Brasil e do mundo.

Foi a partir dessa invenção ousada que rompi os muros entre a escola formal e os saberes populares. Desenvolvi, com uma equipe comprometida, aulas-espetáculo, programas educativos, encontros formativos e espetáculos que falavam desde coleta seletiva de lixo até os direitos das crianças e adolescentes. A arte encontrou a cidadania. A acrobacia se tornou consciência crítica. A palhaçaria virou ferramenta de educação.

Com rigor técnico e amor político, formamos gerações inteiras de artistas. Ética, estética e solidariedade: essa foi, e continua sendo, a nossa trilha.

Como fundadora do Circo Escola de Ecocidadania, tive a honra de colaborar com outros os projetos transformadores. Assessoramos a criação do Circo Escola Pestalozzi, voltado para crianças com deficiência; e o Circo Escola Terra Viva, localizado em um assentamento rural. Como articuladora de comunicação da Rede Circo do Mundo Brasil, promovi colóquios, intercâmbios, oficinas e encontros entre artistas de todo o país. Levei ideias da lona para os conselhos de cultura, de educação, de segurança alimentar e de meio ambiente. E das lonas para as ruas, para os editais, para os pontos de cultura.

Como educadora e pesquisadora, levei o método de Paulo Freire para dentro do picadeiro. Dialoguei com Rolando Toro, Augusto Boal, Fritjof Capra, e com os desafios urgentes do nosso tempo: a sustentabilidade, a igualdade de gênero, o cuidado com a vida.

O Circo Virou Escola da Vida

Ensinei palhaços a entenderem o planeta, ajudei educadores sociais a voarem no trapézio do conhecimento, levei romeiros do Padre Cícero a refletirem sobre ecologia, e botei crianças para fazer ciência enquanto praticavam acrobacias. Vi o circo brotar em cada esquina do semiárido, como um cacto teimoso e resistente.

Minha jornada virou pesquisa, livro, documentário, site, espetáculo.

Em todas essas expressões, pulsa uma certeza: o circo é mais que entretenimento. Ele é espaço de resistência, de afeto, de memória, de cidadania.

E é por isso que, neste catálogo, estou como autora e como personagem. Porque meu corpo, minha escuta, minha escrita estão presentes em cada linha, em cada entrevista, em cada lágrima e em cada riso das mulheres circenses que aqui se apresentam.

Ao lado delas, eu não fui apenas quem perguntou. Fui quem palombou saberes, alinhavou afetos e esticou a lona da memória para que essas histórias pudessem, finalmente, entrar em cena.

E como eu mesma costumo dizer:

“Foi no circo que consegui, de fato, me enxergar de forma inteligente. Portanto, meu verdadeiro lugar de nascimento é o circo.”

Sejam bem-vindos/as ao picadeiro da minha vida, onde pesquisa vira poesia, espetáculo vira escola e circo se transforma em legado.



Dedicatória

Dedicamos este catálogo a todas as mulheres do circo – de ontem, de hoje e às que ainda virão.

Às que nasceram debaixo da lona, às que se encantaram pelos ares do trapézio, às que equilibram corpos, panelas, filhos e sonhos. Às que nunca tiveram seu nome escrito em letras douradas, mas que sustentam, com firmeza e doçura, a estrutura invisível que faz o espetáculo acontecer.

Dedicamos às que palombam a vida como quem costura lona: ponto a ponto, com paciência, coragem e arte. Às que são memória viva e futuro em construção. Às que se reinventam entre o malabarismo da rotina e o voo das possibilidades.

A cada mulher que faz do picadeiro seu palco e da estrada sua morada.

A cada uma que cuida, que ensina, que lidera, que resiste.

A todas vocês, nossas mestras do riso, do pranto e da reinvenção – este catálogo é uma reverência.

Este catálogo é um aplauso de pé.

Este catálogo é por vocês.

Mulheres no Picadeiro: que nunca lhes falte luz, nem rede armada para descansar o corpo, nem plateia para reconhecer o brilho.



Agradecimentos

Senhoras e senhores, meninas e meninos, público querido de todas as idades!
Preparem seus corações para um número final repleto de emoção, brilho e gratidão!
A lona do nosso espetáculo está quase se fechando, mas antes... é hora do GRAN FINALE!

Com o coração palpitando no compasso da batida do tambor e os olhos brilhando como refletores no picadeiro, nós agradecemos — com aplausos de pé, piruetas de carinho e malabares de gratidão — a quem tornou esse espetáculo de memória e afeto possível.

Nosso primeiro aplauso vai para a SECULT Ceará e ao Governo do Estado do Ceará, que apostaram no circo como se aposta no número mais ousado do trapézio: com coragem, com confiança e com muito amor ao povo do circo e à arte! Obrigada por acreditar no circo feito por mãos de mulheres, corações resilientes e corpos em movimento!

Agradecimento especial ao Circo Escola Canoa Criança, nossa casa de sonhos, onde cada lona é costurada com afeto, cada criança é estrela e cada educadora é luz! Esse foi o picadeiro do nosso encontro, o chão firme onde plantamos memórias e colhemos esperança. Em especial a Francisco Edvando Ferreira (nosso querido Louro, que tem o dom de produção), Rosângela da Costa Lima (com o seu excepcional poder de acolher e cuidar) e Poliana Freires, que generosamente secretariou o I Ciclo de Mulheres do Circo Cearense.

Minha gratidão profunda a Claudio Ivo, multiartista, pesquisador e educador que, generosamente, disponibilizou seu baú de memórias das mulheres do circo cearense.

E agora... rufem os tambores!!!

Que o riso seja resistência, que a lona siga armada e que a roda viva do circo continue girando com as mãos dessas mulheres incríveis, que mantêm aceso o fogo sagrado do picadeiro popular.

Obrigada, obrigada, obrigada!

O show não termina aqui — ele apenas se reinventa a cada novo nascer do sol...



Mulheres no Picadeiro: Patrimônio Vivo do Circo Cearnense!

Luzes se apagam, cortina fecha... mas a história continua!

Chamamos ao centro do picadeiro as grandes estrelas da nossa Pesquisa Participante:

Louize Santana – que trouxe a força da ancestralidade circense nas veias e nos ensinou que o afeto também é herança.

Rayara Santana – que nos emocionou com sua escuta generosa e sua fala firme como corda bamba!

Poliana Freires de Andrade Simões – que começou como aluna e hoje é gestora, artista e maquiadora! A mulher do “se vira nos 30”!

Rosângela da Costa Santos – que carrega décadas de ensino no Circo Escola Canoa Criança e fez da arte uma missão de vida!

Maria Clara – que nos lembrou que ser artista também é ser educadora do sentir!

Vitória dos Santos Honorato – que entrou no circo ainda criança e hoje guia novas estrelas no Canoa Criança.

Mayara Carvalho – que superou o medo e fez do circo sua casa, sua bandeira, seu projeto de vida.

Dona Rosenilda – que nos presenteou com sua história de luta, suor e espetáculo – e ainda brilhou na pirofagia, no trapézio e no rola-rola! Viva ela!

A todas as mulheres que foram entrevistadas nesta pesquisa, deixamos aqui nosso eterno aplauso! Vocês são guardiãs da cultura circense, cada uma com seu enredo, sua dor e seu riso, seu figurino vivido e sua sabedoria de picadeiro!

E agora... abrimos o picadeiro da memória viva, para homenagear aquelas cujo legado ecoa como canção de fanfarra no coração do povo:

Dona Zoalinde Pereira Santana que trouxe o circo-teatro para o estado do Ceará.

Dona Uiara Santana – “O circo corre no sangue e nas veias da minha família.”

Dona Mirtes – “No picadeiro encontrei o chão firme pra criar meus filhos e manter acesa a luz do espetáculo.”

Dona Lúcia – “Desde pequena, palhaçaria foi minha voz no mundo. Com ela, eu me fiz presente.”

Dona Cida Vilar – “Sou mulher, sou dona de circo. E sou respeitada por todos, com coragem e dignidade.”



Maria Idelzete Pinheiro — conhecida como a Rainha da cocada preta, tamanha a sua beleza.

Gerileide Feitosa, a mulher suspensa pela força capilar.

Maria de Lourdes Rocha Ribeiro, que transformou a sua trajetória de dor em alegria.

Kelly Silva, que é ponte entre o circo tradicional e o circo social.

À Mestra Lúcia do Coco, que através da itinerância no circo tradicional descobriu sua verdadeira vocação, se tornando uma guardiã da cultura da Taíba.

Janete Calvo, que trouxe para nós a memória viva da sua mãe Jane Maria.

A Maria de Lourdes (Branquinha do Horto), ex-aluna do Circo Escola de Ecocidadania, que encontrou no circo motivação para dar um novo sentido à sua vida.

A Nikaelly Roberta, ex-aluna do Circo Escola Canoa Criança, que teve a coragem de seguir estrada com um circo itinerante.

A Aila Gabriela Ferreira que nos ensina que ressignificou os contornos da dor e substituiu o risco pela criação.

As mulheres da Cia. Carroça de Mamulengo, representada aqui por Maria Gomide, que generosamente respondeu aos questionamentos da pesquisa e disponibilizou seu acervo de imagens.

Cada uma de vocês é como estrela de circo: brilha mais forte quando está no céu da memória do povo!

E a mais profunda gratidão a Francisca Pereira (Fanka) e Ana Vieira Silva que dedicaram um tempo das suas vidas para escreverem sobre nosso catálogo.

Gratidão a Alice Viveiros de Castro, Andrea Vasconcelos, Luiza Brito, Valéria Pinheiro e Louise Santana que se debruçaram no conteúdo do nosso catálogo, participando da live/ Roda de Conversa Mulheres no Picadeiro: Arte, Gestão, Cuidado e Memória.

Agradeço as minhas irmãs Maria do Amparo (Amparito), Maria Auxiliadora (Doinha) e Maria Arcelina (Netinha) que me acolheram nas minhas andanças sempre disponibilizando um cantinho para armar meu cirquinho digital (notebook, gravador e máquina fotográfica) e por me arrodarem de amor e me alimentarem das comidinhas afetivas.

Meu coração é agradecido a Patrícia Lilian que cotidianamente me lembra que disciplina e foco são pilares para a pesquisa.

Sumário

17

Prefácio

29

Pesquisa
Participante

20

Apresentação

41

Lugar de Fala

23

Introdução

90

Legado Feminino
do circo cearense



140

Análise dos dados
da pesquisa

164

Considerações
finais

157

Avaliação da Pesquisa
participante

166

Memorial
Fotográfico

160

Notinhas da
Pesquisadora

179

Posfácio



Prefácio

É importante ser grata por todos os diálogos abertos entre as pessoas que se interessam por pesquisa em circo e pela escuta atenta de cada narrativa e de cada história recontada. Então, antes de falar sobre o livro, quero agradecer imenso pelo convite para participar dessa conversa, desse contato como leitora e pesquisadora em circo, que Cris Diogo me possibilitou com esse convite para prefaciар Mulheres no Picadeiro: Arte, Gestão, Cuidado e Memória do Circo Cearense!

As pesquisas sobre o circo têm se ampliado cada vez mais em nosso estado, diálogos mais abertos e mais flexíveis, de grande contribuição e peso para preservação da memória e do patrimônio imaterial do circo. E isso tem sido feito levando em conta a máxima de “nada sobre nós, sem nós”, os diálogos e os registros acontecem de dentro pra fora respeitando as narrativas, as biografias e se reescrevendo a partir delas.

Esse movimento é de uma lindeza e de uma importância que extrapolam o circo, suas histórias, suas memórias, seus afetos, suas lutas e suas permanências, chegam em outros contextos em que precisam cada vez mais chegar, para fortalecer as políticas públicas de circo em nosso estado.

Gosto de pensar que as histórias recontadas são como energia, uma força que irrompe, nos atravessa, nos sensibiliza e nos dá consciência, fortalece toda essa resistência, é memória ancestral feminina circense, circulando em páginas, diálogos e rodas de conversa. O encontro das mulheres da lona com as mulheres do circo social, a partilha de suas conquistas e de suas dores numa sociedade patriarcal, misógina dá o tom de tudo que será lido e de toda a emoção gerada pela leitura dessas narrativas das mulheres de circo.

A presença feminina na arte circense é lírica e resiliente, está nas bilheterias, no trapézio, na gestão do circo, no cuidado, na maternagem, na contação dos “dramas”, é içagem dos cabos de sustentação das lonas e é brilho. Está nas meninas que descobriram a arte circense no circo social e fizeram deste espaço, seu labor e sua paixão. Mas são histórias, de um modo geral, invisibilizadas, que este catálogo/livro/pesquisa nos traz de uma forma simples e emocionante, em que nas rodas de conversa com essas mulheres, foram costuradas pelas retrosarias do circo, pela palombagem, como um quadro rico e humano sobre a presença das mulheres no circo.

Em círculos, elas compartilharam seus conhecimentos, seus fazeres, seus cotidianos e escreveram, ali pertinho do mar, no Circo Escola Canoa Criança uma nova história, contada de frente umas para as outras, reabrindo feridas e sendo curadas pelo acolhimento, afeto

e partilha. São histórias fortes, de mulheres fortalezas, mas que em nenhum momento são romantizadas nas suas dores e nas suas dificuldades narradas, simplesmente pelo fato de serem mulheres neste mundo vil, na itinerância, nos espaços cênicos do circo de lona, no ensinar e no aprender no circo social, todas elas encontram dificuldades em existir como artistas.

Outra característica importante deste catálogo, como foi chamado pela autora, é a descrição da metodologia de pesquisa que foi utilizada no círculo de mulheres, para tornar possível a fluidez dessas narrativas, na perspectiva da pesquisa participante e dos círculos de cultura de Paulo Freire, oficinas e vivências possibilitaram um diálogo horizontal e uma abertura para que esse encontro fosse também catarse e cura. Num olhar mais de pesquisadora, percebo também que esse modelo possibilitou a criação de categorias nativas (quando os conceitos e classificações emergem diretamente do campo) para construção dessa análise, objeto do projeto que deu origem ao catálogo. A partir do gesto de palombar (costurar as lonas), as mulheres foram “palombando histórias”, e se abrindo para temas cotidianos e muitas vezes sensíveis, que foram desde questões ligadas à pobreza menstrual, aos amores, às lutas pela sobrevivência e à violência de gênero na nossa sociedade.

Nas narrativas, a memória coletiva feminina das mulheres do circo cearense se fez história e afeto, encontrou semelhanças nas dores e nas alegrias, nos encantos e na violência e misoginia. Nos círculos e na etnografia dos objetos (fotografias, figurinos e lembranças guardadas foram trazidas para roda, para palombar coletivamente as histórias), o riso e o choro atravessaram as memórias de cuidado com os filhos, do preparo da alimentação, da limpeza dos espaços, das tarefas cotidianas relegadas às mulheres por costume ou por desprezo e machismo, de um peso que costuma ser carregado sozinho por elas. Mas as mulheres do circo irrompem estereótipos, giram na força capilar e no trapézio, na rumba e na gestão dos espaços de circo, no ensino das técnicas circenses nas escolas e na poética que persiste, permanece e se impõe.

Cada história deve ser lida com calma e atenção, é história viva, se repete em outros cenários e outros contextos, é sobre mulheres, mulheres de circo. Ao ler essas narrativas, lembrei-me que meu primeiro contato com as histórias do circo, veio pela apresentação à Dona Uiara Santana, que em poucos minutos já me encantou com um universo completamente novo, com brilho nos olhos me falou da sua paixão e de seus projetos, ali fiquei e ali me encontro, me encantando todos os dias com a cultura circense. Dona Uiara me abriu seu álbum de vida, de fotografias de um tempo narrado pela sua própria história e lá em 2010, permaneço, me emocionando com as mulheres de circo. Tenho certeza que vocês também irão se emocionar.

Por fim, o catálogo ainda nos presenteia com dados sobre a presença das mulheres no circo em nosso estado, possibilitando que outras/es pesquisadoras/es possam apropriar-se dessas informações e que bom, porque quanto mais mulheres se interessam por histórias de outras, mas avançamos nessa luta por equidade de gênero.

Ana Vieira Silva

Socióloga/Mestra em Sociologia/Gestora Cultural/Pesquisadora/Professora.

@anavieirasilvaprofa

@sankofagestaocultural



Apresentação

A pesquisa “Mulheres no Picadeiro: Arte, Gestão, Cuidado e Memória do Circo Cearense”, realizada pela pesquisadora Cristina Diôgo, promovida pelo I Círculo de Cultura das Mulheres do Circo Cearense, ressalta uma verdade cada vez mais incontestável no século XXI: as mulheres sempre desempenharam um papel central na construção dos territórios regionais e nacionais, desafiando as narrativas que insistem em apagá-las da memória cultural brasileira. No âmbito do circo, embora frequentemente negligenciada pelos estudos oficiais, a presença feminina sempre esteve profundamente inserida na memória popular.

Minha infância, por exemplo, foi marcada pelo circo, aquela forma de arte na qual o palhaço encantava e divertia o público – esperado com entusiasmo pelo “respeitável público” adulto, mas também pelas crianças, que aguardavam com alegria cada espetáculo. Minhas lembranças são a prova viva de que as mulheres sempre fizeram parte desse cenário, atuando como artistas no picadeiro. Porém, essa presença ainda é pouco destacada nas narrativas oficiais sobre a história do circo, notadamente, no Ceará.

Infelizmente, o apagamento feminino na história não se restringe ao universo circense, mas também ocorre em outros segmentos da arte nordestina, como os folhetos (cordel), as cantorias de repente, a dança do coco, entre tantas outras manifestações das culturas regionais e nacionais. Os arquivos oficiais, frequentemente utilizados como base da educação no Brasil, têm historicamente ignorado – e ainda ignoram – a participação das mulheres na cultura. Essa omissão acaba por alimentar ou mesmo sugerir a falsa ideia de que não existe uma tradição feminina na construção dos saberes do país. No entanto, essa visão distorcida não corresponde à realidade. As mulheres sempre estiveram presentes, resistindo aos cânones dominantes das artes em geral, mesmo quando eram invisibilizadas.

É nesse contexto que o catálogo de Cristina Diôgo se destaca como uma contribuição indispensável aos estudos circenses, ao trazer à tona e reafirmar as vozes femininas nesse campo, sobretudo para a construção da memória das mulheres nordestinas, artistas circenses. Cada vez mais se revelam os “matrimônios” (LEMAIRE, 2023) – no sentido etimológico da palavra –, entendidos como os legados deixados pelas mulheres às suas filhas.

Um exemplo ilustrativo apresentado na pesquisa é o de Zoalinde Pereira, precursora do circo-teatro cearense, que transmitiu seus saberes e fazeres para sua filha, Uiara Santana.

A questão da terminologia, entretanto, traz reflexões importantes. O uso recorrente da palavra “patrimônio” – cujo significado original remete a bens deixados pelos homens aos seus filhos na linhagem masculina – é colocado em discussão, sobretudo ao se tratar de conhecimentos e bens, tanto materiais quanto imateriais, provenientes de culturas não masculinas.

Há uma rica teia de saberes diversos que as mulheres artistas do picadeiro carregam. Esses conhecimentos derivam de um universo criativo, repleto de ações, artes, produtos, processos e performances, que dão vida à teatralidade e ao jogo performático do circo, por suas mãos e corpos. Nessas arenas, as mulheres atuam não apenas como criadoras, gestoras e artistas, mas também como “mães, cuidadoras, costureiras, professoras, donas de circo, que ajudam a montar, desmontar e manter vivo o circo com ou sem holofote”, conforme ressalta Cristina Diôgo em sua apresentação. Essa multiplicidade de papéis evidencia a mulher criativa e criadora de mundos que carrega ofícios.

O catálogo celebra essa agência viva, revelando não apenas a existência de um território feminino essencial para compreender a cultura cearense, mas também a inestimável contribuição dessas mulheres na construção do circo nordestino-cearense, como um espaço de múltiplas performances — teatro, dança, música, poesia e outras manifestações. Ao fazê-lo, o presente trabalho de pesquisa cumpre uma missão histórica de grande relevância: reparar a invisibilidade à qual essas mulheres foram submetidas, reconhecendo e celebrando sua importância única para a cultura cearense e para a memória do circo.

Francisca Pereira dos Santos (Fanka)

Professora da Universidade Federal do Cariri

Dra. em Literatura e Cultura

Pós Doutorado em Linguística (Universidade Poitiers - França)

Pós Doutorado em Educação (Universidade Federal do Ceará)



Introdução

Essa pesquisa é um gesto de reconhecimento, reparação e celebração. Ela dá forma e visibilidade ao projeto “Mulheres no Picadeiro: Arte, Gestão, Cuidado e Memória do Circo Cearense”, uma iniciativa que emergiu do desejo de lançar luz sobre as múltiplas dimensões da presença feminina no universo circense do Ceará.

Historicamente invisibilizadas, ou reduzidas a papéis secundários, as mulheres do circo constroem cotidianamente a cultura circense com corpo, afeto, técnica, criatividade e resistência. Elas estão no trapézio e na bilheteria, na lona e na contabilidade, nos ensaios e na maternagem. São artistas, gestoras, cuidadoras, mestras, criadoras e inovadoras. Este projeto se debruça sobre essas trajetórias que dançam entre a tradição e a reinvenção, e que foram historicamente apagadas pelas lentes patriarcais da cultura popular.

O projeto nasceu da necessidade de registrar, valorizar e partilhar a memória dessas mulheres que sustentam os bastidores e brilham nos picadeiros, e se materializou a partir de uma pesquisa participante, conduzida em diálogo horizontal, com as próprias circenses. O ponto alto foi o I Círculo de Mulheres do Circo Cearense, realizada em outubro de 2024, na vila de Canoa Quebrada, onde oito mulheres, indicadas por suas comunidades circenses, tornaram-se entrevistadas e entrevistadoras. A partir de suas vivências e registros — escritos, orais, visuais — este catálogo se constrói como um grande tecido coletivo de memória.

Mulheres no Picadeiro

Esta pesquisa foi feita para ouvir, valorizar e dar visibilidade às histórias das mulheres do circo cearense. Mulheres que são artistas, mães, cuidadoras, costureiras, professoras, donas de circo, que ajudam a montar, desmontar, e manter vivo o circo — com ou sem holofote.

Fizemos uma pesquisa participante, ou seja, quem participou da pesquisa também ajudou a pesquisar. Durante três dias, oito mulheres circenses se encontraram na praia de Canoa Quebrada, no Circo Escola Canoa Criança. Lá, elas foram sensibilizadas a contar suas histórias e a entrevistar outras mulheres do circo, como verdadeiras pesquisadoras.

Nesse encontro, fizeram rodas de conversa, oficinas, apresentações e atividades criativas. Uma delas protagonizou a construção, com as próprias mãos e ensinando as outras participantes, de uma réplica de um circo. Dona Rosenilda, que nasceu e cresceu no circo, ensinou a “palombar” — que é o jeito de costurar a lona do circo, um trabalho feito em família antigamente. Esse momento foi cheio de emoção, troca de saberes e memória viva.

A pesquisa mostrou que essas mulheres:

Se apresentam no picadeiro com coragem, em números de trapézio, acrobacia, dança, malabares, equilíbrio e outros.

Cuidam de tudo no circo: contas, comida, roupas, saúde das crianças, limpeza e até da montagem da lona.

Ensinam aos filhos e a outras crianças, para que o saber do circo continue com as novas gerações.

Sofrem preconceito, muitas vezes por serem mulheres, por estarem no circo, por serem pobres.

Seguem firmes, mesmo com dificuldades como falta de banheiro, falta de apoio, machismo, maternidade, menstruação e menopausa sem cuidado.

A abordagem metodológica seguiu os princípios da pesquisa participante, tal como formulada por Carlos Rodrigues Brandão, aliada às ferramentas da história oral e dos estudos de gênero e performance. Assim, valorizamos o saber da partilha, o conhecimento

cotidiano, o afeto como forma de escuta e a expressão artística como forma legítima de narrativa. Utilizamos rodas de conversa, entrevistas, acervos pessoais e oficinas criativas para que cada mulher se expressasse a partir de sua própria linguagem.

O referencial teórico que norteia o projeto articula vozes, como: Leila Maria Martins, Judith Butler, Simone de Beauvoir, Bell Hooks, Stuart Hall, Richard Schechner, Clifford Geertz e Paul Thompson, entre outros, que nos ajudam a pensar o gênero como performance, o corpo como território de resistência e a cultura como espaço de disputa simbólica.

Este catálogo apresenta os resultados dessa caminhada coletiva. Reunimos aqui relatos de vida, registros imagéticos, reflexões críticas, análises sobre o papel das mulheres na gestão, na arte, na transmissão de saberes e no cuidado social dentro do circo cearense. Trata-se de uma publicação pensada para circular entre artistas, educadores, gestoras culturais, pesquisadores, crianças do circo e, também, nos espaços institucionais e acadêmicos, como forma de incidência política e afirmação cultural.

É um convite à continuidade: que novas gerações de mulheres circenses possam se reconhecer aqui, que suas histórias inspirem outras, e que a luta por igualdade e reconhecimento, dentro e fora do picadeiro, siga em marcha, cada vez mais coletiva, afetiva e insurgente.

Sonham com dias melhores e com mais apoio do governo e da sociedade para manter o circo vivo.

Algumas dessas mulheres são jovens e começaram no circo social (como Maria Clara, Poliana e Vitória). Outras vieram do circo tradicional, com histórias de vida duras, mas cheias de superação (como Dona Uiara, Dona Mirtes, Dona Lúcia, Dona Rosenilda e Dona Cida Vilar).

Elas mostraram que o circo transforma vidas. Ajuda a vencer a timidez, a falar em público, a ganhar autoestima. Ajuda a criar sonhos, a ter esperança.

Durante a pesquisa, uma mulher percebeu, pela primeira vez, que foi vítima de violência sexual no passado. Isso só aconteceu porque ela foi ouvida com respeito, em um espaço seguro. A pesquisa serviu também como cura, acolhimento e coragem para muitas.

Como disse uma das participantes, Louize Santana:

“Às vezes, a gente vive a vida correndo e não percebe como a nossa história é bonita, forte, transformadora. Agora a gente viu isso.”

O que queremos agora?

Que mais pessoas conheçam essas histórias.

Que as mulheres do circo sejam respeitadas, apoiadas e lembradas em políticas públicas.

Que seus nomes, seus rostos e suas vozes estejam presentes na história da cultura do Ceará e do Brasil.

Porque o circo não vive sem mulher. E a mulher do circo é força, é brilho, é resistência.

Que esse catálogo seja um grito de vida, de memória, de orgulho e de esperança.





1 Círculo de Mulheres do Circo Cearense

**22 A 24 DE OUTUBRO DE 2024
CANOA QUEBRADA - CE**

Projeto de pesquisa Mulheres no Picadeiro:
Arte, Gestão, Cuidado e Memória do Circo
Cearense.



Pesquisa Participante

Vozes e Vivências do I Círculo de Mulheres do Circo Cearense Canoa Quebrada, 22 a 24 de Outubro de 2024

Entre os dias 22 e 24 de outubro de 2024, a vila de Canoa Quebrada, no litoral leste do Ceará, se tornou palco do I Círculo de Mulheres do Circo Cearense, realizado na sede do Circo Escola Canoa Criança. O encontro reuniu oito mulheres circenses — quatro do circo tradicional e quatro do circo social — em uma experiência de escuta, partilha e construção coletiva de saberes, memórias e denúncias.

Mediado pela socióloga Ana Cristina Diôgo Gomes de Melo, responsável pela condução metodológica da pesquisa participante, o círculo propôs uma imersão sensível no cotidiano das mulheres que vivem e sustentam o circo com seus corpos, afetos e resistências. Foram dias marcados por trocas potentes, onde as narrativas individuais se entrelaçaram para formar um tecido coletivo de experiências marcadas por trabalho invisível, resistência feminina, desigualdade de gênero, racismo, maternidade, pobreza menstrual, precariedade das políticas públicas e sonhos de futuro.

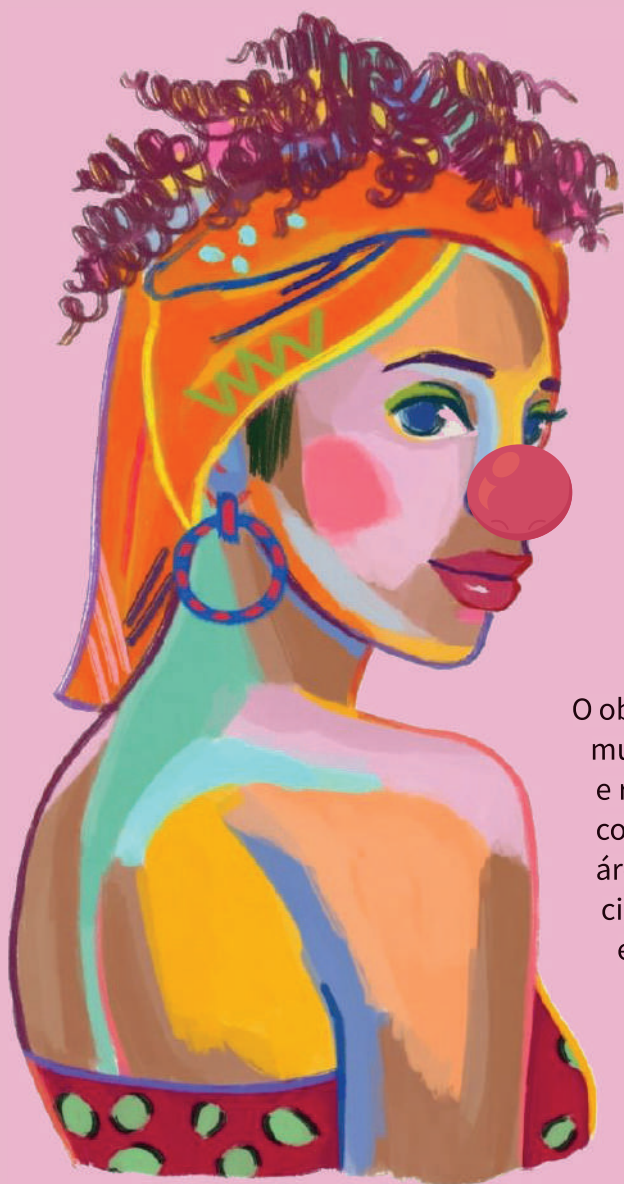
Ao adotar a metodologia dos círculos de cultura freireanos, este processo valorizou a oralidade, o afeto e a escuta ativa como caminhos para a produção de conhecimento. Em vez de entrevistas formais, foram construídas rodas de conversa, oficinas criativas e momentos de livre expressão, permitindo que cada mulher falasse a partir de sua própria vivência, no seu tempo e com sua linguagem.

Vamos entrar em contato com os resultados dessa vivência compartilhada, não apenas como dados de uma pesquisa, mas como documentos vivos de memória, denúncia e afirmação política. As vozes aqui registradas são testemunhos de uma arte que pulsa nas periferias, nos terrenos baldios, nas lonas improvisadas e nos corpos que dançam, equilibram, cuidam e sonham — mesmo diante da escassez e da exclusão.

Ao dar visibilidade às histórias dessas mulheres, reafirmamos que o circo é também território de luta feminista, de criação popular e de reinvenção cotidiana. Que suas palavras ecoem, inspirem e mobilizem novas alianças entre cultura, gênero, justiça e transformação social.

Projeto de pesquisa Mulheres no Picadeiro:

Arte, Gestão, Cuidado e Memória do Circo Cearense



O objeto desse projeto é a análise e compreensão do papel da mulher no circo cearense, examinando as diversas funções e responsabilidades desempenhadas pelas mulheres nesse contexto específico, explorando suas contribuições nas áreas de performance artística, gestão e administração circense, transmissão de conhecimento, cuidado social, empoderamento feminino, inovação artística e outros aspectos relevantes.

Pesquisar o papel da mulher no circo cearense, colocando-as no centro do picadeiro como artistas performáticas cearenses: nas acrobacias ousadas, no malabarismo habilidoso, no equilíbrio desafiador, no contorcionismo surpreendente ou na dança envolvente, essas mulheres enriquecem a expressão artística e cultural do circo. Nos bastidores, algumas delas assumem posições de liderança na administração e gestão dos circos cearenses.

Desempenhando papéis fundamentais nos aspectos financeiros, logísticos e operacionais, elas dedicam-se a ensinar e compartilhar suas habilidades, garantindo que as práticas culturais do circo sejam transmitidas para as gerações futuras. Seu papel como guardiãs do conhecimento circense é vital para a perpetuação dessa forma única de expressão artística. Elas são arquitetas do cuidado social.

Responsáveis pelo bem-estar emocional e físico dos membros da trupe, elas constroem laços familiares e oferecem suporte nos momentos desafiadores. Seja na alegria do espetáculo ou nos momentos de dificuldade, desempenham um papel fundamental na coesão e apoio da comunidade circense. Desafiam estereótipos de gênero e buscam o empoderamento feminino, inseridas na luta pela igualdade.

O resultado dessa investigação revela uma tapeçaria complexa e inspiradora de contribuições que vão além das luzes do palco. Essas mulheres são protagonistas na preservação das tradições, na gestão eficaz, na transmissão de conhecimento, no cuidado social, na promoção da igualdade de gênero e na inovação artística. Seu legado é uma parte intrínseca e vital da rica história circense do Ceará, que vai dar nomes e caras a essas mulheres, utilizando a metodologia da pesquisa participante.

Análise de Documentos Históricos, Registros e Materiais Relacionados ao Circo Cearense.

Entrevistas e Testemunhos:

Condução das entrevistas com as oito mulheres do circo cearense, incluindo artistas, gestoras, administradoras e outras envolvidas na comunidade circense, que se tornarão as entrevistadoras das outras mulheres dos circos que pertencem e de outros circos, coletando testemunhos para entender experiências individuais e perspectivas sobre o papel das mulheres no circo.

Perguntas Norteadoras das Rodas de Conversas:

Onde estão essas mulheres dos circos cearenses que desempenham papéis importantes como artistas performáticas, tais como: acrobacias, malabarismos, equilibristas, contorcionismos, danças, entre outras habilidades? Suas performances contribuem significativamente para a expressão artística e cultural do circo?

As mulheres assumem papéis de liderança na administração e gestão de circos cearenses são responsáveis por aspectos financeiros, logísticos e operacionais do circo?

Como desempenham um papel crucial na manutenção e prosperidade do espetáculo?

As mulheres do circo cearense são responsáveis por transmitir suas habilidades e conhecimentos para as gerações mais jovens?

Como elas desempenham um papel fundamental na preservação das tradições circenses e na garantia da continuidade das práticas culturais específicas do circo?

Como as mulheres desempenham papéis importantes no cuidado e apoio social? Elas são responsáveis pelo bem-estar emocional e físico de outros membros da trupe, criando laços familiares e oferecendo suporte nos momentos difíceis?

Como as mulheres participam da narrativa artística dos espetáculos circenses? Seja como personagens centrais em números específicos ou como parte integrante de histórias contadas por meio da performance, elas contribuem para a riqueza e diversidade das apresentações circenses?

Como vem se dando a conscientização sobre a igualdade de gênero entre as mulheres do circo? Como se caracteriza essa relação de gênero no cotidiano dos circos? Como elas vêm buscando ativamente o empoderamento feminino, desafiando estereótipos de gênero e dando visibilidade de sua importância em todos os aspectos da vida circense?

Como as mulheres do circo cearense têm desempenhado papéis-chaves na introdução de novas formas de expressão artística e inovação?

Como elas podem trazer perspectivas únicas e abordagens criativas para suas performances, enriquecendo a experiência circense?

Como as mulheres no circo cearense convivem com a menstruação, maternidade e a menopausa?

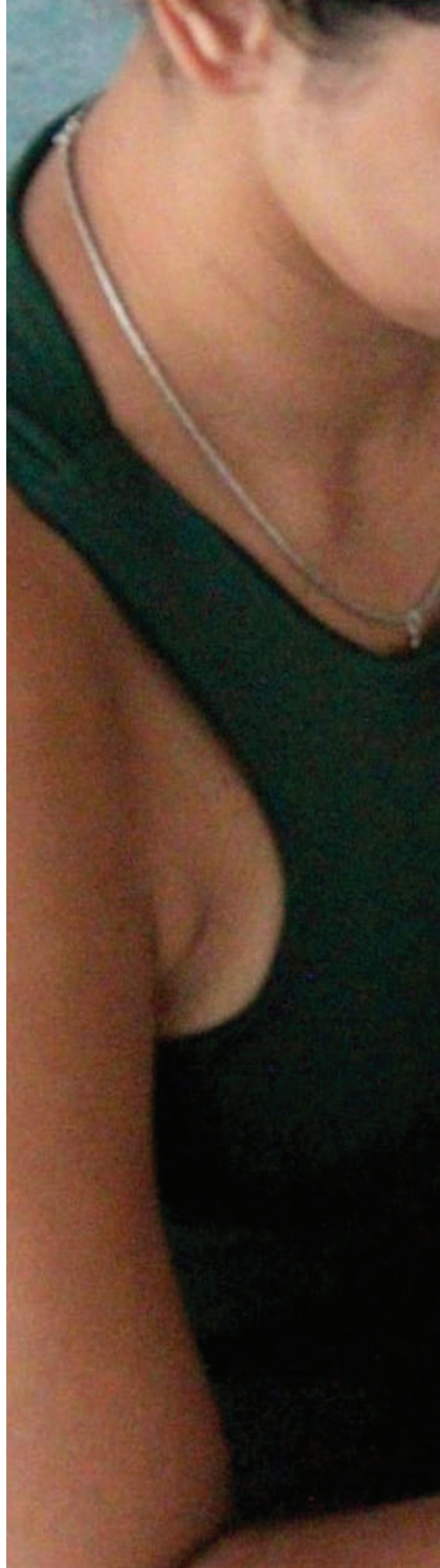
Como elas enfrentam o acesso limitado a banheiros adequados e a necessidade de lidar com a higiene pessoal em condições menos convencionais durante a menstruação?

Como elas apoiam-se mutuamente e compartilham estratégias para lidar com questões relacionadas à menstruação?

Como as mulheres no circo cearense podem conciliar suas responsabilidades artísticas e administrativas com a maternidade? Como fazem a adaptação de horários de apresentações, envolvimento da comunidade circense nas responsabilidades de cuidado e apoio mútuo entre as mães?

Como as crianças nascidas em famílias circenses recebem educação itinerante, acompanhando suas mães nas viagens? Qual o papel ativo que essas mulheres desempenham na educação de seus filhos, adaptando-se às condições itinerantes?

Como as mulheres do circo encaram a menopausa onde passarão por mudanças físicas e emocionais? Como compartilham experiências e estratégias para lidar com os sintomas da menopausa?





Palombar

Palavra apresentada por Mestra Rosenilda de 66 anos no momento da sua autoapresentação na primeira roda de conversa do I Círculo de Mulheres do Circo Cearense

Próprio do vocabulário circense. Ato de costurar a lona do circo. Muitas vezes essa tarefa era feita de forma coletiva por todos os familiares e artistas que viviam no circo.



Dinâmicas do I Círculo de Mulheres do Circo Cearense

Relato das Atividades Desenvolvidas nos Dias 22, 23 e 24 de Outubro de 2024 – Canoa Quebrada – CE

Primeiro Dia – Manhã

Apresentação da Proposta da Pesquisa e Dinâmica de Apresentação

O encontro começou com um acolhimento coletivo, em clima de encantamento e escuta afetiva, realizado na sede do Circo Escola Canoa Criança, em Canoa Quebrada – CE. A socióloga Ana Cristina Diôgo Gomes de Melo, proponente e mediadora da pesquisa participante, apresentou a proposta geral do I Círculo de Mulheres do Circo Cearense, contextualizando os objetivos da investigação e o papel central da escuta das participantes para a construção do catálogo de memória e valorização das mulheres circenses.

Em seguida, foi realizada uma dinâmica de apresentação, em que cada mulher foi convidada a se apresentar de forma livre, utilizando a fala, e olhando para um pirulito colorido, proposta pela mediadora para provocar um sentimento de doçura ao acessar suas memórias sobre o circo. Foi nesse momento que emergiu espontaneamente a proposta de construir uma réplica de circo, inspirada pela fala de Dona Rosenilda, que, ao narrar sua trajetória de vida, revelou seu profundo conhecimento em palombar lonas – termo do vocabulário circense que designa o ato de costurar manualmente as lonas do circo.

O gesto de palombar, segundo ela, era mais que trabalho: era memória afetiva, era história de família. Nascida e criada em circo, Dona Rosenilda trouxe em suas mãos os saberes acumulados de décadas, envolvendo corte, alinhavo, ponto firme e criatividade. A partir desse depoimento, nasceu o momento “Palombando Histórias”, que viria a se tornar uma das experiências mais simbólicas do evento, extrapolando os horários formais da programação e se fazendo presente inclusive nos intervalos, como um fio de costura que unia mulheres de diferentes gerações em troca de experiências e risos.

O Palombando Histórias tornou-se um espaço espontâneo de socialização de saberes manuais e afetivos, onde a confecção simbólica de um minicirco – com retalhos, estacas improvisadas, memória e delicadeza – se transformou num ato político de preservação e transmissão do saber feminino no circo.





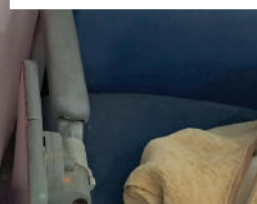
Primeiro Dia – Tarde

Dinâmica: Construindo Uma Réplica de Circo e Apresentação de Acervos Pessoais

Dando continuidade à ideia que nasceu na manhã, a tarde foi dedicada à dinâmica de construção da réplica de circo, uma atividade colaborativa onde todas as mulheres se envolveram com entusiasmo, seja costurando, desenhando, montando estruturas, ou apenas observando e comentando com alegria.

Durante esse momento, as falas continuavam a surgir de forma espontânea e potente. Cada ponto na lona era também uma narrativa costurada à história de vida das participantes. As mais jovens escutavam com admiração as técnicas partilhadas por mulheres como Dona Rosenilda, que explicava passo a passo como se fazia uma lona artesanal em sua infância, com sacos de farinha reaproveitados e costuras reforçadas com linha de pesca.

Paralelamente, foi aberta a apresentação dos acervos pessoais, momento em que as mulheres compartilharam fotos antigas, cartazes de espetáculos, figurinos guardados, objetos cênicos, cartas e outros registros. Os objetos desencadearam lembranças e sentimentos, dando densidade ao processo de escuta e ativação da memória. Cada acervo se revelou como um tesouro de identidade, revelando o quanto a história das mulheres de circo é rica, plural e, muitas vezes, invisibilizada.





Segundo Dia – Manhã

Roda de Conversa: Desafios das Mulheres Circenses

O segundo dia iniciou com uma roda de conversa potente e comovente sobre os desafios enfrentados pelas mulheres circenses, tanto no tradicional quanto no circo social. As falas giraram em torno de temas, como: a itinerância, a sobrecarga das mulheres nos cuidados com a família, o machismo ainda presente no meio artístico, a escassez de políticas públicas de apoio à saúde e à maternidade, a precariedade das estruturas dos circos, e o apagamento histórico da contribuição feminina para o picadeiro.

A roda revelou o quanto as mulheres são protagonistas silenciosas da história do circo no Ceará e no Brasil. Muitas vezes, além de artistas, são mães, gestoras, costureiras, cozinheiras, montadoras de lona, bilheteiras e palhaças. Relatos de violência, superação e resistência emocionaram a todas e fortaleceram o sentido de coletividade e pertencimento.



Segundo Dia – Tarde

Dinâmica: Construção Coletiva do Roteiro de Entrevistas

A tarde foi dedicada à construção coletiva do roteiro de entrevistas com mulheres circenses. A metodologia participativa foi fundamental para garantir que as perguntas contemplassem as realidades vividas pelas próprias mulheres. Foram levantadas questões sobre a infância no circo, o primeiro número, experiências com o machismo, sonhos não realizados, maternidade circense, saúde, relação com os filhos, envelhecimento no picadeiro, entre outras.

Esse momento foi, também, uma grande aula de escuta sensível e construção conjunta do conhecimento, reafirmando o compromisso da pesquisa com o protagonismo das participantes em todas as etapas do processo.

Terceiro Dia – Manhã

Vivência Circense com Educandas do Circo Escola Canoa Criança

A manhã do terceiro dia foi marcada por um momento intergeracional de rara beleza: a vivência circense entre as mulheres participantes e as crianças e jovens educandos do Circo Escola Canoa Criança. As mulheres compartilharam técnicas, brincadeiras, histórias e risadas com os pequenos. Algumas demonstraram movimentos acrobáticos, outras ajudaram a maquiar as crianças, e outras apenas assistiram com ternura.

Foi uma cena de passagem de bastão simbólica, onde as novas gerações puderam olhar para aquelas mulheres como mestras, referência e inspiração. O circo se revelou, mais uma vez, um espaço onde a vida e a arte se entrelaçam.





Terceiro Dia – Tarde

Elaboração do Plano de Pesquisa e Apresentações Circenses

Na parte da tarde, foi realizado um momento de sistematização e elaboração do plano de continuidade da pesquisa, com definição de cronograma e prazos. As mulheres se envolveram com ideias e propostas, como futuras formações, oficinas, rodas de memória e novos círculos.

O encerramento se deu em grande estilo, com uma apresentação circense especial para os educandos da Escola de Circo, protagonizada por algumas das participantes do encontro. Em uma roda potente, houve pirofagia, palhaçaria, acrobacia e roda de palmas. Dona Rosenilda, apesar dos anos, emocionou a todos ao subir no rola-rola japonês e demonstrar, com bravura e leveza, que a arte do circo habita eternamente o corpo das mulheres que o carregam na alma.

Assim, o I Círculo de Mulheres do Circo Cearense terminou como começou: com afeto, memória e magia, costurados ponto a ponto, como quem palomba uma história para que ela nunca mais se desfie.





Lugar de fala

Reencontrar as memórias é um convite para embarcar também nas histórias que muitas vezes estão bastante carregadas de emoções e sentimentos. Esse percurso de acessar lembranças, e apresentar para outras pessoas, é também um ensaio de confiança, de entrega sobre todos os atravessamentos que as vivências nos dão.

Louise Santana e Rayara Santana apresentam um pouco da trajetória de suas avós, Zolinde Pereira Santana e Maria Uiara Santana.





Palombando nossa história

Palombando Memórias

Para Rayara e Louise, a memória de sua bisavó Zoalinde é uma força que pulsa viva dentro de si e entre as mulheres da sua família. Zoalinde não foi apenas uma matriarca. Foi, como descreve Rayara, “a liga que unia todo mundo”: seus filhos, netos, colegas de picadeiro, discípulos e artistas que passaram por seu círculo, deixando raízes no circo cearense. Conhecida como Rainha do Xangô, Zoalinde representava, ao mesmo tempo, poder, espiritualidade, liderança e uma profunda consciência racial e de classe.

Zoalinde era viúva, negra, de origem mineira, e sobreviveu ao abandono, à dor e à violência de gênero com uma força que moldou gerações. O marido, alcoólatra, tirou a própria vida após uma separação definitiva. Ela, aos 28 anos e com filhos pequenos, transformou essa tragédia em combustível para sua autonomia. Assumiu a liderança do circo familiar, educou os filhos — entre eles Uiara, avó de Rayara e Louise — e acolheu artistas que mais tarde formariam seus próprios circos.

Seu nome, Zoalinde Pereira Santana, sempre lhe incomodou. Não por vaidade, mas por consciência histórica. Zoalinde dizia que o “Santana” não combinava com seu nome africano, pois era “nome de senhor”, nome herdado da escravidão. Ela recusava ser chamada de “descendente de escravo”. Para ela, sua família vinha de pessoas escravizadas à força, e era isso que ela ensinava às netas e bisnetas: orgulho de sua negritude, de seu cabelo afro, de seu nariz largo, de seu corpo preto. Era ela quem dizia, sem rodeios: “Você é preta, sim. Tá vendo seu cabelo?”.

E foi nessa fala firme que ela construiu sua autoridade. O que dizia, virava lei no circo. Mas era uma autoridade amorosa, acolhedora, que unia, que cuidava. Como afirma Rayara, Zoalinde era um elo e, depois que ela partiu, a família se afastou, o círculo perdeu um pouco do calor ancestral que ela irradiava.

Zoalinde também foi precursora de um circo que fazia teatro, drama, grandes produções que emocionavam. Era um tempo em que o picadeiro também era palco de lágrimas e de denúncia, e não só de riso. E, além disso, era uma mulher religiosa — em seus ciclos de vida, foi devota de Xangô, depois seguidora de outras fés, inclusive evangélica, nos seus últimos anos. Essa mistura de crenças revela a diversidade e a complexidade que marcam tantas mulheres negras no Brasil: raiz africana, fé sincrética, espiritualidade viva.

Seu legado continua ecoando na trajetória das mulheres de sua linhagem, como Rayara, que hoje reconhece: a tarefa não é apenas lembrar do passado, mas garantir que as mulheres do circo de hoje tenham acesso à educação, saúde, autonomia, liberdade artística e proteção contra a violência que atravessou tantas gerações. “Pra elas, não foi bonito como é pra gente agora. Teve dor. Mas hoje a gente luta, porque ela ensinou a não se calar.”

Memórias de Matriarcas: A Autoridade, o Afeto e o Cuidado no Circo Familiar

Ao narrar a trajetória de sua família, Rayara e Louise tecem uma verdadeira tapeçaria de matriarcas que conduziram a arte circense no Ceará com firmeza, ternura e sabedoria. O nome de Zoalinde, sua bisavó, reverbera com imponência: uma mulher negra, de quase um metro e oitenta, que comandava o circo com respeito e destemor. Quando homens perguntavam “Quem é o dono do circo?”, ela respondia com altivez: “Pois não, senhor. Sou eu.”

Para manter a ordem, a dignidade e o respeito em um ambiente predominantemente masculino, Zoalinde sabia impor limites. Recusava qualquer associação da mulher circense com promiscuidade — uma herança discriminatória que ainda assombra parte do imaginário popular. Em suas palavras e gestos, deixava claro: “Em casa de mulher viúva, ninguém manda. Quem manda sou eu.” Sua autoridade não era imposta pela violência, mas emanava da integridade, da presença, da história de luta. Era ela quem contratava, negociava com capatazes, mantinha a moral do circo de pé — literalmente e simbolicamente.

Ao lado de Zoalinde, a memória da avó Uiara também ocupa um espaço singular. Menos formal, mais afetiva, ela transitava entre a doçura e a sabedoria, equilibrando vida artística e cuidado familiar. Deixou o circo quando as necessidades da vida a puxaram para outros espaços — concursos públicos, maternidade, o cuidado com os netos. Mas nunca abandonou o universo circense. Carregava o circo no coração, mantinha os vínculos vivos com artistas da velha guarda e fazia questão de levar os netos às lonas sempre que um circo chegava à cidade.



Relatam as bisnetas de Zoalinde, foi uma geração inteira com baixíssimo acesso à educação formal. Homens e mulheres analfabetos, sem documentos regulares, sem acesso à aposentadoria, a auxílios, a concursos, à carteira de habilitação — excluídos de seus direitos mais básicos.

A saúde era outro campo de abandono. Muitas crianças morreram de cólera, picadas de escorpião, ou infecções evitáveis. Mulheres adoeciam em silêncio, sem qualquer assistência ginecológica ou obstétrica. As histórias que circulavam no seio das famílias circenses, como a de uma filha nascida com sífilis, e de outros filhos perdidos pela falta de tratamento, revelam uma negligência histórica que atravessou gerações.

Mas havia também resistência. Zoalinde, bisavó, e Uiara, avó, sabiam da importância de garantir o que podiam às suas filhas e netas. “Minha vó dizia que eu tinha que estudar, que eu tinha que ir em frente.” E foi assim que Uiara se formou técnica em enfermagem, prestou concurso público e tornou-se servidora federal. Seu percurso de ida e volta, entre o circo e o mundo dos direitos civis, tornou-se exemplo para outras meninas da família — que hoje lutam por reconhecimento institucional, inclusão digital e memória preservada.

O Corpo Feminino e o Estigma

Ao longo do século XX, as mulheres circenses foram alvo de estigmas que associavam seu modo de vida à promiscuidade. Por serem itinerantes, autônomas e visíveis, eram confundidas com “mulheres públicas” — no sentido pejorativo do termo. Os homens desejavam, mas não assumiam. Os relacionamentos eram escondidos, não oficializados. As meninas raramente eram apresentadas às famílias dos namorados. As mães solo eram regra, e muitas passavam por abortamentos inseguros, ou situações de violência sexual disfarçadas de namoro.

Essa ausência de reconhecimento se somava à falta de informação: sem acesso à educação sexual, à saúde preventiva, aos direitos reprodutivos e à proteção jurídica, muitas meninas circenses viviam à margem da proteção institucional. E quando buscavam relações fora do universo circense, sofriam discriminação, desprezo e abandono.

Dona Uiara – Matriarca da Alegria, Guardiã da Liberdade

Dona Uiara é dessas mulheres que marcam a história de uma família inteira com sua presença afetiva, sua coragem e sua capacidade de conduzir a vida como quem dirige uma lona — esticando, costurando, ajeitando o que parecia estar desabando. Seu nome, muitas vezes sussurrado com reverência pelas filhas, netas e filhos do circo, representa mais que uma mulher: é a própria ideia de raiz em movimento, de pertencimento em travessia.

Nascida e criada entre as estruturas instáveis do circo tradicional, Dona Uiara enfrentou com bravura as contradições do seu tempo, sem nunca abrir mão do riso, do carinho e da alegria como valores inegociáveis. Mãe de muitas, avó presente, ela foi costureira de fantasias e de sonhos, vendedora de pipoca, organizadora de festas, cuidadora de netos, cozinheira dos almoços cheios de histórias. Mas foi, principalmente, um pilar de afeto e liberdade, que soube transformar a dureza da vida nômade em experiência de afeto coletivo.

Não há memória da infância circense da família que não tenha uma cena protagonizada por ela: seja armando uma festa improvisada com tabuleiros de pirulito, seja bancando o almoço coletivo com criatividade e generosidade, seja cuidando de alguém adoentado ou acolhendo um coração partido. Dona Uiara não era apenas mãe e avó: era uma ciranda viva, onde todos se sentiam incluídos, mesmo em meio à instabilidade do picadeiro.

Para suas netas — entre elas, as já homenageadas neste catálogo — Uiara representa a ancestralidade feminina que dança, que cuida, que fala e que resiste, mesmo quando tudo parece ruir. Sua força está menos no grito e mais no gesto: no modo como garantia o parabéns de um neto, mesmo sem dinheiro; no jeito de levar todos à praia, mesmo em meio à correria da montagem de espetáculo; na firmeza com que protegia as meninas da família diante dos olhares de julgamento vindos da sociedade que pouco conhece o valor da mulher de circo.

E, como toda mulher que viveu muito, Dona Uiara também sonhou em ser feliz — e foi. Com sua cerveja na mão, seu jeito irreverente e seu gosto por uma boa música, ela nos ensinou que a liberdade também pode ter rosto de alegria, e que o riso é uma forma de resistência.

Para se protegerem, famílias inteiras passaram a se relacionar entre si — formando redes endogâmicas de afeto e apoio. O circo tornou-se o único lugar seguro. E mulheres como Zoalinde, mesmo marcadas pelas dores da vida, fizeram da rigidez uma tática de defesa. “Ela era séria, rígida, mas também muito carinhosa. Mexia no meu cabelo, apertava meus dedos dizendo que eram sadios.” (Louise Santana). Esse afeto, guardado nas entrelinhas da dureza, era também forma de cuidado.

Guardando o Mundo em Álbum de Recortes

Apesar das dificuldades com a escrita — Zoalinde escrevia pouco, Uiara tinha vergonha da própria letra — as mulheres da família sabiam da importância de preservar a história. Por isso, guardavam fotos, recortes de jornais, lembranças de apresentações, programas de espetáculos. Era seu jeito de construir memória. Um jeito oral, visual, vivo.

“Toda vez que saía uma matéria de circo no jornal, ela recortava e guardava.” (Louise Santana). Ela colecionava rostos, nomes, manchetes, como quem costura um álbum de resistência cultural. A casa virou um arquivo afetivo. A memória da mulher negra, circense, chefe de família, foi cuidadosamente preservada — mesmo sem que ela se autodenominasse historiadora.

Uiara, por sua vez, fazia questão de levar os netos ao circo. Apresentava-os aos donos, às trupes, aos colegas de antigamente. Conectava o passado ao presente. Participava de

editais, ajudava os netos a documentarem a história familiar, repassava saberes técnicos como contorção e acrobacia. Mesmo adoecida, nunca deixou de estar presente — como cuidadora, como referência, como educadora do afeto.

A luta dessas mulheres não foi só por sobrevivência. Foi por existência digna. Zolinde e Uiara representam, em suas dores e conquistas, uma linhagem de mulheres negras, nordestinas, artistas e mães que desafiaram os estigmas, reivindicaram respeito e garantiram, com suas mãos e suas vozes, o futuro de novas gerações.

O desafio que se impõe às políticas públicas, às escolas, ao sistema de saúde e ao campo da cultura é reconhecer o valor dessas trajetórias. Garantir que nenhuma menina do circo cresça sem acesso à educação. Que nenhuma mulher circense seja invisível no posto de saúde. Que o Estado, finalmente, estenda a lona da cidadania até os territórios da itinerância.

Porque o circo é, antes de tudo, morada, memória e mundo.





Dona Rosenilda – A Mulher que Palomba a Vida com a Coragem da Lona

Por trás das lonas esticadas ao sol, do riso ecoado entre arquibancadas improvisadas e do brilho da pirofagia sob o céu sertanejo, pulsa a trajetória de uma mulher que viveu, costurou e sustentou o circo com as próprias mãos: Dona Rosenilda de Lima Soares Fernandes. Circense de nascimento e agricultora por vocação, ela é um dos grandes nomes femininos da tradição circense do Nordeste brasileiro, com ênfase especial no Ceará e no Rio Grande do Norte.

Filha de Ronaldo de Lima Siqueira, artista que transitou entre o picadeiro e o cinema, e de Domicia, conhecida no mundo do circo como Jane Delamar, Dona Rosenilda nasceu em pleno circo, no estado de Alagoas. A lona foi seu berço, o picadeiro, sua escola, e o trapézio, seu primeiro palco. Com orgulho incontestável na voz, ela afirma: “Nasci e me criei de uma pessoa só, mas sempre circense, porque minha família toda é de circo.” O circo nunca foi apenas um lugar de trabalho, mas um modo de existir, resistir e criar laços profundos de pertencimento com a arte e com o povo.

Dona Rosenilda foi trapezista, mestra cena, palhaça, locutora, pirofagista. Armou e desarmou circos, cavou buracos e bateu marreta para fincar estacas de lona. Também foi responsável por cortar e costurar suas próprias lonas — um saber transmitido por seu pai e exercido com primor. Seu vocabulário é repleto da linguagem própria do circo tradicional:

palombar, no seu dizer, é mais que costurar a lona — é remendar os retalhos da existência com firmeza e afeto.

Durante o I Círculo de Mulheres do Circo Cearense, realizado em outubro de 2024, na sede do Circo Escola Canoa Criança, Dona Rosenilda, aos 60 anos, foi a única mulher da melhor idade a participar integralmente da pesquisa participante. Sua presença foi um marco. Não apenas compartilhou sua história com generosidade e humor, mas também mobilizou saberes ancestrais. Ao lado das outras mulheres circenses, liderou uma roda de conversa onde ensinou, na prática, como se palomba uma lona. A atividade, chamada “Palombando Histórias”, ganhou vida durante a dinâmica de socialização e se estendeu pelos intervalos, atraindo o interesse e a admiração das gerações mais novas.

A culminância do evento foi o momento mais simbólico da força de Dona Rosenilda: ela subiu no trapézio, apresentou-se com equilíbrio no rola-rola japonês e encerrou com um número de pirofagia — tudo isso após mais de 40 anos sem subir em um aparelho. A performance foi a prova viva de que seu corpo, marcado por décadas de estrada, ainda carrega a potência mágica do circo. O público aplaudiu em pé, emocionado com sua entrega, coragem e destemor.

Rosenilda nunca abandonou o circo, mesmo quando a vida exigiu que se tornasse agricultora. “Quando eu não tô em circo, sou agricultora. Planto milho, feijão. A gente se vira.” Sua relação com a terra é tão visceral quanto com o picadeiro. Dividida entre a lona e o roçado, ela construiu uma vida tecida de resistência, criando, por onde passou, espaços de arte e cultura. Ao longo da vida, comandou pequenos circos, como o Circo do Palhaço Arrepiado, o Circo do Palhaço Vagalume e o Radassa Circo, batizado em homenagem à neta. Armou praças em localidades esquecidas, incluindo assentamentos do MST, onde o circo se transformou em instrumento de alegria, de memória e de luta.

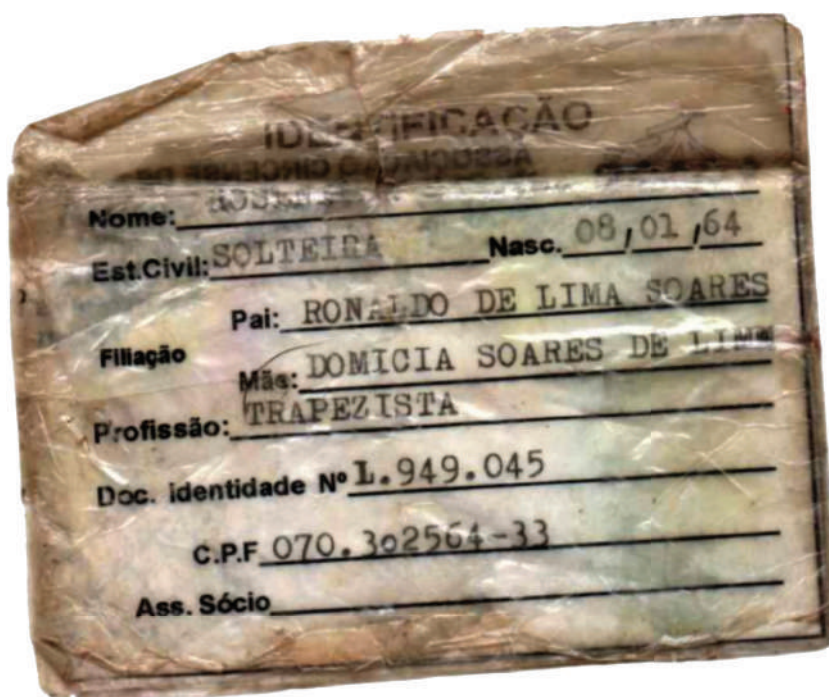
Com a morte de dois companheiros — ambos de infarto, ambos em meio à rotina do circo — Dona Rosenilda viu sua história ser entrelaçada também à dor. Ainda assim, seguiu. Casou-se novamente, desta vez com alguém de fora do mundo do circo, mas manteve sua arte viva. Mesmo diante das dificuldades financeiras, da ausência de elenco e de incentivo, da burocracia estatal que lhe negou aposentadoria, Dona Rosenilda jamais recuou. Ao contrário: foi ela quem sempre esteve à frente — costurando, cuidando, criando.

Durante o evento, destacou que, hoje, os circos são de fábrica, de lonas modernas. Mas ela tem orgulho de cada pedaço de lona leve que costurou com as próprias mãos. “O que eu fiz tem seu valor”, afirma. E tem mesmo. Dona Rosenilda representa uma linhagem de mulheres circenses que sustentaram seus lares e seus espetáculos, muitas vezes invisibilizadas, mas centrais na engrenagem do circo tradicional.

Ela é o elo entre a ancestralidade e o presente. Guardiã de um saber que não cabe nos editais, mas pulsa na prática cotidiana, nas marcas de queimadura no braço, na memória da marreta, na desenvoltura de quem, aos 60, ainda sobe ao picadeiro para desafiar o tempo com arte.

Rosenilda é Patrimônio Vivo do Circo Cearense. E é com a força da sua história que abrimos esta seção do catálogo, dedicada às mulheres que mantêm o circo de pé há gerações — costurando cultura, cuidando de pessoas, fazendo da arte um ato de resistência, um ato de amor.

“O circo é Rosenilda. E Rosenilda é o circo.”



Em pequenos álbuns,
Dona Rosenila guarda
suas lembranças





Fotografias quase
se desmanchando,
mexem na memória
de **Dona Rosenilda**





As fotografias desgastadas trazem lembranças de uma juventude repleta de sucesso





Me chamo Mayana Carvalho, nome artístico, Mayana Brasil, atualmente tenho 23 anos, e sou circense, faço parte da companhia do Circo Seven Brothers há dois anos e meio.

“A minha história no circo começou há pouco mais de dois anos e meio, quando eu estava passando por um momento muito delicado da minha vida. Tinha me tornado mãe há pouco tempo e estava com depressão pós-parto, fiquei três meses longe da minha filha. Muitos que me conhecem sabem que eu sempre fui uma pessoa muito extrovertida, alegre e feliz, e eu já tinha perdido essa sensação de alegria. Então, quando eu fui no picadeiro, lá eu conheci o Wenderson, que atualmente é meu esposo, e vi também um lugar que eu podia ser quem eu realmente era, uma pessoa feliz e alegre. E foi isso que o circo fez na minha vida.”



Palombanda nossa história

Com pouco mais de dois meses que eu tinha chegado no circo, eu comecei a ser quem eu realmente era. Aquele sentimento de tristeza saiu de dentro de mim e eu consegui reconquistar minha filha, trazer ela para os meus braços, e hoje eu sou muito feliz e grata ao circo por isso. Atualmente, ela tem quatro anos e, recentemente, foi diagnosticada com autismo. E o circo está trazendo muitos benefícios na vida da minha filha e na minha vida também, pois poder trabalhar perto dos meus filhos é uma grande conquista pra mim. Assim que eu cheguei no circo, me identifiquei muito com o número aéreo na lira americana. Quem me deu aulas de lira foi a minha cunhada Samara Brasil. Como também sempre gostei de dançar, comecei fazendo parte do bailado e, aos poucos, fui me apresentando no meu número de lira. No decorrer do tempo fui observando os palhaços, vendo os mestres de cena e, hoje, também mestre cena para os palhaços e também entro nas palhaçadas. O circo não é apenas um trabalho, mas é um lugar onde você pode ser livre, amada, aplaudida, importante e feliz.

“E, hoje, poder fazer parte do circo e ver que, com o meu trabalho, eu posso estar levando a alegria e resgatando pessoas da tristeza e trazendo alegria pra elas, é algo muito gratificante. Eu sou muito feliz por isso.”





Palombanda nossa história

Mayara – No Picadeiro da Coragem, a Mulher que fugiu com o Circo

Seus relatos iluminam um território pouco mapeado pelas políticas públicas e pelo feminismo institucional: o das mulheres circenses itinerantes, que são educadoras, artistas, cozinheiras, acrobatas, motoristas e guardiãs do cotidiano.

Mayara é muitas em uma: artista, mãe, esposa, gestora, militante. Com coragem, desafiou o machismo, o preconceito e a solidão das lonas. Reivindica sua identidade com orgulho: “Eu sou do circo”. Não como vergonha — como potência.

Em sua história, vemos não só a dor da exclusão, mas a alegria da resistência. E o riso, que é sempre a primeira e a última palavra no picadeiro.

De onde vim, o circo era “coisa de mulher perdida”

“Circo não presta. Circo é lugar de mulher do mundo.” Foi isso que Mayara ouviu desde pequena. A avó repetia que menina que ia para o circo virava “dada”, sem valor. Era o eco de um preconceito antigo — desses que colam no corpo da gente antes mesmo da gente saber o que quer.

Mas tinha algo diferente nela: gostava de se pendurar em árvore, de fazer rir, de aparecer em cena. Por dentro, o coração de artista já morava. Mesmo sem saber, já era de circo.

Tentou outras coisas. Foi vendedora, testou outros caminhos. Mas foi só quando um circo chegou ao seu bairro, que Mayara se viu. Foi ficando, aprendendo, ajudando. Se apaixonou pelo malabarista e encantou-se vendo a cunhada se apresentar na lira, e decidiu: é isso que eu quero.

Entrou no picadeiro com medo de errar, de “estragar tudo”. Ensaiaava escondido. Até que teve coragem de dançar. Foi aplaudida. Sentiu que, naquele espaço tão julgado pela sociedade, havia algo raro: acolhimento. “Foi ali que me senti importante. Me senti amada. Me senti alguém.”

Entre Lonas e Direitos: Mães, Filhas e Preconceitos

Mayara não entrou sozinha no circo — entrou com a filha, que é autista. Na época, tinha medo de assumir o diagnóstico. Mais ainda: medo de ser rejeitada pela escola. Mas foi o circo que lhe deu força para enfrentar o mundo e dizer: “Minha filha tem direito. Nem que ela sente na cadeira do professor, ela vai estudar.”

Essa força nova veio também da vivência no circo. Um espaço que, mesmo com dificuldades, fez com que ela entendesse o valor de sua voz como mãe, mulher, artista e cidadã.

Mas o preconceito social não sumiu. Quando disse à família que iria ficar no circo, foi como se tivesse “fugido”. As relações esfriaram. “Fugiu com o circo” virou sentença. Como se escolher o circo fosse um erro. E não é.

Ela segue dizendo isso todos os dias, com seu corpo, sua arte, sua luta: “O circo é mágico. É lugar de alegria. É lugar de conhecimento. É meu lugar.”

Saúde, Pobreza Menstrual e a Ausência do Estado

Desde que entrou no circo, Mayara nunca viu um agente de saúde visitar o local. E denuncia: “Falta tudo. Nunca chegou ninguém pra falar sobre educação sexual com as meninas. A gente que se vira.”

Na visão de Mayara, as jovens do circo não recebem orientação sobre o próprio corpo. Quando menstruam, às vezes falta absorvente, privacidade, cuidado. A “pobreza menstrual” existe nos picadeiros, mas ninguém fala disso. A pobreza menstrual nos circos é uma realidade silenciada. Em muitos momentos, as meninas compartilham absorventes improvisados, ou recorrem a pedaços de pano — sem acesso à orientação, produtos ou privacidade. Mayara traz esse tema com coragem, dando visibilidade a uma desigualdade que atravessa os corpos das mulheres circenses de forma brutal.

Não é só falta de produto. É falta de política pública. De escuta. De respeito. De ver a mulher circense como cidadã. “A gente precisa de apoio. De saúde, de educação, de informação. E não tem.”

Mayara defende que as mulheres de circo deveriam se acolher mais. Que não haja mais competição nem julgamento entre aquelas que deveriam ser irmãs de lona. “A gente devia passar o conhecimento, apoiar umas às outras, e não rivalizar.”



Entre a Comunhão e a Exposição: O Corpo da Mulher no Picadeiro

No Circo Seven Brothers, onde Mayara vive e trabalha com sua família, a rotina é marcada pela união. São sete adultos e três crianças sob a lona — a mais nova, com apenas oito meses. Ela, sua cunhada e outras mulheres do circo, dividem os papéis: fazem bailado, números de faixa, mestram o espetáculo, interagem com os palhaços. É um circo de família, onde cada gesto é ensaiado na cumplicidade e na confiança.

Mas essa comunhão é constantemente ameaçada por olhares que vêm de fora. Em uma das cidades por onde passaram, Mayara e outras mulheres do grupo foram perseguidas por homens da comunidade local, apenas por andarem na praça com suas crianças. “Eles olhavam pra gente como se fôssemos objeto. Como se estivéssemos ali para eles, como se o circo fosse um tipo de vitrine de mulheres.”

Mayara aponta que certos circos ainda reforçam esse imaginário. Utilizam a imagem da mulher como chamariz, como produto estético para atrair o público masculino. Isso, segundo ela, compromete a dignidade dos circos familiares e mancha a imagem do circo como arte e profissão. “Tem gente que não leva a sério o circo como trabalho, como família. E os circos que colocam a mulher nesse lugar de objeto atrapalham a gente.”

Rosângela, outra integrante da roda de conversa, reforça: “Determinados circos ainda impõem esse papel da mulher como corpo a ser vendido no picadeiro. Tem até isso da roupa... “É de circo, sim, mas não precisa estar de fio dental.” Ela sublinha a importância de manter o respeito pela mulher artista e pelo contexto familiar que muitos circos preservam. “É um espetáculo de comunhão”, diz, reafirmando a essência coletiva do circo tradicional.

A conversa avança para a palhaçaria — território historicamente dominado por homens. Cristina, mediadora da roda, provoca: “Existe preconceito com mulher palhaça?” Mayara reconhece avanços, mas afirma: “Ainda tem, sim. Existe a ideia de que a mulher não vai ser tão engraçada quanto o homem, e ainda tem esquetes de palhaços que fazem piada às custas da mulher.”

Entre o machismo da rua e o humor de mau gosto do picadeiro, as mulheres circenses seguem desafiando a lógica da exposição e da submissão. Mayara aponta o desejo de ser palhaça como afirmação e ruptura. Ela representa uma geração que quer construir outra comicidade — mais justa, mais crítica e mais livre.

Do Medo à Direção: Mulher Também Faz Propaganda de Circo

Mayara quis mais. Tirou a habilitação. Aprendeu a dirigir. Subiu na pampa, pegou o microfone e passou a fazer a propaganda do circo. “Eu queria mostrar que mulher também pode dirigir, também pode anunciar, também pode falar alto no som.”

Faz também recepção dos ingressos, ajuda na montagem da lona, prepara a alimentação com o sogro e o companheiro, quando o circo vai bem. Quando não vai, cada trailer se vira. Organizam apresentações em escolas para arrecadar alimentos. Improvisam. Inventam. Sobrevivem.

E ela sonha mais. Quer fazer parte das negociações com prefeituras. Quer ir atrás de terreno, patrocínio, apoio. Quer gerir, não só executar. “A gente chega num lugar e tem que dar conta de tudo. Mas quero ir além. Quero mostrar que mulher de circo também pode comandar.”

A Dor que Ainda Existe: Olhares e Silêncios Entre as Mulheres

Mayara não romantiza. Sabe que o machismo não vem só de fora. Muitas vezes, ele vive entre as próprias mulheres: “A rivalidade feminina existe sim. A gente devia acolher mais. Quando chega uma nova, em vez de ensinar, algumas querem humilhar.”

Ela mesma sentiu isso quando chegou. Sentiu-se julgada, cochichada, diminuída. Em outros circos, diz que o olhar das mulheres era de cima para baixo. Mas nunca respondeu com ódio. Respondeu com trabalho. Com carinho. Com dignidade. “Cada uma tem seu brilho. Cada uma tem seu tempo. Se a gente se ajudasse mais, tudo seria diferente.”

O Picadeiro que Mayara Está Construindo

Mayara é mãe, artista, apresentadora, motorista, vendedora de churros, gestora de lona e de sonhos. Entre um número e outro, entre um ensaio e uma reunião, ela cuida, organiza, acolhe.

Não tem salário fixo. Não tem plano de saúde. Não tem férias, nem 13º. Mas tem coragem de sobra. E fé. E esperança. “Eu quero ter o prazer de um dia apresentar um projeto, de receber um recurso, de ver que minha luta valeu a pena.” Se depender dela, esse dia vai chegar. Porque no circo de Mayara, mulher não é coadjuvante. É protagonista.

Mayara é uma de nós. É uma das muitas mulheres que fazem o circo brasileiro girar, mesmo quando o mundo tenta parar.



Nota Ética Sobre a Preservação da Identidade da Participante

O comovente depoimento apresentado a seguir neste catálogo, embora baseado em experiências reais e profundas de uma mulher circense, que chamamos aqui de Maria Guerreira, respeita um pedido claro e legítimo: não ser identificada pelo seu nome verdadeiro.

A decisão de manter o anonimato da participante, parte de um compromisso ético da equipe de pesquisa com os princípios da pesquisa participante, da escuta sensível e do cuidado com a integridade das mulheres que confiaram suas histórias. A escolha de Maria Guerreira por não revelar sua identidade, está ligada a vivências marcadas por violência, exclusão social, estigmas e silenciamentos históricos, e deve ser entendida como parte de sua autonomia e do seu direito à proteção.

Dessa forma, adotamos um nome fictício para preservar sua imagem, sua segurança emocional e social, e evitar qualquer tipo de exposição pública que possa causar constrangimento ou retaliações. Essa medida está amparada nos princípios da ética em pesquisa com seres humanos, conforme as diretrizes do Conselho Nacional de Saúde (CNS - Resolução 510/2016), que orienta quanto à proteção da dignidade, do anonimato e da privacidade dos participantes de estudos com ênfase nas ciências humanas e sociais.

O que nos move aqui não é a curiosidade sobre “quem é” Maria Guerreira, mas a potência do que ela viveu, resistiu e nos ensinou com sua narrativa. Sua história tem nome, mas também representa tantas outras mulheres de circo que, como ela, carregam na memória os pesos e as luzes de uma trajetória feita de dor, coragem e sobrevivência.

Ao optar por preservar seu nome, preservamos também seu direito de existir com dignidade, com voz e com respeito. E reconhecemos que a força de seu relato fala por si — com verdade, com coragem e com humanidade.

A Importância do Depoimento de Maria Guerreira Para os Resultados da Pesquisa

O relato de Maria Guerreira – ainda que sob pseudônimo, por escolha sua – constitui uma das contribuições mais significativas e impactantes para os resultados do I Círculo de Mulheres do Circo Cearense. Sua história não apenas amplia a compreensão sobre os desafios vividos pelas mulheres circenses, mas, também, lança luz sobre experiências de violências silenciadas, naturalizadas ou nunca nomeadas como tal, dentro e fora do picadeiro.

Durante o processo de escuta ativa e afetuosa, promovido pela pesquisa participante, mediada pela socióloga Ana Cristina Diôgo Gomes de Melo, Maria Guerreira se percebeu, pela primeira vez, como vítima de violência sexual — uma realidade que ela havia vivido ainda jovem e que, até então, carregava como um segredo doloroso, abafado pelo medo, pela vergonha e pela desinformação. Essa descoberta de si como sujeito de direitos

violados, só foi possível porque o espaço do Círculo foi construído com base na confiança, no acolhimento e na escuta sem julgamento, pilares fundamentais da ética feminista e da metodologia freiriana.

A importância desse depoimento extrapola a dimensão individual. Ele revela a urgência de quebrar o silêncio que ainda recai sobre a violência de gênero nas comunidades circenses, principalmente, sobre as meninas e mulheres em situação de vulnerabilidade social. Traz à tona a ausência histórica de políticas públicas de proteção, educação, saúde e justiça, sobretudo quando se trata das trajetórias de mulheres pobres, periféricas, migrantes e artistas populares.

Mais do que uma narrativa comovente, o relato de Maria Guerreira é uma denúncia e um alerta. Ele mostra como o machismo estrutural, a desigualdade de gênero, o estigma em torno da mulher de circo e a negligência institucional, se combinam para perpetuar ciclos de violência e exclusão. E, ao mesmo tempo, ao falar, Maria Guerreira transforma sua dor em força política, contribuindo com a construção de um novo horizonte possível: um circo mais justo, mais seguro, mais solidário — especialmente para as mulheres.

Registrar esse depoimento, mesmo sob anonimato, é um ato de reparação, memória e justiça. É garantir que essa história não se repita em outras meninas, outras jovens, outras Marias Guerreiras. E é também reconhecer, com toda dignidade, que sua voz não apenas importa — ela muda o curso da história da cultura popular brasileira.

1. Nasci no Circo, Cresci com Lona

Me chamo Maria Guerreira. Nasci em pleno circo, no tempo da lona e da barraca. Minha mãe contava que, quando eu era bebê, num domingo de matinê, um caminhão de cana desgovernado quase entrou no picadeiro. Foi uma tragédia. Uma criança morreu. Era amigo do meu irmão.

Meu pai era dono do Circo. Ele fez de tudo na vida de circo, inclusive lonas para vender. Mais tarde, foi trabalhar num Circo Escola, em Recife. Minha mãe se separou dele, e eu fiquei com a minha avó.

Na escola fui pouco. Era mais pelo recreio do que pela aula. Nunca aprendi a ler direito, só assinar o nome. Mas conheci seis estados e aprendi a me virar no mundo.

2. Do Picadeiro ao Apartamento: A Primeira Violência

Aos 17, quase 18 anos, fugi de casa. Fui para Recife, onde existia o Café dos Artistas. Lá consegui um contrato num circo, fazendo cachê. Era nova, ingênua, e ouvi muito preconceito por ser mulher de circo — diziam que a gente “não era mais moça”.

Logo entrei no Grupo Pimenta como bailarina. Eles moravam num prédio chique em Boa Viagem. Tudo parecia encantador até o homem do grupo me trancar no apartamento e me obrigar a ter relações. Eu não queria. Nunca tinha namorado. Me senti usada, desrespeitada, violentada. E, como muitas, me calei. Nem meu pai soube o que aconteceu.

Fugi. Conte pra uma conhecida e acabei num bar, atendendo clientes estrangeiros. Achei que ia servir mesa, mas queriam outra coisa. Recusei. Só vendia fichas de música e limpava prato. Conheci um rapaz, o Orlando, filho da dona do bar. Fiquei com ele. Quando

engravidei, a mãe dele me expulsou. Me empurrou da escada. Fui parar na Maternidade da Restauração, em Recife. Pari um menino sozinha. Nem deixaram eu vê-lo direito. Me mandaram embora com um bebê nos braços.

3. Mãe, Agricultora, Circense – Uma Mulher que Não Para

Voltei a rodar o Nordeste com um cirquinho pequeno. Passei por vários bairros do Ceará, depois fui para o Rio Grande do Norte. Lá tive mais duas filhas. Uma virou professora de educação física. A outra tem problemas mentais, mora em Natal. É por ela que fico no RN, perto dos hospitais que podem atendê-la.

Hoje moro num sítio. Casei-me no civil, tenho minha casinha no sítio. Fui dona de circo, mas também fui agricultora. Pegava hora de trator, frequentava sindicato, plantava feijão. Tentei me aposentar como agricultora, com 55 anos. Fui negada. O juiz perguntou se eu já tinha feito outra coisa. Por vergonha de dizer que fui circense — porque somos muito discriminadas — menti e disse que só tinha sido agricultora. O sistema descobriu. Fui negada de novo aos 60.

“Afinal, quando é que eu vou ter um trocadinho do governo?”

Vivo com auxílio que sobe e desce. Meu marido trabalha de manhã e à tarde, ganha pouco. Eu pago a luz, a água, compro sacolão de R\$120. Vendi botijão pra comprar comida. Cozinhei na lenha com gosto. Nunca deixei ninguém passar fome.

“Sou desenrolada, sou mulher de circo. Mas nunca ganhei um projeto. Me inscrevi na Lei Paulo Gustavo e, pela primeira vez, ganhei R\$470. Fiquei feliz, mas sei que merecia mais.”

4. Do Trapézio ao Trapinho: O Número Dá Valor

Meu pai dizia:

“Mulher que remexe o papeiro não ganha nada. Tem que aprender número.”

Me acordava cedo pra ensaiar. O primeiro número foi na corda indiana. Subi tremendo. Fiquei com a marca da corda no corpo e na memória. Depois fiz acrobacias, contorção, trabalhei na tábua de facas. Até depois de cair do trapézio e quebrar a clavícula, precisei trabalhar — porque não pagavam se a gente não se apresentasse.

“A gente tinha direito, mas não recebia nada. E mesmo machucada, eu ia.”

Maria Guerreira é Resistência

Maria Guerreira é símbolo da mulher que nunca foi “só” de circo. Foi agricultora, educadora dos seus, gestora de si mesma. Pagou pensão pro marido, manteve o circo em pé, criou filhos, cuidou de netos. Resistiu ao machismo, ao preconceito, à fome.

Nunca teve medo de lenha, mas quer ver o gás voltar. Nunca teve vergonha de dançar, mas espera o respeito que merece. Seu nome pode não estar na lista de premiadas, mas está agora neste catálogo. E é por isso que escrevemos sua história: para que o Brasil saiba que a cultura do circo tem rosto, corpo, voz e nome de mulher.

Maria Guerreira é uma delas. É uma de nós. É Patrimônio Vivo do Picadeiro Popular.





Palombando nossa história

Rosângela da Costa Santos: Corpo Educador, Alma de Picadeiro

Quando se fala em circo social no Ceará, é impossível não mencionar o nome de Rosângela da Costa Santos. Com 48 anos de idade e 23 anos dedicados ao universo do circo, ela se tornou referência na mediação entre arte, educação e transformação social. Educadora social, artista e pedagoga, Rosângela é um desses corpos que ensinam pela presença: pela escuta atenta, pela prática cotidiana, pelo exemplo de quem forma sem ostentar autoridade, mas com firmeza e sensibilidade.

Do Chão do Picadeiro às Bases da Educação

Rosângela entrou no circo em 2002 e, desde então, vive intensamente essa prática artística e pedagógica. Sua formação veio da prática coletiva, do aprendizado no chão do circo, da construção cotidiana com crianças e jovens. Trabalha com modalidades variadas:

acrobacias de solo, aéreas, equilíbrio, perna de pau, arame e flexibilidade. “A gente tem que saber um pouco de tudo, para poder passar pras nossas crianças”, afirma, sintetizando a polivalência que é marca do circo social.

No seu fazer pedagógico, o circo não é apenas técnica: é ética, é afeto, é convivência. Rosângela valoriza o trabalho em grupo, o respeito mútuo e a resolução de conflitos como parte do processo educativo. Sua prática se destaca por integrar arte e cidadania, habilidade e cuidado, disciplina e liberdade.

A Educadora que Também Encanta

Mesmo não mantendo mais números individuais, Rosângela segue se apresentando com as crianças. Ela vive com emoção o momento da cena:

“É uma sensação de realização, de nervosismo, de ansiedade... mas, ao mesmo tempo, é muito bom estar nesse mundo mágico que é o circo.”

Sua relação com a plateia é baseada na confiança e na inspiração. Quer que o público sinta, veja e se reconheça naquilo que acontece no picadeiro. Usa a linguagem do encantamento, mas com os pés no chão da realidade social, que forma jovens em territórios de vulnerabilidade.

O Circo como Ferramenta de Emancipação Feminina

Quando perguntada sobre o que é ser uma artista de circo social, Rosângela define com precisão:

“É desafiador. A gente tem que trazer essa combinação de habilidades físicas, artísticas... exige muito da gente. Mas também é muito gratificante e divertida.”

Para ela, o circo social foi essencial para entender seu papel como mulher na sociedade. Em um meio ainda marcado por desigualdades e rivalidades, Rosângela se impõe com doçura e firmeza, ensinando que ser mulher de circo é, também, ser ponte: entre o palco e a comunidade, entre o risco e o acolhimento, entre a arte e o direito.

Educação, Arte e Afeto: Um Legado

Mais do que números ou técnicas, Rosângela carrega consigo um legado imaterial: o de transformar vidas através do afeto e do cuidado. Em cada criança que sobe ao tecido, em cada jovem que descobre sua força no trapézio, em cada menina que aprende que pode ocupar o picadeiro com potência, Rosângela está presente.

Sua trajetória é também um manifesto a favor do reconhecimento das mulheres no circo social — não apenas como cuidadoras, mas como mestras, criadoras, líderes.

Com a sabedoria de quem faz do cotidiano uma pedagogia da arte, Rosângela nos lembra que a verdadeira mágica do circo está em gestos simples e potentes: ouvir, ensinar, acolher e, sobretudo, continuar.

Rosângela da Costa Santos é uma das vozes que fazem ecoar o compromisso ético e estético do circo social no Ceará. Sua história é parte do tecido vivo da cultura popular brasileira — onde o picadeiro é também sala de aula, e a lona, uma casa aberta para o futuro.





Palombando nossa história

Poliana Freires de Andrade Simões: Da Lona à Gestão – A Mulher que Cresceu com o Circo

No universo do circo social cearense, poucos nomes carregam a força de pertencimento, dedicação e amor à arte como o de Poliana Freires de Andrade Simões. Aos 35 anos e com 22 de picadeiro, Poliana é hoje mais do que artista: é educadora, gestora e memória viva do Circo Escola Canoa Criança, instituição onde cresceu, formou-se e hoje colabora com o funcionamento cotidiano e a formação de novas gerações.

Sua história com o circo começa ainda na adolescência. Era uma menina de 12 anos quando, encantada pelos movimentos de duas amigas, que já faziam parte do circo escola, pediu à avó para ser matriculada. Esse gesto simples transformaria radicalmente sua vida: “O circo me ajudou a vencer a timidez. Passei a me comunicar mais, a fazer amizades. Ele me ajudou a ser eu.”

A primeira apresentação foi no espetáculo Vento Leste, em 2003. Nervosa, emocionada e deslumbrada com os aplausos, Poliana descobriu ali sua paixão. Daquele momento em diante, o picadeiro se tornou seu refúgio, sua casa, seu espaço de protagonismo e empoderamento. Como ela mesma afirma: “O circo é minha segunda casa. Um lugar onde me sinto acolhida e protagonista da minha própria história.”

Entre Bastidores e Holofotes

Poliana já foi aluna, artista, professora e, hoje, compõe a equipe de gestão do Circo Escola Canoa Criança. Atua nos espetáculos como maquiadora e está diretamente envolvida com os bastidores do circo, além de exercer funções administrativas. Seu amor pela arte circense é tão grande que, mesmo tendo fundado uma pequena empresa com o marido, não cogita deixar de vez o circo: “O circo é parte de mim. Pretendo continuar trabalhando aqui e voltar a me apresentar, se Deus quiser.”

Ela sente falta de tempo para treinar acrobacias — especialmente aéreas, como o tecido acrobático, que foi sua grande paixão. Mas carrega consigo a certeza de que sempre há tempo para recomeçar.

Educação, Empoderamento e Identidade

No período em que foi educadora social no circo escola, Poliana ensinou crianças a partir de sete anos — a mesma idade com que ela própria começou. Esse ciclo afetivo de troca e continuidade define o que o circo significa para ela:

“É um mundo encantado onde podemos nos expressar e ser aquilo que quisermos.”

Inspirada pelo *Cirque du Soleil*, suas criações artísticas nascem do desejo de encantar, de se conectar com a beleza, de levar para o palco a magia que sentia na infância. E é essa mesma magia que ela devolve hoje ao público e às novas gerações que formam o Circo Escola Canoa Criança.

Poliana também carrega memórias marcantes: lembra com alegria da viagem a Belo Horizonte para assistir ao espetáculo *Varekai*, uma das produções mais impactantes do *Cirque du Soleil*. E recorda, com dor, o constrangimento vivido por sua equipe durante um festival em Goiânia — experiência que quase os fez desistir da apresentação, mas que acabou servindo como mais uma lição sobre resistência e união no circo.

A Mulher no Picadeiro: Força, Beleza e Reconhecimento

Poliana não se identifica com narrativas de rivalidade feminina no circo, mas reconhece que existem sentimentos de superioridade entre algumas mulheres. Ainda assim, sua postura sempre foi de acolhimento e parceria. Para ela, a mulher tem papel essencial no picadeiro: “É a mulher quem traz a beleza e a graciosidade para o espetáculo.”

Sem nunca ter sofrido machismo diretamente no ambiente do circo escola, Poliana reconhece o quanto o espaço do circo social é, em muitos aspectos, mais igualitário e colaborativo do que outras esferas da sociedade.

Circo Como Projeto de Vida

Hoje, além da maquiagem e da gestão, Poliana carrega a história de uma menina tímida, que encontrou no circo um espaço para brilhar. O picadeiro foi e continua sendo seu palco de autoconhecimento, liberdade e pertencimento.

Para as novas gerações, deixa um conselho carregado de amor e experiência: “O circo transforma vidas! É um mundo encantado onde podemos ser quem quisermos. Acreditem na arte. Se joguem.”

Esse capítulo é uma homenagem a quem, como Poliana, transforma o circo em abrigo, palco e projeto de vida. E como ela mesma disse, entre risos e lembranças: “Minha infância e adolescência foram incríveis. Com muitas histórias boas pra contar... e alguns perrengues também!”





Palombando nossa história

Maria Clara : Da Menina da Plateia à Educadora do Picadeiro

Maria Clara começou sua trajetória no Circo Escola Canoa Criança ainda muito nova. Hoje, aos 17 anos, ela soma uma década inteira de vivência no universo do circo social — tempo suficiente para sair da condição de aluna encantada com os espetáculos e se transformar em educadora em formação, monitorando e auxiliando professores nas aulas. Seu nome de batismo é Maria Clara Leal, mas é como Vitória que se sente no picadeiro: vitoriosa.

Suas memórias dentro do projeto são marcadas por aprendizados múltiplos. Das acrobacias de solo aos malabares, das técnicas aéreas à flexibilidade corporal, Maria Clara desenvolveu muito mais que habilidades físicas. Ela aprendeu a trabalhar em grupo, a respeitar o próximo e, sobretudo, a superar a própria timidez: “Aprendi a lidar com a minha timidez. Com o público, a gente se sente admirada, importante. É uma felicidade.”

Maria Clara nunca se sentiu discriminada nas aulas ou nas apresentações por ser mulher. Isso não significa que o machismo não exista nos espaços circenses, mas evidencia o ambiente de acolhimento e respeito construído no Circo Escola Canoa Criança. Nesse espaço, o que mais vale é o esforço, a dedicação e o amor pelo que faz.

A transformação corporal também foi tema de sua entrevista. Ela percebe melhorias na força e na flexibilidade, e vê o corpo como uma ferramenta de expressão, empoderamento e saúde. Essas mudanças impactaram diretamente sua autoestima e sua percepção de futuro: “Pretendo continuar. Quero ser educadora social, se Deus quiser.”

Esse desejo não é apenas um sonho, mas um processo em curso. Vitória já atua como monitora, aprendendo com os educadores que um dia foram seus mestres. O caminho que ela trilha hoje é o mesmo que outras mulheres do circo social têm desbravado: o da formação, da continuidade e da multiplicação do saber.

A história de Maria Clara é um reflexo claro do impacto que os projetos de circo social podem ter na vida de uma criança. Um espaço que não só ensina técnicas circenses, mas forma cidadãos conscientes, artistas sensíveis e educadoras comprometidas com a transformação do mundo pela arte. O circo, nesse sentido, é mais que um espetáculo: é uma escola de vida.

Maria Clara é, portanto, símbolo de uma nova geração de mulheres no circo social — aquelas que começaram pequenas, mas que já se agigantam no picadeiro. E o que ela representa, com sua força tranquila e fala singela, é a beleza da continuidade. Do ciclo virtuoso que começa com uma menina encantada e segue com uma mulher transformando a vida de outras meninas.

Maria Clara é semente, flor e raiz do Circo Escola Canoa Criança.





Palombando nossa história

A Menina que Cresceu Voando

Vitória dos Santos Honorato tem 24 anos e mais de uma década de picadeiro no corpo e na alma. Sua história com o circo começa na infância, no bairro Canoa, em Aracati, onde a curiosidade pelos gestos das crianças que treinavam no Circo Escola Canoa Criança despertou nela um desejo profundo de também fazer parte daquele universo encantado. “Finalmente chegou meu tão sonhado sete anos”, diz ela, lembrando o momento exato em que pôde entrar oficialmente para a escola de circo.

Desde então, o circo nunca mais saiu de sua vida. Para Vitória, o circo é mais do que técnica ou diversão: é pertencimento, empoderamento, expressão e transformação. Artista de múltiplas modalidades, ela domina com desenvoltura o tecido acrobático, o trapézio e o contorcionismo, entre outras linguagens que aprendeu ao longo dos anos no circo social. Ao ser perguntada sobre as modalidades que pratica, responde com simplicidade e segurança: “Quase todos”. E exemplifica com firmeza: “Tecido, trapézio, contorção”.

A sua experiência no Circo Escola Canoa Criança transformou não apenas seu corpo, mas também seu modo de se relacionar com o mundo. “Além das modalidades circenses, a gente aprende a se comunicar com outras pessoas, ter empatia, ter confiança e dar confiança para o próximo.” Vitória cresceu entre lonas e amizades e, hoje, como educadora e artista do mesmo projeto que a acolheu quando criança, transmite o que recebeu – com o carinho, a responsabilidade e a seriedade que a arte ensina.

Na entrevista realizada durante a pesquisa, ela foi direta e sincera ao afirmar que o que sente no palco é empoderamento. “É legal ver os outros olhando para a gente”, conta com um sorriso no rosto. Ali, em cena, ela sente que o mundo a reconhece. O palco é o espaço onde sua existência é celebrada e respeitada.

Ser artista de circo social é, para ela, um desafio constante, mas também uma missão. Perguntada sobre o que significa ser uma artista de circo social, respondeu com uma única palavra: “Desafiador.” E talvez seja justamente esse desafio que alimenta sua paixão e a mantém firme na escolha de continuar na arte.

Vitória também expressa com maturidade a percepção de como o circo impacta sua construção como mulher. O que o circo ensinou de mais importante? A força da coletividade, a beleza da diferença, o valor da escuta e da presença.

Atualmente, ela atua como educadora no Circo Escola Canoa Criança, orientando as novas gerações que, assim como ela um dia sonhou, hoje miram as alturas com coragem e brilho nos olhos. Seu trabalho vai além de ensinar movimentos: ela inspira, acolhe e guia, mantendo viva uma cultura ancestral que é, ao mesmo tempo, popular e refinada, tradicional e inovadora.

Vitória é uma dessas artistas que o circo ajudou a florir. Cresceu voando. E agora planta novas asas por onde passa.



*Construindo a Memória do
Universo Feminino do Circo
Cearnense Vozes da Juventude*





Branquinha do Horto

Maria de Lourdes da Silva Souza Nascimento – A Branquinha do Horto

Era uma vez uma menina de quatro anos, franzina, de olhos atentos e corpo ligeiro, que pedia esmolas aos pés da estátua do Padre Cícero, na Colina do Horto, em Juazeiro do Norte. Aquele cenário, marcado por romarias e fé, parecia reservado à dor e à escassez. Mas, para Maria de Lourdes da Silva Souza Nascimento, conhecida hoje como Branquinha, o Horto foi também o ponto de partida para uma jornada de transformação.

Foi ali, nas ações do Projeto Meninas e Meninos do Horto, desenvolvido pelo Instituto de Ecocidadania Juriti, que ela teve o primeiro contato com o universo do circo social. O corpo infantil, até então acostumado a subir e descer as ladeiras de calçamento grosso, agora encontrava um novo território de expressão: o picadeiro. E foi no ar, através das acrobacias no tecido, que Branquinha se reinventou. Aos oito anos, já se reconhecia artista circense. O corpo, antes invisível nas ruas, tornava-se visível no voo da arte.

Ela diz que o circo social a “abraçou com o coração”. E a reciprocidade é visível. Branquinha cresceu entre os tecidos, pernas de pau, monociclos e cordas bambas, e se formou, mais do que em técnicas, na compreensão de si. “Aprendi sobre o valor do ser humano, a ter empatia, amor ao próximo e a importância do cuidado com o meio ambiente”, declara.

Hoje, com 32 anos, ela cursa Ciências Sociais, na Universidade Regional do Cariri – URCA, orgulhosa de sua trajetória, mãe de dois filhos – Ana Nicolly e Rodrigo Caio – e segue ativa na cena circense. Mesmo tendo sido mãe ainda na adolescência, nunca se afastou da lona.



A maternidade foi mais um número desafiador, mas nunca solitário. Como ela mesma afirma, “o circo funciona como uma terapia para mim. Ele me ajuda a controlar a ansiedade e me dá equilíbrio emocional”.

Branquinha é daquelas mulheres que reconhecem, no aplauso do público, uma consagração do próprio pertencimento. “Sinto-me livre, feliz, com uma sensação de liberdade e prazer indescritíveis”, descreve ao falar de suas apresentações. Para ela, o circo não foi apenas um espaço de acolhimento, mas uma porta para o mundo: aos 12 anos, representou Juazeiro do Norte na Conferência Estadual do Meio Ambiente, experiência que despertou seu interesse por política e por justiça social.

Em 2023, aprovou um projeto cultural pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT), para a construção de um número solo envolvendo circo-teatro e tecido acrobático, com o tema delicado do suicídio. Sua proposta é tocar o público, provocar reflexão e salvar vidas – “como o circo salvou a minha”, costuma dizer.

Quando fala sobre as mulheres do circo tradicional, Branquinha as reverencia com respeito: “Elas são muito importantes. O papel da mulher no circo e na sociedade é essencial e merece reconhecimento”. E ela própria se inscreve nessa linhagem de mulheres fortes, sensíveis e dignas de aplauso.

Seu maior sonho hoje é ter o seu próprio projeto social na comunidade onde cresceu. Ela deseja devolver à Colina do Horto a chance que recebeu. Sonha em criar o novo Projeto Meninas e Meninos do Horto, agora como educadora, ativista e artista – como alguém que já foi salva pela arte e sabe, com propriedade, o caminho da transformação.

Para as crianças que sonham em entrar para o circo social, ela tem um conselho simples e profundo: “Viva cada minuto como se fosse único. Os momentos passam, mas as memórias são valiosas e inesquecíveis.”

Cinco Palavras Definem Seu Olhar Sobre o Circo Social:

Amor. Alegria. Empatia. Sororidade. Família

E, de fato, a história de Branquinha é a prova viva de que o circo é tudo isso. E mais: é território de resistência, cura, dignidade e renascimento.





Nikaelly Roberta Da Lona Escola à Lona Estrada

Uma Mulher Borracha Costurando Afetos e Sonhos no Circo Cearense

Nascida e criada na comunidade de Canoa Quebrada, no litoral leste do Ceará, Nikaelly Roberta é o retrato de uma geração que viu no circo social uma porta de entrada para a arte, o empoderamento e a construção de novos caminhos de vida. Sua trajetória começa muito cedo, aos 8 anos, quando passou a integrar o Circo Escola Canoa Criança, projeto pedagógico que oferecia formação gratuita em diversas linguagens circenses, música, dança e cidadania.

Entre 2003 e 2010, Nikaelly mergulhou intensamente no universo do picadeiro, participando de espetáculos marcantes, como: Mala de Arte, Lua Estrela e Sonho, Hoje Tem Espetáculo? Tem Sim Senhor! e Imagine, tendo se apresentado em festivais e eventos por todo o estado. Ali, entre lonas fixas, chão de terra e aplausos comunitários, ela descobriu sua vocação artística e social.

Do Social ao Tradicional: Um Amor Entre Lonas

A virada na trajetória de Nikaelly se deu por meio de um encontro formativo promovido pelo Circo Escola de Ecocidadania, onde conheceu Hugo Lívio, ex-aluno e artista do circo social, com quem compartilhou sonhos, risos e projetos. Desse encontro nasceu mais do que uma parceria amorosa: surgiu uma caminhada conjunta na arte e na vida.

Juntos, decidiram migrar para o circo tradicional itinerante, enfrentando os desafios do nomadismo, da autogestão e da manutenção de um espetáculo próprio. Dessa união nasceu o Circo Hellem do Palhaço Café, batizado em homenagem à primeira filha do casal.

Hoje, a família vive a bordo de um trailer, com seus dois filhos – um menino e uma menina – que crescem entre lonas, aplausos, trapézios e banquinhas de ingresso.

A história de Nikaely e Hugo representa um marco: são jovens formados no circo social que fundaram seu próprio circo tradicional, criando uma nova via entre essas duas experiências do fazer circense no Ceará.

A Mulher Borracha: Arte e Resistência no Corpo

Dentro do picadeiro, Nikaely é uma artista completa, mas sua expertise mais aclamada é o contorcionismo. Seu número mais conhecido — “A Mulher Borracha” — é aguardado com ansiedade pelo público e rende elogios em cada cidade onde o Circo Hellem ergue sua lona.

Com elasticidade impressionante, domínio corporal e expressão cênica, Nikaely transforma o contorcionismo em um poema visual. Sua performance é marcada por sensibilidade, força e entrega, desconstruindo padrões estéticos e reafirmando o protagonismo da mulher no espaço circense.

Além do contorcionismo, ela também atua com acrobacias de solo, monociclo, perna de pau, swing e corda bamba — acumulando habilidades que, além de impressionar o público, revelam sua trajetória de superação e dedicação diária à arte.

Maternidade, Resistência e Sonho Coletivo

Conciliar a vida de mãe e artista circense é um dos maiores desafios vividos por Nikaely. Mas ela encara com leveza, coragem e firmeza: os filhos acompanham o espetáculo, aprendem desde cedo os gestos do circo e participam, como podem, do cotidiano nômade.

Sua maternidade é também uma forma de educar pelo exemplo — mostrar às crianças que é possível viver da arte, com dignidade, afeto e respeito. O circo é, para ela, um espaço de formação ética, cidadã e criativa. É ali que ensina, acolhe e aprende todos os dias.

Nikaely também é consciente do seu lugar como mulher: “Com o circo, aprendi que ser mulher é ser forte, sensível e digna de aplausos. Passei a reconhecer meu valor e minha voz na sociedade”, afirmou em uma das entrevistas concedidas durante a pesquisa participante do projeto Mulheres no Picadeiro.

Legado em Movimento

A trajetória de Nikaely é feita de coragem, reinvenção e sonho coletivo. Sua caminhada do circo social ao tradicional, seu encontro com Hugo, a fundação do Circo Hellem e a criação de filhos dentro da lona, são testemunhos vivos da potência do circo como projeto de vida.

Ela representa uma nova geração de mulheres circenses que não apenas herdaram uma tradição, mas reconstruíram caminhos, fundaram seus próprios espetáculos, escolheram ser itinerantes e protagonistas da própria história.

E, ao fim de cada espetáculo, quando a lona se fecha e o silêncio substitui os aplausos, permanece no ar o brilho da “mulher borracha” — que dobra o corpo, mas não quebra o espírito.





Ayla Gabriela Corpo que Ressoa, Tempo que “Espirala”

Ayla Gabriela Ferreira, hoje com 27 anos, não apenas ingressou na arte do circo: ela reescreveu o seu próprio tempo — e o nosso. Quando encontrou o Circo Escola Sangine Pequenos e Grandes, em Juazeiro do Norte, em 2007, vivia sob a expectativa hostil de uma sociedade que ainda mata, diariamente, mulheres trans. Aqui, no meio dos malabares, acrobacias e risos, ela não só sobreviveu — ela deu um salto para a liberdade.

No espaço sagrado do picadeiro, seu corpo aprendiz tornou-se corpo-sábio, ensinando ao mundo que a performance desvenda a memória como linguagem do presente. Tal como propõe Leda Maria Martins, em *Performances do tempo espiralar – poéticas do corpo-tela*, “a ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e transforma, e que em tudo incide.”

Foi nesse tempo não linear — que se dobra para trás, para frente e expande-se no ar — que Ayla dançou a sua própria ancestralidade. Em cada contorcionismo, cada giro no tecido aéreo, seu corpo inscreve histórias não contadas: de resistência, de pertença, de esperança.

Através do circo social, Ayla ressignificou os contornos da dor e substituiu o risco pela criação. Moradora do Bairro João Cabral — território resiliente e conflituoso —, ela fugiu das estatísticas brutais que ceifam vidas trans. De Juazeiro emerge, hoje, a força de uma mulher que transformou o preconceito em arte viva. Ela ensina o coletivo a mirar o poder de existir no próprio impulso, de segurar a própria vida com as próprias mãos.

Agora, frente ao Coletivo Mulheres Sangine, Ayla semeia economia criativa entre os bairros São José, Triângulo, Frei Damião e João Cabral, irradiando sonhos para além do picadeiro, expandindo horizontes, espiralando força. Militante do movimento LGBTQ+, ergue sua voz no coletivo, como instrumento de cuidados, arte e transformação.

Aqui, sua trajetória é performance e resistência: corpo que se torna tela onde o tempo espirala, manifestando presenças — do passado, do presente, do futuro — simultaneamente. O circo tradicional, que insiste no preconceito, agora a observa com reverência: porque Ayla não apenas aprendeu a arte, ela se tornou arte.

“No Sangine, encontrei um chão firme para saltar e voar. Aqui, ninguém me olhou como se eu fosse menos. Crianças, adolescentes, mulheres — todos me receberam como parte da família. Eu aprendi a confiar em mim e, ao mesmo tempo, a ensinar que cada corpo tem seu lugar no mundo. O circo não me pediu para ser outra pessoa, ele me pediu para ser eu mesma — e isso me salvou.”

No Circo Escola Sangine Pequenos e Grandes, Ayla Gabriela nunca sofreu preconceito. Pelo contrário, seu talento e dedicação fizeram dela um exemplo vivo para educandos e educandas, que a veem como referência de disciplina, arte e coragem. As mulheres do Coletivo Mulheres Sangine também a reconhecem como liderança e inspiração, alguém que entende que o cuidado é tão necessário quanto a técnica, e que a liberdade é uma conquista diária.

Hoje, como integrante da equipe institucional do Circo Escola Sangine, Ayla leva adiante a missão de transformar vidas — assim como um dia transformaram a dela. Seus sonhos para o futuro não cabem apenas nos limites da lona: “Quero formar novas gerações de artistas que entendam que o circo é para todos, sem barreiras de gênero, cor ou origem. Quero ver mais mulheres, mais pessoas trans e mais gente das periferias ocupando o picadeiro e sendo protagonistas das próprias histórias. E quero que o meu bairro e minha cidade reconheçam que a arte também é um direito nosso.”

No tecido aéreo, no trapézio ou no chão firme dos números de equilíbrio, Ayla Gabriela segue tecendo seu “tempo espiralar” — onde passado, presente e futuro se encontram no mesmo gesto, onde cada salto é um ato político, e cada sorriso é uma vitória sobre o preconceito.





Se apresentando como integrante da Trupe Sangine



A conquista do seu nome social fez toda diferença na vida de Ayla Gabriela





Cia Carroça de Mamulengos: Três Gerações de Mulheres no Picadeiro da Vida

A história da Cia Carroça de Mamulengos é um testemunho da força das mulheres no circo, na cultura popular e na cena artística brasileira. Fundada em 1965 por Schirley P. França, a companhia nasceu com ela, mãe de oito filhos e avó de oito netas, que soube unir maternidade, arte e educação em um mesmo gesto criador. Atriz, educadora, contadora de histórias e bonequeira, Schirley ergueu uma trajetória em que o picadeiro, a lona e a casa se confundem, formando um território de afeto, aprendizado e resistência.

Desde então, a Carroça de Mamulengos cresceu e atravessou gerações. Hoje, são três gerações de mulheres no picadeiro, além das mulheres agregadas por afinidade, cunhadas e parceiras artísticas, que fortalecem a coletividade da companhia.



Palhaça Fricotina, grande inspiração de Schirley P. França para a criação da Carroça de Mamulengos, acompanhada da neta Maria Gomide e das bisnetas: Ana, ao lado, e Liana, no seu colo



Cia Carroça de Mamulengos

Primeira geração:

Schirley P. França (1965) – Fundadora, atriz, educadora, contadora de histórias, bonequeira. Responsável pela organização da companhia.

Segunda Geração:

Maria Gomide França (1984) – Primogênita da companhia. Atriz, bonequeira, roteirista, diretora, educadora. Coordenadora da Escola Carroça de Mamulengos e da produção e direção artística da companhia.

Isabel Gomide França (1998) – Caçula da família. Atriz, bonequeira, desenhista, figurinista, cenógrafa e professora. Responsável pela pesquisa e organização do acervo histórico.

Terceira Geração:

Iara Gomide de Carvalho (2012) – Brincante.

Ana Gomide Macedo (2013) – Bonequeira, atriz, palhaça.

Helena (2019) – Brincante, palhaça Totoca.

Naiá (2020) – Brincante, palhaça Fufuca.

Liana (2021) – Brincante, palhaça Fifica.

Luna (2022) – Brincante, palhaça Pitiviú.

Amari (2023) – Brincante, palhaça Tototo.

As Cunhadas e Mulheres Agregadas

Idalia Campos de Lucena (1991) – Atriz, artesã, bonequeira e professora.

Gabriela (1997) – Atriz e brincante.

Luiza (1992) – Atriz, bonequeira e professora.

Gestão, Cuidado e Memória

Na Carroça de Mamulengos, a gestão é coletiva. As mulheres assumem a organização do material, a produção e a gestão cotidiana, entrelaçando trabalho e afeto. A direção artística está sob a coordenação de Maria Gomide, mas cada integrante contribui a partir de seu lugar: Schirley dedica-se hoje à educação, Isabel ao acervo e as novas gerações à formação vivencial dentro do cotidiano do grupo.



Schirley e a Neta Naiá



Terceira geração: Liana, Naiá, Helena e Ana, na cena do palhaço Batalão



Schirley (vó), Naiá (filha-neta) e Idália (mãe) amarrando a perna de pau para entrar em cena.

A cultura do cuidado é transversal a todas as ações. O cuidado com os bonecos, cenários e figurinos é diário — lavar, dobrar, organizar, restaurar — mas o cuidado vai além do material. É cuidado com a vida: mães, tias e avó educam as crianças dentro da própria prática artística, transmitindo valores de saúde, amor e coletividade.

A memória do grupo se mantém viva ao ser constantemente narrada e revivida. Cenas, histórias e personagens são passados de geração em geração, alcançando hoje as netas e bisnetas que já brincam no picadeiro. A companhia ainda preserva um vasto acervo de fotos, slides, vídeos e textos, um patrimônio histórico que registra quase meio século de existência.

Mulheres Como Protagonistas

A Carroça de Mamulengos não passou incólume às marcas do patriarcado. Como tantas mulheres brasileiras, suas integrantes enfrentam preconceitos e desigualdades de gênero dentro e fora do picadeiro. Mas, desde 2010, foram as mulheres que assumiram integralmente a organização, a produção e a gestão da companhia.

Essa transição consolidou um protagonismo feminino que não é apenas administrativo, mas também artístico. A cena da Carroça é moldada pela experiência feminina: pela maternidade, pela transmissão intergeracional, pelo cuidado e pela reinvenção do cotidiano no palco.

A contribuição das meninas e das mais novas é fundamental nesse processo: aprendem brincando, criam bonecos, ensaiam personagens e, sobretudo, crescem integradas a um modo de vida em que arte e cuidado são inseparáveis.

Arte, Memória e Resistência

A Carroça de Mamulengos se reconhece como parte do universo feminino do circo. Sua linguagem une teatro, música e circo, sempre inspirada na cultura popular brasileira. No corpo das mulheres da família, como diria Leda Maria Martins, a memória se inscreve como tempo espiralar: gesto que guarda o passado, atua no presente e projeta o futuro.

Nesse sentido, a Carroça não é apenas uma companhia artística, mas um território de resistência e transmissão de saberes, onde as mulheres assumem o papel estruturante de manter viva a arte, a família e a comunidade.

Quase cinquenta anos depois de sua fundação, a Carroça de Mamulengos segue como um patrimônio vivo da cultura brasileira, reafirmando que o picadeiro pode ser também espaço de maternidade, cuidado, memória e protagonismo feminino.



Legado Feminino do Circo Cearense

Mulheres Guardiãs do Circo Tradicional Cearnense

Introdução

Nesta parte especial do Catálogo Mulheres no Picadeiro, voltamos nosso olhar — com escuta, afeto e compromisso ético — para as mulheres que mantiveram, e ainda mantêm viva, a chama do circo tradicional no Ceará. São mulheres que, por gerações, têm sustentado a lona, a memória, os números e, sobretudo, os bastidores dessa arte milenar. Mulheres que nasceram e foram criadas entre cordas, lonas, picadeiros e camarins improvisados. Que palombaram com suas próprias mãos as estruturas do circo, costurando não só a lona que abriga o espetáculo, mas, também, a resistência cotidiana que faz da arte circense uma tradição popular viva.

A pesquisa participante — com sua escuta sensível e metodologia comprometida com a verdade dos corpos e das vozes — identificou a relevância profunda dessas mulheres, muitas vezes silenciadas pelas engrenagens do patriarcado, que ainda rege parte considerável do universo do circo. Mesmo sendo elas as organizadoras da rotina, as equilibradoras das contas, as curadoras do figurino, as articuladoras das saídas e chegadas, as gestoras reais do cotidiano de um circo, suas trajetórias foram, historicamente, secundarizadas, ocultas sob a figura do “dono do circo”.

Este catálogo assume o compromisso político e poético de dar visibilidade a essas mulheres. De mostrar seus rostos, registrar seus nomes, contar suas histórias. Aqui, elas aparecem como de fato são: protagonistas. São artistas, mães, costureiras, palhaças, empresárias, equilibristas da vida. Mulheres que inventam caminhos quando a lona rasga, que seguram com uma mão a criança e com a outra o microfone. Que fazem do picadeiro uma extensão da sua história de luta.

Ao reconhecer essas guardiãs da memória circense, este Catálogo resgata não apenas a trajetória individual de cada uma, mas afirma a importância coletiva de um legado feminino que, apesar de invisibilizado por muito tempo, é o alicerce silencioso — mas resistente — do circo cearense. Este é um ato de justiça histórica e de reparação simbólica. Um convite para que nunca mais se fale de circo sem contar com elas.



Zoalinde Pereira Santana:

Memória, Cuidado e Resistência no Picadeiro

A história do circo no Ceará guarda o nome de Zoalinde Pereira Santana como um farol de ancestralidade e potência feminina. Mulher negra, viúva jovem, de presença marcante e voz incontornável, Zoalinde encarnava o que a escritora e pesquisadora Leda Maria Martins descreve como “poéticas do corpo-tela”: a memória que se inscreve no corpo, na prática, no gesto, e que se projeta para o futuro em espirais.

Sua filha, Uiara Santana, também artista e testemunha viva dessa história, recorda:

“Meu nome é Uiara Santana. Eu sou tradicional de circo. Pois é. Porque a minha mãe, ela nasceu em Minas Gerais, em 1921. Veio com o circo até aqui, o Ceará. Era uma matriarca. Levava todos os nomes.”

Seus dramas e peças de circo-teatro levavam às arenas cearenses não apenas entretenimento, mas uma verdadeira escrita cênica da vida, onde, como diria Leda Martins, a memória não é só lembrança, mas “tempo em performance”: um presente que carrega o passado e anuncia futuros possíveis. No riso e no choro de suas encenações, havia denúncia e havia cura.

Uiara Relembra a Potência da Mãe como Artista Completa:

“Ela cantava muito. Tinha uma voz muito bonita. No circo, ela chegava e cantava uma música que cativava a cidade, o ‘Presépio Encantado’. Ela cantava em todas as cidades, mudando apenas o nome. Cativava o público com essa música. Inclusive ganhou um prêmio na Rádio da Sema, no concurso de dança, junto com Lourdes Costa, outra dona de circo.”

Essa musicalidade, aliada à dramaticidade do circo-teatro, consolidou Zoalinde como referência. Ela adaptava romances e peças para o palco, levando ao público encenações como *Mestiço*, *Direito de Nascer*, *Coração da Terra* e *A Louca do Jardim*, que mobilizavam plateias e transformavam o picadeiro em espaço de arte e crítica social.

Como afirma Leda Maria Martins, a memória não é apenas registro, mas performance viva, “um tempo espiralar que reinscreve o passado no presente, em gestos, cantos e corpos”. Zoalinde encarnava essa espiral: sua voz, suas encenações e seu modo de gerir

a lona traziam à cena as histórias de um povo marcado por desigualdades, mas, também, pela força da reinvenção.

Uiara traz ainda um retrato afetivo da mãe como cantora e figura pública: “Ela dançava como a Carmen Miranda, e tem até fotografia vestida como Carmen. Cantava, encantava. Meu pai era o palhaço. E juntos eles formavam esse mundo mágico que era o nosso circo.”

Gestora rigorosa e amorosa, construía relações pautadas no respeito, rejeitando estigmas e preconceitos que por muito tempo cercaram a imagem da mulher do circo. Sua casa e seu picadeiro eram também espaços de educação, proteção e transmissão de valores.

O circo de Zoalinde, além da arte, era também território de cuidado e convivência comunitária. No seu fazer cotidiano, ela unia arte, gestão e cuidado de forma indissociável. Muitos casamentos aconteceram sob a lona, e sua casa era espaço de acolhimento. Sua filha testemunha: “Todos os artistas aqui de circo reverenciam minha mãe. Vários casamentos houve no circo dela. Ela é uma matriarca, muito amada até hoje. Muito conhecida.”

A Chegada ao Ceará Marcou uma Virada na História Familiar. Uiara conta:

“Nós tínhamos muito medo do Ceará. Antes da mídia, era visto como um estado seco, só de fome e miséria. Mas quando chegamos em Fortaleza, fomos muito bem recebidos. Nas praças, apresentávamos peças teatrais, dramas, maracatus, reisados. O circo da minha mãe era o Circo Teatro Uiara. Um circo temático, que unia teatro, música e cultura popular.”

Mas, a partir da década de 1970, o circo-teatro começou a declinar com a ascensão da televisão. Uiara explica: “Só sobreviveram os circos com muitos filhos artistas. Como éramos poucos, minha mãe vendeu o circo e passou a ser diretora artística em outros, como nos circos da família Brandão, fundadores do circo no Ceará. Ainda assim, ela continuou respeitada como mestra e dirigente.”

Seu legado transcende a família. Ele ecoa como um patrimônio coletivo, que inspira artistas e gestoras circenses a compreenderem que a lona é mais do que espaço de espetáculo: é território de resistência, de protagonismo feminino e de reinvenção da vida.

Para Uiara, essa Herança Permanece Viva:

“Ela lutou muito pelo circo, pelos artistas. Dá desgosto porque não tínhamos o que temos hoje: sindicatos, associações, reconhecimento como arte cênica. Mas minha mãe foi pioneira. Todos a reverenciam como matriarca do circo cearense.”

Assim, o legado de Zoalinde Pereira Santana transcende sua família: é coletivo, inscrito nas histórias de resistência das mulheres negras, que transformaram o picadeiro em território de memória, cuidado e poder. Como nos ensina Leda Martins, a memória é corpo em movimento — e no corpo de Zoalinde e de sua descendência, o circo se fez história, resistência e futuro.



Imagem de álbum de fotografia da família Santana - o texto sobre a fotografia é original de algum membro da família Santana.



Zoalinde, a Matriarca da família Santana





Zoalinde passou seu cajado para a filha Uiara Santana





Uiara Santana: Guardiã da Memória, Mulher de Circo

Na história das mulheres que sustentaram e moldaram a tradição circense no Ceará, é impossível não dedicar uma reverência à trajetória de Uiara Santana — mulher de riso generoso e alma costurada em lona. Uiara viveu o circo desde o berço e, mesmo nos momentos em que precisou se afastar fisicamente da itinerância, jamais se desvinculou da arte que a formou. Como ela mesma definiu com sabedoria: “A minha história é esta: a de viver dentro do circo, mesmo fora dele.”

Uiara nasceu em 1942, na cidade de Vitória de Santo Antão, interior de Pernambuco, quando o circo de sua mãe, a também artista Zoalinde, fazia praça na cidade. Representante da terceira geração da família Santana no picadeiro, Uiara começou cedo a encarar a vida artística. Ainda menina, já se apresentava em números de arame e contorcionismo,

mas era no teatro circense — segunda parte clássica dos espetáculos — que seus olhos verdadeiramente brilhavam. Seu primeiro papel, aos oito anos, foi como anjo negro, na adaptação da Paixão de Cristo, dirigida por sua mãe. “Um anjo negro!”, dizia às gargalhadas, lembrando com carinho das asas tortas e dos cochilos atrás das cortinas, em cima de malas.

Apesar da infância e adolescência permeadas por apresentações, dramas familiares e perdas dolorosas — como a morte do pai em decorrência do alcoolismo — Uiara cresceu aprendendo que o palco também era escola de vida. Foi com o circo que aprendeu a falar firme, a trabalhar duro e a valorizar o esforço coletivo. Como tantas mulheres do circo tradicional, ela encarava a dureza da lida sem perder o encantamento. “A vida de circo é assim: você sofre, mas ama.”

Quando a família decidiu fixar residência em Fortaleza e sua mãe matriculou os filhos em escolas formais, Uiara passou a viver uma vida “entre mundos”. Estudava no Colégio Capistrano de Abreu, vivendo como “patricinha”, mas seguia conectada ao circo. Era ele seu eixo, sua raiz mais profunda. Mesmo depois que sua mãe vendeu o Circo-Teatro Uiara — nome escolhido em sua homenagem — devido à dificuldade em manter uma equipe de artistas, Uiara não permitiu que a história da família fosse esquecida.

Uiara Santana: Guardiã da Memória, Mulher de Circo

Transformou sua casa em um verdadeiro acervo de memórias. Guardava com esmero fotografias, recortes de jornais, livros, catálogos e até orações adaptadas à realidade do circo. Em cada canto de sua residência havia um pedaço da lona: na estante, na mesa de centro, nos armários e nos álbuns que reuniam décadas de dedicação à arte popular. A memória era seu picadeiro permanente. Vivia de saudade, sim — mas, principalmente de reverência à arte que formou sua identidade.

Mesmo afastada da rotina das montagens e desmontagens, dos ensaios e espetáculos, Uiara seguiu sendo uma referência para as novas gerações. O amor pelo circo, mesmo quando os filhos não seguiram a tradição, permaneceu como um legado emocional, simbólico e político. Porque sua luta também foi uma denúncia contra o apagamento das mulheres gestoras e artistas no mundo circense. Ela foi guardiã de um modo de vida, herdeira de uma cultura e resistência viva contra a invisibilidade que o patriarcado impôs às mulheres do circo.

Seu último grande ato de presença foi transformar sua própria casa em território de afeto e resistência cultural. Quando entrevistada, anos antes de partir, dizia sorrindo: “Guardei tudo. Porque alguém precisa lembrar.”

Uiara partiu, mas deixou a lona armada dentro de nós. Sua história é farol, seu exemplo é bússola. Como mulher de circo, foi artista, foi educadora dos seus, foi cuidadora, foi acervo vivo. Como tantas outras que este catálogo reverencia, foi uma gestora silenciosa, muitas vezes invisibilizada, que segurou o circo com as mãos e o coração.

Neste catálogo, registramos Uiara não apenas como uma memória, mas como presença. Porque mulheres como ela não deixam o picadeiro. Elas o transformam em eternidade.



Uiara sempre presente na cena do circo cearense



O tempo não destruiu a força e a beleza desta mulher
que sempre teve coragem de se olhar no espelho



Representando o povo do circo em discurso na Assembleia Legislativa do Ceará



Amava levar suas netas para assistir espetáculos de circo, de teatro e cinema



Três mulheres, três gerações da família Santana: Louise, Uiara e Zoalinde

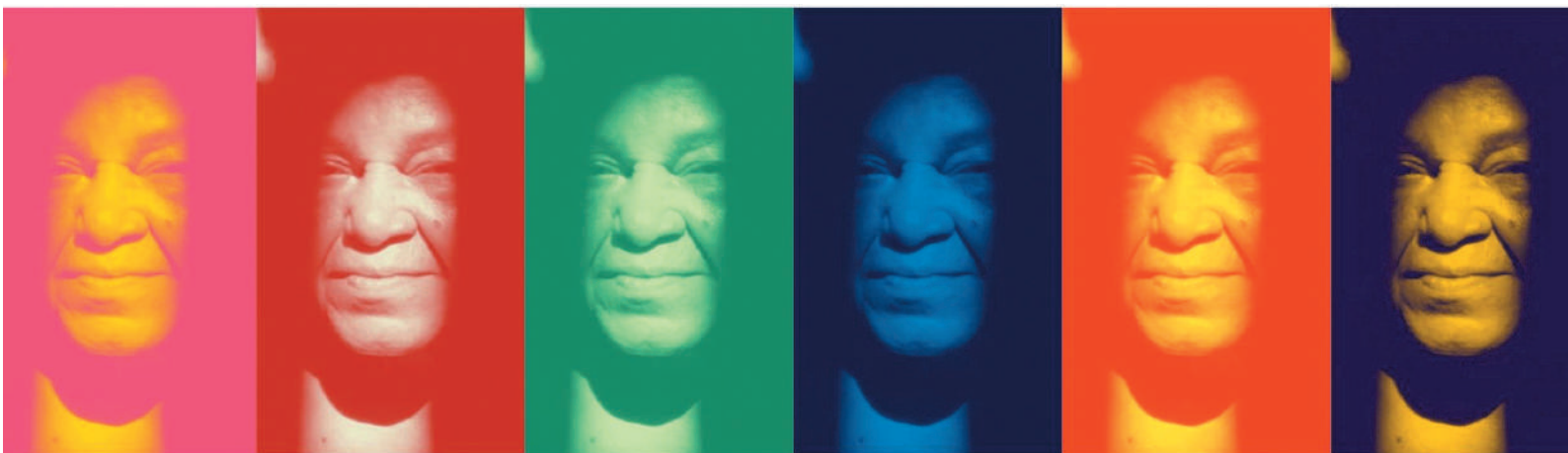


Uiara na militância da APAECE - Associação dos Proprietários, Artistas e Escola de Circo do Ceará



Dona Uiara Santana com a foto da sua mãe Zolinde, sua grande referência feminina





Figurino das apresentações de Uiara no circo teatro



Acervo de Claudio Ivo



Dona Uiara em vida guardava a 7 chaves figurinos e adereços do Circo Uiara



Que hoje são guardados por sua neta, Rayara Santana



Dona Uiara no aniversário de 80 anos do Palhaço Trepinha, no Teatro José de Alencar. Outubro de 2008.



Rayara Santana assume a missão de salvaguardar a memória e os pertences da família Santana. E sonha em transformar o acervo herdado de Dona Uiara, em um museu vivo do circo cearense.



Dona Mirtes: A Mulher que Fez do Picadeiro um Caminho de Esperança

Nas margens poeirentas da BR-116, onde os caminhões passam apressados e a infância costuma se perder no tempo, uma menina franzina se pendurava nas árvores como quem desafiava o vento. Era Mirtes, filha dos roçados de Juazeiro do Norte, nascida em uma família pobre de agricultores, que conheceu cedo a fome e a dureza da lida no campo. Aos 13 anos, impulsionada pela coragem e pela esperança de uma vida diferente, fugiu com o circo — tornando-se a primeira da família a se lançar no picadeiro.

A história de Dona Mirtes não é apenas uma narrativa de fuga. É a de uma reinvenção. Ao chegar a Fortaleza com a família, como tantos migrantes nordestinos, se depararam com a dura realidade de viver nas ruas, sem estudo ou profissão. Mas foi ali que a arte a encontrou. Seu Zé Gomes, homem do circo, viu talento na menina pendurada e a convidou para sua trupe. Começava, assim, sua jornada como artista circense.

De tanto observar os voos de trapezistas, Mirtes aprendeu o número e conquistou o picadeiro. Logo passou a ganhar dinheiro com seu talento e, em uma atitude generosa e visionária, chamou o restante da família. O circo se tornou o caminho para uma mudança de vida. “Eles viram no circo uma coisa de mudança de vida mesmo. Nunca mais passaram fome”, lembra seu filho Círio Brasil.

Foi no mundo do circo que Mirtes conheceu o palhaço José de Abreu Brasil, o Pimenta, com quem teve seus filhos. Juntos, além da parceria familiar, construíram um legado

O novo circo estreou no dia 3 de julho de 1990, em Aquiraz, com o nome que jamais deixaria de existir: Circo Mirtes. Era um circo pequeno, mas vibrante, com os filhos da fundadora brilhando no picadeiro. “A gente começou a ter outra vida. O circo não saía do sangue da gente. Em casa, a gente já fazia um cirquinho no quintal e se pintava de palhaço”, conta Círio.

Só em último caso recorriam ao hospital. Isso, segundo ela, era rotina na vida nômade circense, onde os recursos eram escassos e a autonomia uma necessidade constante.

Durante doze anos, o circo avançou, superando dificuldades com criatividade, fé e trabalho coletivo. Mirtes se tornou não só artista, mas também gestora, educadora, mãe e guardiã da memória e da tradição circense. Um exemplo de força e resiliência. Seu nome virou símbolo de esperança para a família e para todos que assistiam aos espetáculos.

Mas, em 3 de julho de 2002 — exatamente doze anos após a estreia do circo — Dona Mirtes sentiu uma dor súbita e silenciosa. Era o coração que não aguentava mais. Morreu às seis da tarde, levando consigo uma parte do picadeiro, mas deixando em vida o legado que se recusa a desaparecer. Para Círio, o filho que herdou seu amor pelo circo, abandonar o projeto seria como trair sua memória: “Ela deu a vida pelo circo. Ela morre, e a gente toca fogo e acaba tudo? De que foi que adiantou tanto sofrimento?”

O Circo Mirtes continuou, agora como símbolo de resistência e de homenagem à mulher que transformou a adversidade em arte. Que criou seus filhos sob as lonas, alimentando-os de riso e coragem. Que, mesmo diante da dor, não desistiu de ser feliz e de fazer os outros felizes também.

Hoje, Dona Mirtes é lembrada como uma das grandes pioneiras do circo cearense. Sua trajetória confirma o que tantas outras mulheres circenses já demonstraram: que elas não são apenas parte do espetáculo — são a sua base, sua memória viva, sua força motriz. Por muito tempo invisibilizadas pelas estruturas patriarcais da tradição circense, essas mulheres foram gestoras, palhaças, costureiras de lonas, malabaristas da vida.

Este capítulo é um tributo à mulher que balançava contra o vento à beira da BR-116 e que, com bravura e generosidade, palombou com suas próprias mãos o futuro de uma família inteira. Dona Mirtes é o riso que resiste, o legado que inspira, a história que jamais será esquecida.

Fonte:

<https://vidacircense.wixsite.com/mirtes>



Álbum de fotografias da família Brasil



Maria Idelzuite Pinheiro – A Rainha da Cocada Preta

Conhecida no mundo circense como Jane, Maria Idelzuite Pinheiro, nascida em 28 de Abril de 1939, é uma mulher cuja vida foi moldada pelo circo e por sua relação com ele. Sua trajetória começou em 1962, aos 20 anos, quando foi assistir a uma apresentação no Circo da Família Almeida. Sem imaginar que aquele espetáculo mudaria seu destino, foi chamada ao picadeiro para improvisar com o palhaço. Em meio à timidez, inicialmente resistiu, mas com o incentivo do irmão que a acompanhava, subiu ao palco e viveu ali seu primeiro momento como artista de circo e, dali, encantada pela magia da lona e pela presença do palhaço VS, iniciou seu caminho pelo picadeiro.

Foi por meio de uma carta, entregue ao sanfoneiro Machadim, que Jane conheceu Dona Zoalinde e o Circo Uiara, onde faria seu primeiro papel: Nossa Senhora. Mesmo assustada, aceitou o desafio. A partir daí, sua relação com o circo se intensificou. Foi nesse ambiente que conheceu seu companheiro, Julião, com quem viveu uma longa história de amor e de arte. Juntos formaram dupla em cena e construíram um nome que percorreu o Brasil.

Jane nunca foi uma artista de grandes acrobacias, mas tornou-se uma das “melhores partners de Fortaleza”: Como partner de arame, uma modalidade que consistia em acompanhar e dar suporte ao artista que realizava acrobacias em cima de um fio, ela mesma costumava minimizar seu número, dizendo que apenas segurava a corda, mas quem a viu se apresentar lembra bem da sua elegância, da sua beleza e da sua graciosidade em cena. Sua presença era marcante. Como ela mesma gostava de dizer, “eu era a rainha da cocada preta!”.

Sua beleza e presença cênica chamavam o público. Ela fazia números de arame e atuava em peças teatrais, mesmo com certo receio da dramaturgia. Apesar disso, seu talento brilhou nos palcos dos grandes circos, como o Circo do Rocha, onde viveu intensamente

durante duas décadas, viajando, conhecendo o luxo de hotéis e até voando de avião — algo impensável para a menina pobre que um dia foi.

“Aos poucos, foi também assumindo o papel de apresentadora de espetáculos e de professora, orientando e ensinando crianças do projeto Circo Escola Bom Jardim, que participou na comunidade do Bom Jardim. Ali, transmitia seu amor pelo circo, suas histórias e técnicas aos mais jovens. No entanto, a vida não lhe foi feita apenas de glórias. Depois de muito tempo vivendo a intensidade do picadeiro, separou-se do marido, afastou-se do circo e passou a trabalhar em outras áreas. Ainda tentou envolver o filho na arte circense, mas ele não seguiu.”

Mesmo afastada do picadeiro, Jane guardava as memórias com saudade e consciência de seu papel. Foi uma das poucas mulheres que testemunhou a transformação do circo no Ceará e no Brasil, e com sua história viva e cheia de detalhes, atuou como guardiã de um tempo em que o espetáculo era feito com suor, arte e paixão. Sua frase ressoa forte: “Sou mulher e sou guerreira, quero vencer na vida!”

Sua morte em 2 de março de 2017 deixou uma grande lacuna no circo cearense.



Maria Idelzuite Pinheiro trabalhou no Circo Escola Bom Jardim de 01/10/1996 a 30/06/2004, carinhosamente chama de tia Jane.



Afastada dos picadeiros, vivendo modestamente, sem apoio das políticas públicas e sem reconhecimento pela sua trajetória no circo cearense, apesar das marcas do tempo, sua beleza permanecia, considerada na sua juventude a partner mais bonita do Ceará.



Sua contribuição como educadora do Circo Escola Bom Jardim, deixou sementes: seus ex-alunos(os) e companheiras de trabalho estiveram próximos até os últimos momentos da sua existência na terra.



Maria de Lourdes Rocha Ribeiro

A Caricata Guerneira de Tessalônica

A história de Maria de Lourdes é marcada pela superação, pela força e pela arte de fazer do riso sua resistência. Maranhense, começou no circo aos 13 anos, trabalhando como cozinheira. Ainda muito jovem, conheceu o primeiro amor e teve seis filhos. Foi nesse cenário que se viu obrigada a ampliar seu papel no circo: passou de empregada a artista, começando com cama de vidro, contorção e acrobacias.

Lourdes se define como caricata, termo que ela mesma usa no lugar de “palhaça”. Foi apresentadora, mestra de cena, costureira, mãe e gestora. É fundadora do Circo Tessalônica, nome inspirado na cidade grega homenageada por Alexandre Magno. Ela cortou e costurou sua própria lona com o filho, e assim ergueu um espaço de arte, resistência e sonho.

Durante sua trajetória, enfrentou o luto profundo com a morte da mãe, afastou-se do circo por quase uma década, viveu uma tragédia no picadeiro com mortos e feridos, e mesmo assim retornou, firme e determinada, impulsionada pela fé e pela coragem. Seu sonho maior é ter um circo equipado com trailers e estrutura para acolher sua família e seus netos, que já seguem seus passos no trapézio e na contorção.

Para ela, o circo é vida, é cultura, é transformação. Com orgulho, declara: “Enquanto houver uma criança, o circo nunca envelhece”. Lourdes é a prova viva de que o picadeiro pulsa pelo coração e pela coragem das mulheres.



No circo, além de artista, era uma excelente fazedora de pirulitos.



Circo Tessalônica: o sonho de se tornar grande nunca abandonou Maria de Lourdes.



Gerileide Feitosa Neves A Mulher Suspensa Pela Força do Cabelo

Recifense de origem e circense por vocação, Gerileide Feitosa Neves nasceu em 1977 e encontrou no circo o palco ideal para viver sua paixão e exercitar sua força. Desde os nove anos, dizia à mãe: “Um dia ainda vou embora com um circo”. E assim foi. Aos 17 anos, uniu-se a Agenor, artista de circo, com quem construiu uma vida cheia de desafios e conquistas.

Sua carreira artística é marcada por um número singular e impactante: a força capilar. Nele, Gerileide fica suspensa no ar, presa apenas pelos cabelos, centralizados com cordinhas e amarrados a uma argola de metal. Aprendido em Porto Alegre, o número exige treino intenso, coragem e uma conexão profunda com o próprio corpo. Um legado que honra mulheres de culturas ancestrais, como as indianas, de onde a prática se origina.

Gerileide também enfrentou o machismo nas lonas e bastidores. Foi administradora de circo, cargo em que enfrentou preconceitos, exigiu respeito e impôs regras: “Já mandei embora muito homem que batia em mulher, bebia ou roubava”. Sua experiência na gestão vai do contato com prefeituras, questões elétricas, até o controle de pessoal e segurança do circo.

Hoje, com a maturidade adquirida nas estradas e picadeiros do Brasil, Gerileide sonha em fundar seu próprio circo, onde sua filha possa aprender tecido e crescer cercada por arte e dignidade. Seu grito ecoa firme: “A gente tá aqui é pra trazer alegria!”. E sua história, sem dúvida, é um espetáculo de resistência e potência feminina.

Gerileide é uma prova viva que os sonhos não envelhecem





Ana Lúcia Brandão

A Mulher que Criou Sete Filhos sob a Lona

Ana Lúcia Brandão é daquelas mulheres que personificam a resistência, a entrega e a magia do circo tradicional. Aos 44 anos, ela acumula 29 anos de vivência circense – tempo suficiente para ter criado uma família inteira sob a lona, enfrentado preconceitos históricos e preservado com dignidade uma das mais belas manifestações da cultura popular brasileira.

Aos 15 anos, o destino de Ana Lúcia se cruzou com o picadeiro, quando ela começou a frequentar o circo do marido de sua tia. Foi ali que conheceu o Circo Tatzinho, à época em sociedade com o Circo Mirtes (atualmente rebatizado como Seven Brother Circus). Quando a sociedade entre os circos se dissolveu, Ana Lúcia escolheu permanecer no Circo Mirtes — uma decisão que definiria o rumo da sua vida.

Sua estreia foi intensa: fazia pirofagia e dançava rumba, mas o número que mais marcou sua trajetória veio logo depois, quando seu companheiro a ensinou a técnica da corda. Em apenas uma semana de ensaios, ela já estava se apresentando. Assim começou a longa história de uma artista que nunca se intimidou com o risco, com a exposição ou com as mudanças constantes.

Com apenas 17 anos, Ana Lúcia engravidou do seu primeiro filho — e não parou. Continuava se apresentando, mesmo grávida, com a barriga já evidente, provando sua força e paixão pelo ofício. Teve sete filhos — três homens e quatro mulheres —, todos criados no circo, todos formados na arte e todos com saúde. “Mesmo com todas as dificuldades, nada fez com que eu desistisse da fantasia e da maravilha que é o circo”, afirma, sem qualquer traço de arrependimento.

Hoje, todos os seus filhos são artistas. Dois são palhaços, um faz globo da morte e malabares, as filhas se dividem entre lira, contorcionismo e faixa olímpica. Ana Lúcia se orgulha profundamente de ter dado conta da educação e do cuidado com os filhos. Ela se refere ao tempo vivido como mãe circense, com serenidade e orgulho: “Era puxado, sim, mas tudo valeu a pena. Hoje, todos são pessoas de bem e grandes artistas”.

Sua trajetória também lança luz sobre os desafios enfrentados por mulheres no circo tradicional. Em especial, ela destaca uma cultura antiga que sexualizava as mulheres para atrair público, sobretudo em pequenas cidades. “Muitos circos usavam a imagem da mulher como objeto. A gente sofria muito preconceito por isso, mesmo sendo família tradicional e levando a cultura circense a sério”, denuncia.

Sobre saúde e condições de higiene, Ana Lúcia observa avanços importantes. Lembra que, antigamente, quando menstruada, adaptava suas apresentações de acordo com o fluxo. No início do ciclo, evitava se apresentar; no fim, já retornava aos números aéreos. Hoje, considera que os banheiros nos circos estão mais adequados, que há mais conforto e que as condições de higiene melhoraram significativamente.

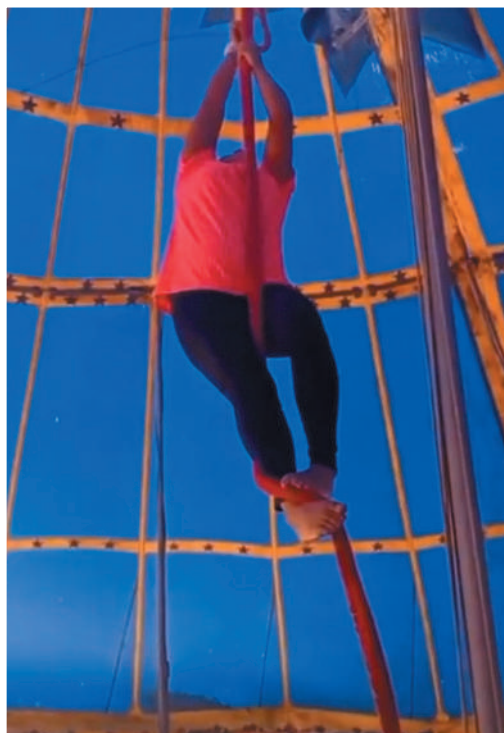
No cuidado com os filhos, recorda que, na falta de recursos, os tratamentos começavam com xaropes caseiros e chás.

Apesar de ter convivido com muitas mulheres de circo, Ana Lúcia confessa que não tinha tanta intimidade com elas — algo que atribui à cultura da rivalidade ainda presente em alguns contextos, mas que jamais deixou afetá-la. “Sempre existiu um pouco de rivalidade, mas nunca foi algo que me abateu.”

Hoje, ela vive uma nova fase. Continua no circo e, mesmo que temporariamente afastada das apresentações, segue trabalhando — agora vendendo churros — enquanto planeja seu retorno aos palcos. “Sou muito feliz e grata ao circo por proporcionar momentos únicos e de tanta alegria na minha vida”, afirma.

Com a maturidade de quem viveu quase três décadas sob a lona, Ana Lúcia deseja, agora, transmitir tudo que aprendeu. Para ela, a possibilidade de passar adiante sua experiência e seus saberes é motivo de orgulho e realização: “Me sinto muito grata e importante por levar essa cultura circense para várias gerações”.

Ana Lúcia é, sem dúvida, uma guardiã do picadeiro, uma educadora de corpo inteiro, uma mãe e artista cuja trajetória revela os muitos papéis que as mulheres desempenham no circo — como artistas, cuidadoras, gestoras e referências morais e estéticas de uma tradição que resiste, se transforma e permanece viva, justamente porque mulheres como ela seguem de pé, levando nas mãos o bastão da memória e da esperança.



Expertise em aéreos, Ana Lucia vem ensaiando para voltar a brilhar nos picadeiros, desta vez, no América Circo.

Simplemente Ana Lúcia



Ana Lúcia sabe muito bem o que é levantar uma lona, a destreza de executar um nó, sempre exercitando a cultura do cuidado: o circo precisa ficar de pé...



Kelly Silva

Entre a Lona e a Comunidade, a Arte que Ensina a Viver

Nascida Maria Eleonora, mas conhecida artisticamente como Kelly Silva, essa mulher circense, de 67 anos, carrega em sua trajetória a experiência singular de ter transitado tanto pelo circo tradicional quanto pelas vivências comunitárias e sociais, sendo, hoje, referência viva de afeto, superação e aprendizado. Com duas décadas sob a lona e atualmente envolvida em ações voluntárias ligadas à arte circense, Kelly representa um elo entre gerações e contextos distintos da cultura do circo.

De Fora da Lona para o Coração do Picadeiro

Ao contrário de muitas artistas entrevistadas neste catálogo, Kelly não nasceu no circo. Sua entrada se deu por puro encantamento: “Entrei por amor mesmo ao circo”, conta. Sua primeira função foi nos bailados, mas, rapidamente, se aventurou em modalidades aéreas, como corda indiana e lira, e também na rumba — sendo reconhecida como a “rainha do rebolado”. Essas modalidades, que exigiam força, leveza e presença cênica, foram aprendidas “na marra”, como ela mesma afirma. Na sua época, não havia preparação física nem cuidados técnicos: era subir, ensaiar e resistir.

“Deus foi generoso comigo. Não tive nenhum prejuízo físico. Pelo contrário, me deu flexibilidade, força... Até hoje, dizem que estou muito bem fisicamente para a minha idade.”

A Sabedoria da Convivência

Para além das técnicas, o maior ensinamento que a vida de circo trouxe para Kelly foi a arte da convivência. Ela destaca a necessidade de saber lidar com diferentes pessoas, com suas qualidades e defeitos, dentro de um espaço pequeno e itinerante. Essa aprendizagem, segundo ela, foi o que a preparou para o mundo, muito mais do que qualquer escola formal.

“É um mundo pequeno, onde a gente tem que aprender a conviver com todo tipo de pessoa. Isso foi o que mais aprendi no circo.”

Uma Artista Valorizada — Mas Nem Sempre Compreendida

Kelly lembra que, embora não tenha se sentido discriminada diretamente, enfrentou estigmas comuns às mulheres do circo. Muitas vezes, ouvia piadas ou comentários maldosos sobre morar em circo ou ser mulher artista. Mas, afirma com firmeza, “tirava de letra”. Além disso, reconhece que, por ser mulher e artista, seu contrato era mais valorizado, especialmente quando estava acompanhada por um parceiro também circense.

“O homem, quando tem uma mulher artista junto, era mais valorizado. Isso me engrandecia.”

Circo Como Escola da Vida

Para Kelly, o circo foi mais do que palco — foi escola de vida. Aprendeu a consertar, bordar, improvisar, resistir. E, ainda hoje, carrega a gratidão por tudo que viveu. Se pudesse, faria tudo de novo: “Se eu fosse jovem, com certeza faria tudo outra vez. Sem dúvida nenhuma.”

Palavras que definem sua história

Ao final da entrevista, Kelly resume sua vida no circo em cinco palavras que dizem tudo: Ludicidade. Encantamento. Amor. Arte. Aprendizado.

São essas palavras que selam seu testemunho como síntese de uma vida entregue à cultura popular e ao poder transformador da arte circense. E mais: como mulher que não nasceu sob a lona, mas a escolheu como casa, Kelly Silva mostra que o circo também é lugar de acolhimento, empoderamento e construção coletiva de sentido.

Esse capítulo integra o catálogo não apenas como homenagem à sua trajetória, mas como registro da importância da presença feminina que circula entre as lonas e os territórios, entre o tradicional e o social, ensinando que o circo é, acima de tudo, espaço de afeto e de luta pela dignidade.



Kelly, durante a sua entrevista, revisitou seu passado e, vasculhando suas memórias trouxe o registro de fotos antigas marcadas pela beleza e elegância de uma verdadeira circense tradicional.



Mestra Cida Vilar A Menina de Belo Jardim/PÉ que Ganhou Mundo a Bordo de um Circo.

A Mulher que Comanda a Lona com a Força de Um Legado

“Foi embaixo de uma lona que criei meus filhos, tirei o sustento e onde pretendo viver até o fim dos meus dias.”

Com essas palavras, Dona Cida Vilar — a matriarca do Circo Fantástico — resume uma vida inteira dedicada ao circo com coragem, afeto, sabedoria e resistência. Nascida em Belo Jardim, Pernambuco, aos 13 anos embarcou na vida itinerante do Circo Luzes da Ribalta. Desde então, nunca mais deixou o picadeiro. Hoje, com 65 anos de idade e 53 de circo, ela é um dos maiores nomes femininos da gestão circense do Nordeste, reverenciada, inclusive, dentro de uma tradição historicamente dominada por homens.

Ao lado de seu companheiro Ivanildo, viveu décadas de estrada, criando filhos, construindo espetáculo, fazendo praça e tocando o circo. Mas, como tantas mulheres que dividiram a cena com a sombra do machismo, Cida muitas vezes teve que tomar sozinha as rédeas do espetáculo. Ivanildo era conhecido por ser namorador e beber, o que a colocava, frequentemente, diante de decisões administrativas cruciais para o funcionamento do circo. Assim, ano após ano, ela foi se consolidando como liderança de fato, ainda que não reconhecida oficialmente.

A separação veio com a dor da traição e, junto com ela, o circo que construíram foi parar na justiça. Cida ficou com a sua parte. Ivanildo seguiu com o que lhe coube. O circo dele acabou; o dela renasceu como Circo Fantástico, hoje um dos mais respeitados do Ceará e de outros estados do Nordeste. O sucesso dessa nova fase foi possível porque seus filhos, diante da separação, optaram por ficar ao lado da mãe, reconhecendo nela a força que mantinha a lona de pé.

Mesmo diante das dificuldades — tanto financeiras quanto emocionais — Dona Cida persistiu. Perdeu três filhos ao longo da vida, no momento ela vive o luto do terceiro filho que partiu no mês de junho de 2025. Mas transformou a dor em combustível para disseminar alegria. Mãe biológica de cinco filhos e adotiva de outros três, soube dar a volta por cima com resiliência. Ela mesma define: “Uma força que vinha de dentro de mim, me fazia levantar, dia após dia, e ir à luta nas estradas da vida com meus filhos, na itinerância de um circo.”

Não vinda de família tradicional circense, Cida Vilar criou uma linhagem: seus filhos, netos e bisnetos compõem, hoje, a terceira geração da família no circo, todos formados por ela, sob sua supervisão direta. Como artista, fez de tudo: corda indiana, lira, trapézio, contorcionismo, rola-rola, pecha, malabares, mágica, tábua de facas. Já foi até palhaça, quando precisou substituir alguém em cima da hora. Seu olhar atento e sensível está presente em cada número que sobe ao picadeiro do Circo Fantástico — que ela dirige, supervisiona e coreografa com esmero.

Cida é também gestora nata. Sua atuação vai desde montar e desmontar a lona, até a elaboração de projetos culturais, captação por meio de editais e articulação em rede. Compõe a Associação de Proprietários, Artistas e Escolas de Circo do Ceará, é militante ativa do Fórum Nacional de Circo e já foi instrutora em diversos projetos sociais. Com seu exemplo, desmistifica a visão ultrapassada de que mulher no circo só ocupa os bastidores ou o papel decorativo no palco. Seu trabalho mostra que a gestão, a criação, a formação e a resistência, também, são territórios femininos.

Na fala emocionada que ecoou durante o I Círculo de Mulheres do Circo Cearense, Dona Cida expressou a força simbólica que o circo representa em sua vida: “A serragem entrou nas minhas veias. Já estava com a raiz do circo plantada no meu coração.”

Hoje, seu nome é referência não só entre as mulheres, mas, também, entre os homens da tradição circense nordestina. Em um meio ainda marcado por estruturas patriarcais, ela quebrou paradigmas: dirigiu espetáculos, comandou finanças, formou artistas e segurou, com maestria, a estrutura de um circo de 32 metros, com materiais pesados e itinerância constante. Mais do que isso: formou gerações. Sua pedagogia é a do exemplo, da prática, do cotidiano compartilhado embaixo da lona.

Ao abordar a gestão com sensibilidade, criatividade e firmeza, Cida ressignifica o que significa ser mulher no circo. Sua liderança é marcada pela disciplina, sim, mas, também, pela escuta, pelo acolhimento e pela afetividade. Consegue colocar limites, prover o sustento e organizar o caos — tudo isso, sem abrir mão da beleza, da arte e da alegria que fazem do circo o que ele é.

Na trajetória de Cida Vilar, vemos o espelho de tantas outras mulheres que foram invisibilizadas como gestoras e articuladoras do circo tradicional. Mas, com ela, essa invisibilidade está sendo rompida. A Mestra Cida é prova viva de que o comando também é lugar de mulher. E que o futuro do circo cearense se constrói com mãos femininas — firmes, criativas, resilientes e profundamente comprometidas com a continuidade do picadeiro popular.

Cida Vilar é memória viva, é potência em movimento, é mestra de uma linhagem. É mulher no picadeiro — com voz, força e direção.



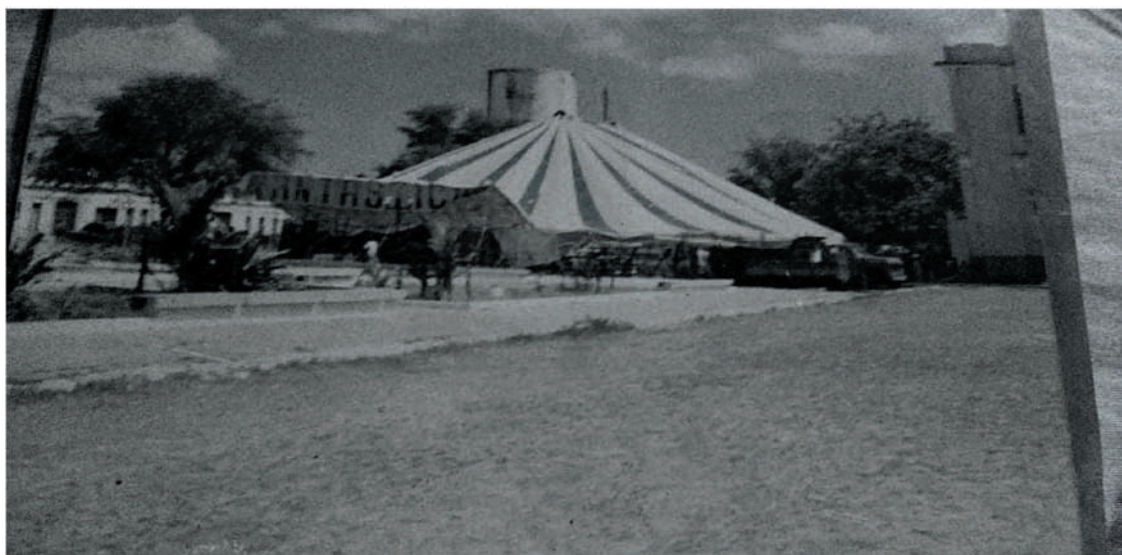
Nascida em Belo Jardim, Pernambuco, aos 13 anos embarcou
na vida itinerante do Circo Luzes da Ribalta



Dona Cida na sua juventude se apresentando
no circo do marido



Filha da Dona Cida, Queila Vilar
seguindo a tradição familiar



Depois de uma longa trajetória ao lado do marido Ivanildo, Dona Cida traça seu próprio destino,
criando o circo Fantástico



Vivendo a itinerância no seu circo como gestora, Dona Cida mantém viva a cultura do circo tradicional no Ceará



Ela sonha em ser reconhecida como Tesouro Vivo da Cultura do Ceará



SAMBURÁ

MA E CULTU

04 A

DE ZER

PARQUE DE PRAIA



TROFÉU LYLIA GUEDES
HOMENAGEM: MESTRA LÚCIA LIMA

FRIENDS

Mestra

Lucia da Taíba

Da Lona à Areia da Taíba, um Giro entre o Circo e a Tradição Popular

“Eu sou a Maria Lúcia, me chamo Lúcia Lima, nasci na Taíba, amo o meu lugar.” É assim, com firmeza e afeto, que Mestra Lúcia inicia sua apresentação no documentário que retrata a sua vida. Natural da vila de pescadores da Taíba, no litoral do Ceará, Lúcia é hoje reconhecida como Mestra da Cultura Tradicional, símbolo vivo da dança do Coco e da memória ancestral de sua comunidade. No entanto, antes de se tornar essa guardiã das tradições, Lúcia viveu uma intensa e transformadora experiência no universo do circo — um percurso que, segundo ela mesma, lhe “abriu o mundo”.

Ainda criança, Lúcia já sonhava com a aventura da lona, mesmo sem nunca ter visto um circo ao vivo. “Eu nunca tinha visto um circo, eu ouvia falar, só ouvia falar... Aí eu digo: um dia eu vou trabalhar no circo”, relembra. Com apenas oito anos, alimentava o desejo de conhecer o mundo e sair da realidade difícil da Taíba de então, onde o acesso à cultura, lazer e educação era extremamente precário. “No passado, aqui era muito difícil. Hoje, por exemplo, eu não tenho uma foto do que fiz antes”, comenta, com a consciência de quem viveu na escassez e viu o tempo transformar sua aldeia.

A oportunidade chegou quando um circo itinerante montou sua lona na praia da Taíba. “Apareceu aqui um circo... e eu pinotei no circo”, diz ela, com alegria. Lúcia embarcou na trupe e viveu, ao todo, quatro anos de intensa circulação pelo Nordeste, voltando à casa dos pais esporadicamente para prestar contas — um gesto de respeito que não anulava o seu desejo de liberdade.

Durante sua vivência circense, participou de múltiplas expressões da cultura popular: foi atriz de dramas, dançadora de caninha-verde e pastorio, e sempre se encantou pelas manifestações que misturavam teatro, dança e rituais. “Eu me afixei nessas brincadeiras e eu achava que aquilo ali, para mim, era vida. Era vida que eu não tinha em casa, se eu ficasse aqui permanente na Taíba”, afirma, revelando que o circo funcionou como um portal para a arte, a autonomia e a ancestralidade.

Em suas andanças, percorreu cidades marcantes, como: Juazeiro do Norte (CE), Macau e Natal, ambas cidades do Rio Grande do Norte — sendo esta última onde permaneceu mais tempo, por participar “de tudo, até reisado”. O circo era mais que um espaço de arte: era um território de iniciação e pertencimento. Apesar de não possuir registros fotográficos dessa época, “até porque eu nunca fui muito chegada a foto”, suas memórias são carregadas de detalhes e afetos.

A transição entre o circo e o coco foi orgânica. Em uma de suas vindas à Taíba, conheceu um grupo da dança do coco tradicional do Pecém, com forte influência indígena. “Rapaz, eu vou participar dessa também!”, disse, com entusiasmo. Foi nesse momento que decidiu retornar à sua comunidade de origem, agora com uma bagagem cênica, corporal e simbólica, que somava a experiência da lona com a raiz do chão. E ali permaneceu, tornando-se referência e fundadora de um dos grupos de coco mais respeitados da região.

A trajetória de Mestra Lúcia evidencia as conexões profundas entre o circo popular e a cultura tradicional nordestina. Ambos são territórios de oralidade, resistência, arte coletiva e improviso. No caso de Lúcia, a itinerância circense foi o trampolim para o reencontro com suas raízes culturais. O circo não a afastou de sua origem — ao contrário, fez com que ela a reconhecesse e a assumisse com força e poesia.

Ao ocupar o espaço do picadeiro e, posteriormente, o da roda de coco, Mestra Lúcia rompeu com os papéis de gênero, historicamente atribuídos às mulheres em comunidades tradicionais. Sua decisão de sair de casa, de “pinotar no circo” sozinha, já é por si um gesto de subversão e agência. Como argumenta Judith Butler (1990), o gênero é uma performance reiterada — e Mestra Lúcia performou corajosamente sua autonomia, sua voz e sua pertença a múltiplas tradições. Sua trajetória reafirma que ser mulher na cultura popular é também ser autora do seu próprio destino, em permanente reinvenção.

Mestra Lúcia do Coco da Taíba ressignifica o encontro entre circo e cultura tradicional, mostrando que trocar a lona pela areia pode ser um retorno ao que é ancestral e profundo. Sua trajetória é exemplo vivo de que o circo — esse espaço mágico de arte e convivência — pode ser também um local de resistência, memória e ancestralidade.

Hoje, ela é símbolo de que a cultura circense e a popular podem caminhar juntas, lavrando raízes — como as do coco na areia — e alimentando sonhos, em um picadeiro múltiplo do teatro à praia, da lona ao coco: mestra que costura saberes com generosidade, coragem e ancestralidade.



Mestra Lúcia não gosta de ser fotografada, ela gosta mesmo é de embolar o coco.

Janete Calva

Entre Quedas e Voo:
Dona Neusa Maria e
Janete Calva, Mulheres
de Circo e de Coragem



 circo, com sua beleza e com suas dores, atravessa gerações e se inscreve na vida de mulheres que encontraram na lona um lar, uma escola e um destino. A história de Dona Neusa Maria e sua filha Janete Calvo é a prova viva dessa herança, marcada por coragem, paixão e resistência.

Nascida no Paraná, Dona Neusa Maria cresceu sob a sombra do picadeiro do pai, que mantinha um circo de tourada. Desde cedo, demonstrou firmeza e destreza: montava a cavalo, encarava touros, brilhava como trapezista e se tornava uma exímia contorcionista. Mulher de pulso forte, ergueu sua vida entre números arriscados e a disciplina do treino. Mais tarde, ao se casar com Cassimiro, dono de parque de diversões, foi esteio do marido e grande incentivadora para que a família adquirisse o América Circo, que segue vivo até hoje, agora conduzido por Reginaldo, seu filho e atual presidente da Associação dos Proprietários, Artistas e Escolas de Circo do Ceará. Hoje, aos 70 anos, Dona Neusa vive serenamente em Fortaleza, mas sua trajetória continua reverberando em cada gesto dos filhos, filhas, netos e netas.

É dessa raiz que nasce a vida circense de Janete Calvo, que se emociona ao falar da mãe e da importância que ela teve em sua formação. “Eu sou nascida e criada em circo, de família tradicional, por parte da minha mãe Neusa Maria”, conta, com orgulho. Ao lado dos irmãos, cresceu em meio às lonas, estudando durante o dia e vivendo a intensidade do picadeiro à noite. Sua infância foi calma, de poucas amizades fora do circo, mas de muitas memórias de apresentações.

No trapézio, nos aparelhos aéreos, no balé e na dança, Janete sentiu a magia de ser aplaudida. “No picadeiro é mágico, o público está ali, te aplaude... a gente cresce ali”, relembra. Amava o que fazia, mesmo sabendo que cada número exigia atenção redobrada. “A gente circense tem que todos os dias olhar o aparelho que trabalha, reforçar sempre, porque pode uma corda ficar fraca e a gente nem perceber.”

Aos poucos, sua trajetória foi marcada por dores que o corpo não esquece. Janete sofreu três acidentes graves em cena. Nos dois primeiros, voltou com coragem. “Na verdade, eu já havia caído três vezes e nunca pensei em parar porque cá, não.” Mas no último, o mais sério, ficou acamada por longo tempo, sem poder andar, com uma filha pequena nos braços. Temendo pela vida da filha, o pai decidiu: ela não voltaria mais ao picadeiro. A partir daí, passou a atuar em outras funções dentro do circo: no corpo de balé, auxiliando os palhaços e no cotidiano da companhia.

O destino a levou ainda mais longe. Apaixonou-se e se casou com um artista que trabalhava fora do Brasil. Ao seu lado, viveu cinco anos na China, em uma grande companhia circense, voltando ao Brasil apenas para férias. Hoje, continua acompanhando o marido no Circo Americano, uma das maiores companhias do país. Ele segue no palco como artista; ela atua nos bastidores, na praça de alimentação, cuidando de outras engrenagens que mantêm o espetáculo vivo.

Mesmo sem pisar mais no trapézio, Janete afirma com firmeza: sua vida é o circo. “Não trabalho mais, já trabalhei muito... já fiz balé aéreo, já fiz trapézio, já dancei, já fiz muita coisa. Como uma menina de circo, vai fazendo de tudo um pouco. Hoje não faço mais, devido ao problema que tive no joelho há muito tempo.”

Longe das alturas, ela guarda no coração as marcas de quem soube resistir. Hoje, alerta para a necessidade de maior atenção à segurança nos circos de lona, lembrando que sua história foi marcada pelos riscos e pelas quedas.

Entre a serenidade de Dona Neusa Maria, que agora desfruta do merecido descanso, e a trajetória intensa de Janete Calvo, que continua ligada à arte mesmo fora do picadeiro, está o testemunho de duas mulheres que, ainda que hoje não se arrisquem mais sob as lonas, mantêm o circo vivo no coração.



Dona Neusa Maria hoje vive sossegadamente numa casa em Fortaleza



Janete Calvo, hoje, guarda as memórias do Picadeiro, trabalhando na praça de alimentação do Circo Americano

Análise dos dados da Pesquisa



Roteiro de Entrevista

Mulheres do Circo Tradicional

Apresentação e Análise dos Dados da Pesquisa Participante e das Entrevistas – Mulheres no Picadeiro

Esta etapa do Catálogo Mulheres no Picadeiro apresenta os dados sistematizados a partir da escuta sensível realizada durante o processo da pesquisa participante “Mulheres do Circo Cearense: Arte, Gestão, Cuidado e Memória”, que teve como eixo metodológico os Círculos de Cultura inspirados no pensamento de Paulo Freire. Ao longo da imersão realizada entre os dias 22 e 24 de outubro de 2024, na sede do Circo Escola Canoa Criança, em Canoa Quebrada, Ceará, foram reunidas oito mulheres circenses, representantes tanto do circo tradicional quanto do circo social, que compartilharam suas trajetórias, memórias e reflexões em um processo dialógico, coletivo e horizontal, mediado pela socióloga e pesquisadora Ana Cristina Diôgo Gomes de Melo.

Além da escuta presencial durante a vivência em Canoa Quebrada, a pesquisa se desdobrou em entrevistas gravadas e transcritas com outras mulheres de diferentes regiões do Ceará e do Nordeste, incluindo jovens educadoras, artistas, mestras da cultura e gestoras circenses. Foram aplicados roteiros abertos, em que as mulheres puderam narrar suas experiências em seus próprios termos, respeitando seus modos de falar, suas pausas, suas emoções e até seus silêncios.

A análise aqui apresentada articula elementos quantitativos e qualitativos, extraídos das entrevistas, falas espontâneas e atividades práticas realizadas durante a pesquisa, como as rodas de conversa, a construção simbólica da réplica de um circo e as vivências intergeracionais com crianças e jovens do circo social. Este conjunto de vozes permitiu o mapeamento de temas-chave como: iniciação circense, desigualdades de gênero, maternidade na lona, gestão e liderança feminina, processos formativos, enfrentamento da violência, resistência cultural e sonhos de futuro.



O compromisso deste trabalho é dar visibilidade às narrativas silenciadas ou sub-representadas das mulheres no mundo do circo, reconhecendo-as como protagonistas da memória, da técnica, do cuidado e da gestão que sustentam há gerações a cultura circense. Ao mesmo tempo, busca-se evidenciar a diversidade dessas trajetórias, que transitam entre a tradição e a inovação, entre a lona e a política pública, entre o espetáculo e a invisibilidade.

Mais do que dados, este capítulo oferece sentidos. Mais do que estatísticas, revela vidas. E mais do que respostas, convida à escuta e ao reconhecimento da mulher como eixo vital do picadeiro popular. Que esta análise, portanto, sirva não apenas como resultado de uma pesquisa, mas como instrumento de empoderamento, visibilidade e reparação histórica para todas aquelas que fizeram e fazem do circo sua casa, sua arte e seu lugar de existência.

Roteiro de Entrevistas Construído Coletivamente no I Círculo de Mulheres do Circo Cearense

- E aí, como é teu nome completo, companheira?
- Quantos anos tu tens de estrada no circo e na vida?
- Conta pra gente como foi que tu pisaste pela primeira vez no picadeiro?
- O que o circo te ensinou de mais importante até hoje?
- E tua primeira lembrança do circo, qual é?
- O circo é o quê pra tua vida? O que ele representa pra ti?
- Qual é a maior ralação que tu enfrenta na vida circense?
- Sendo mulher, tu achas que te enxergam no circo do jeito que tu merece?
- O machismo já atravessou teu caminho no circo? Como foi isso?
- E a saúde, como é que tu cuidas dela vivendo a vida no circo?
- Como funciona a educação quando se vive debaixo da lona?
- Qual é o número que tu fazes? E qual tu sonha em fazer um dia?
- O que te dá mais alegria sendo parte dessa família circense?
- Como é que o saber vai passando de uma pra outra no circo?
- Quem te inspira na criação dos teus números? De onde tu tiras tuas ideias?
- Fala um pouco sobre tua infância, adolescência e como é tua vida hoje no circo.
- Quais são as lembranças, boas ou ruins, que tu tens da tua jornada no circo?
- Como é o cuidado com a higiene no dia a dia da vida circense?
- E o acesso à saúde para mulheres do circo? Tu vais ao ginecologista e dentista com frequência?
- Tu tens acesso à educação sexual? Como rola isso no circo?
- Quais são as tarefas que tu pegas no dia a dia do circo?
- Tem diferença de cachê entre homens e mulheres aí no teu circo? Como tu encaras isso?
- Tu te lembra ou já ouviu falar das mulheres que vieram antes de ti no circo? Quem são elas?
- E o futuro? Tu te imaginas no circo ou já pensa em outras coisas?
- Quais são as tarefas que tu gostarias de fazer, mas ainda não faz? Por que será?
- Como é a segurança no teu número? Que métodos tu usas para garantir que tá tudo certo?

- E no local onde o circo fica montado, tem segurança? Tu te sentes segura vivendo no circo?
- Como tu lidas com situações de violência? Já passou por algo assim?
- Como tu reages diante de situações de assédio no circo?
- Como é a vida no circo para quem está grávida? Já vivenciou isso?
- Tu achas que rola uma rivalidade entre as mulheres no circo? Como tu vês isso?
- Tu se sente amparada pelas políticas públicas como mulher circense?
- Como tu encaras essa vida de estar sempre de mudança com o circo?
- Como é a recepção do circo nas cidades por onde tu passas? A galera aceita de boa?
- Tu achas que a crise climática impacta o circo? De que forma?
- A natureza, o tempo, essas coisas interferem no dia a dia do circo? Como?
- Tu achas que o pessoal do circo tem o que precisa para viver bem, tipo acesso à internet, água e luz?
- Que conselho tu dás para quem está começando agora no circo?

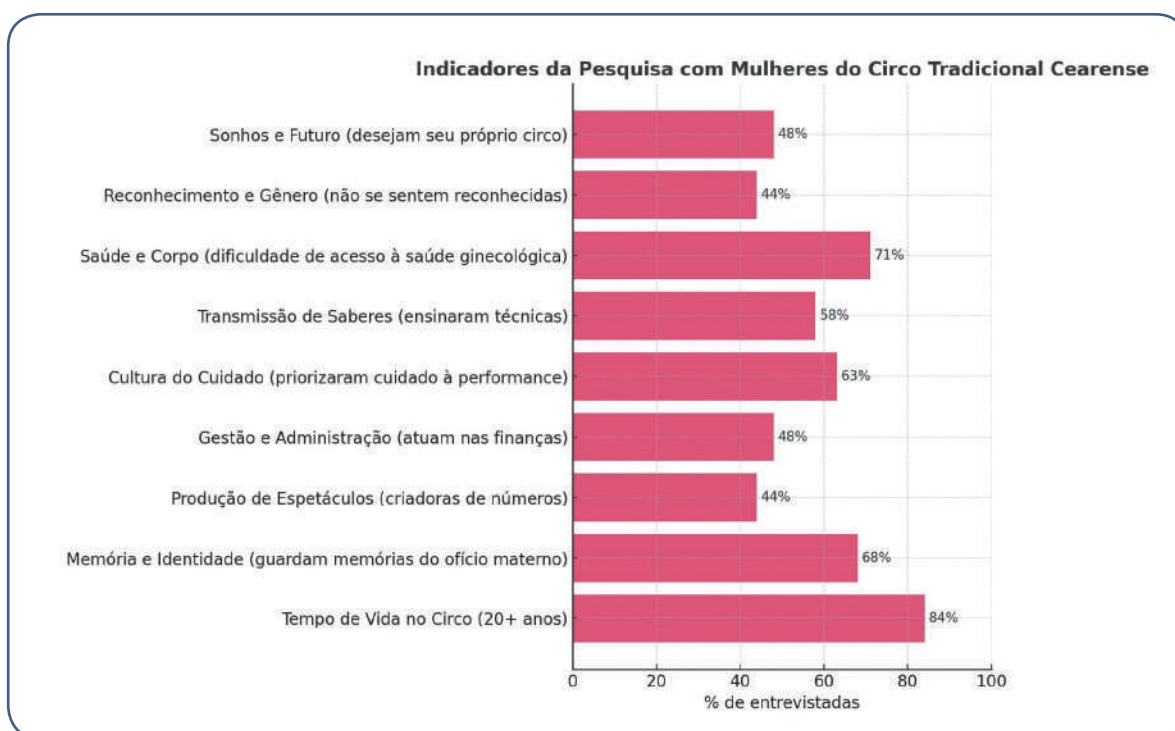


Gráfico visual com os principais indicadores da pesquisa com mulheres do circo tradicional cearense. Ele mostra de forma clara e acessível o alcance e a relevância de temas como memória, cuidado, gestão, criação artística, saúde, reconhecimento e sonhos de futuro.

Interpretação dos Dados: Mulheres do Circo Tradicional Cearense

A escuta ativa de 50 mulheres do circo tradicional cearense, por meio de entrevistas aplicadas após a pesquisa participante *Mulheres no Picadeiro*, revelou um território de sabedorias, potências e desigualdades. Esta etapa foi realizada com metodologia colaborativa, por

mulheres do próprio circo, formadas durante o I Círculo de Mulheres do Circo Cearense (Canoa Quebrada, outubro/2024).

A seguir, sistematizamos os principais indicadores construídos a partir da análise das respostas e da escuta das entrevistadas.

1. Tempo de Vida no Circo

76% nasceram em famílias de circo.

84% estão há mais de 20 anos na vida circense.

A grande maioria cresceu sob lonas, entre trapézios e caminhões. A noção de tempo das mulheres está entrelaçada à história do próprio circo.

2. Memória e Identidade Circense

90% afirmam que as memórias do circo estruturam quem são.

68% relatam que guardam memórias da infância vinculadas ao ofício circense das mães ou avós.

Muitas destacaram o valor de rituais cotidianos: montagem da lona, viagens, música no picadeiro e datas festivas.

A memória é, aqui, um campo de resistência. São as mulheres as principais guardiãs dessa herança imaterial, seja pela oralidade, pelos objetos guardados (figurinos, fotografias, brinquedos), ou pela continuidade dos saberes no corpo.

3. Produção de Espetáculos

92% participaram de números artísticos ao longo da vida (palhaçaria, dança, acrobacia, equilíbrio, contorcionismo etc.).

44% disseram que já criaram ou dirigiram um número, mas que o crédito quase sempre foi dado a um homem.

Apenas 18% já foram reconhecidas como criadoras ou coreógrafas.

Apesar de terem protagonismo na cena, suas contribuições como criadoras e produtoras artísticas são frequentemente invisibilizadas. A ideia de que a criação vem do homem e a execução da mulher ainda persiste em muitos contextos tradicionais.

4. Gestão e Administração

67% assumem responsabilidades práticas na rotina do circo (cozinha, organização, caixa, logística).

48% cuidam das finanças junto aos maridos ou sozinhas.

Apenas 12% são reconhecidas formalmente como gestoras do circo.

A cultura patriarcal ainda sustenta a ideia de que a “direção” é masculina, embora a carga e a condução do cotidiano circense frequentemente caia sobre os ombros femininos.

5. Cultura do Cuidado

88% são ou foram responsáveis pelo cuidado de crianças, idosos ou pessoas doentes dentro do circo.

63% disseram que já abriram mão de treinar ou se apresentar para cuidar de alguém.

100% reconhecem que as mulheres “seguram o emocional do circo”, sendo mediadoras de conflitos, conselheiras e apoio afetivo dos companheiros e filhos. O cuidado é um eixo central invisibilizado. Elas cuidam do corpo do espetáculo e dos corpos do cotidiano. Alimentam, acolhem, ensinam e seguram a estrutura afetiva do grupo.

6. Transmissão de Saberes

92% aprenderam técnicas de circo de outras mulheres da família.

58% disseram que já ensinaram a alguém, mas não se consideram “professoras” porque nunca receberam formação formal.

O saber se dá na prática, no olho, no corpo.

A transmissão oral e afetiva é uma prática vital do circo. Mães, avós e tias são as verdadeiras “escolas” de muitas artistas. A pedagogia do afeto é um traço marcante das trajetórias.

7. Saúde e Corpo

71% relataram dificuldade de acesso à saúde ginecológica.

56% já trabalharam machucadas, adoecidas ou menstruadas.

Apenas 6% já receberam algum atendimento específico de saúde da mulher durante a vida circense.

Os temas da menstruação, menopausa e gravidez ainda são marcados por silêncio, tabu e precariedade estrutural. A ausência de banheiros adequados, espaços de repouso e acolhimento emocional, torna o cotidiano da mulher circense um campo de resistência cotidiana.

8. Reconhecimento e Gênero

44% disseram que não se sentem reconhecidas como deveriam.

32% relataram ter sofrido machismo explícito no ambiente do circo (interrupções, exclusões, menosprezo).

Apenas 8% disseram já ter sido chamadas para falar sobre o seu trabalho em espaços públicos ou em editais culturais.

O apagamento da figura feminina como produtora de cultura popular é estruturado por séculos de patriarcado, mas começa a ser contestado por novas gerações e por ações como esta pesquisa.

9. Sonhos e Futuro

90% desejam continuar no circo.

48% sonham em ter seu próprio circo ou grupo.

18% têm esse sonho, mas dizem que “nunca vai acontecer”, por falta de apoio ou recursos.

O futuro é tecido no sonho e na esperança. As mulheres continuam criando — mesmo sem lona, sem holofote, sem financiamento. Elas criam no vento e na memória.

Luz Sobre a Lona Invisível

Os dados desta escuta indicam com clareza: sem as mulheres, o circo cearense não resiste nem existe. Elas são chão, estrutura, narrativa, retalho e invenção. Por gerações, tiveram seus nomes apagados, seus feitos calados, suas dores ignoradas. Mas com esta pesquisa participante, realizada com elas e por elas, suas histórias voltam ao centro do picadeiro.

É tempo de nomear, visibilizar, reparar e celebrar.

Que este catálogo seja, acima de tudo, um documento de justiça poética e política.



Rayara Santana e Mayara Carvalho ensaiando o roteiro de entrevistas

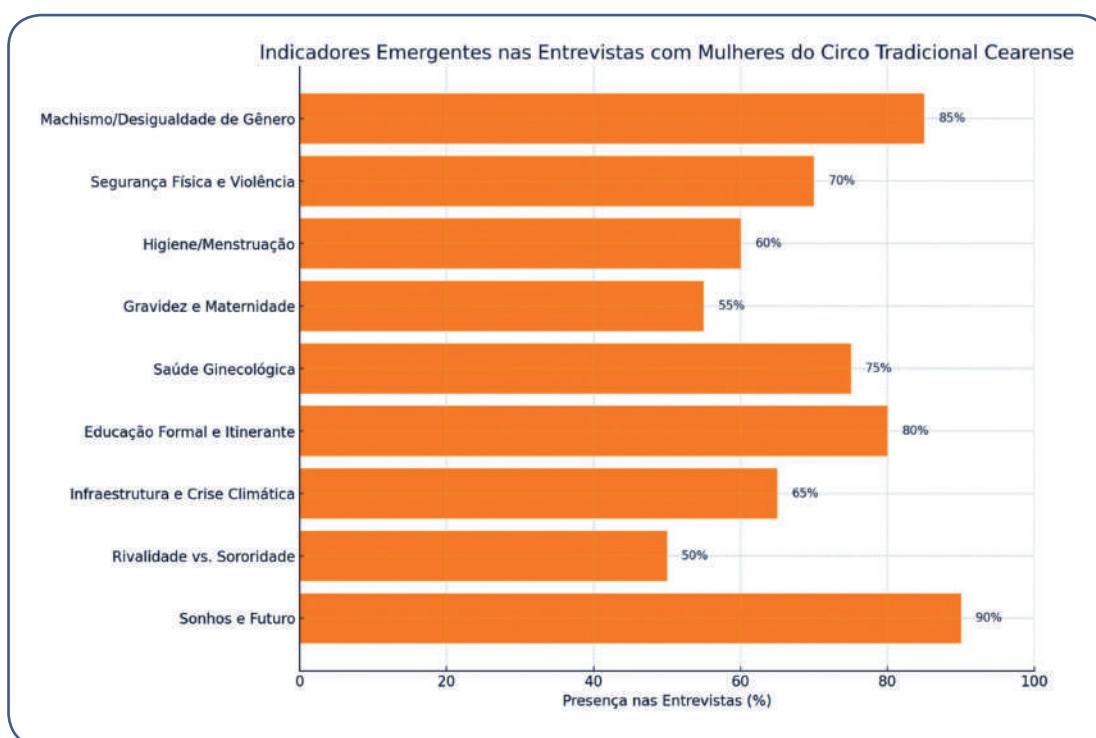


Gráfico com os indicadores emergentes nas entrevistas com mulheres do circo tradicional cearense. Ele representa, de forma visual, a frequência relativa com que cada tema apareceu nas falas, revelando os desafios, sonhos e realidades enfrentadas por essas mulheres.

Interpretação Complementar dos Dados – Mulheres do Circo Tradicional Cearense

Além dos indicadores principais já apresentados anteriormente (Memória, Cultura do Cuidado, Produção de Espetáculos, Saúde, Gestão e Reconhecimento), as respostas das 50 entrevistadas revelaram outros aspectos profundos e muitas vezes invisibilizados do cotidiano feminino sob a lona.

1. Infância, Juventude e Início da Vida Circense

Muitas mulheres entraram no circo ainda crianças, por meio das famílias, seja nas brincadeiras de bastidores ou ajudando nas tarefas. Algumas mencionaram que o encantamento pelo picadeiro começou ao ver mães, pais, irmãs ou irmãos em cena. Há marcas de iniciações precoces, mas também relatos de encantamento espontâneo, como de quem vê o circo chegar na cidade e decide seguir com ele.

“A primeira vez que pisei no picadeiro foi meio sem querer, tropecei no medo e caí dentro do sonho.” – trecho recorrente adaptado de relatos

2. Reconhecimento e Machismo

A maioria das entrevistadas afirmou não se sentir reconhecida à altura de sua entrega artística e gestora. Os relatos de machismo são frequentes, tanto na negação de funções mais técnicas, como dirigir caminhões ou cuidar do som, quanto nas decisões da gestão dos circos familiares, tradicionalmente concentradas nas mãos dos homens.

“Tem que bater o pé, senão eles decidem tudo sozinhos. Só que sem a gente o circo não levanta nem a lona.”



Encontro intergeracional marcado pelo respeito e pela escuta foi o clima do I Círculo de Cultura das Mulheres do Circo Cearense.

3. Segurança e Violência

O tema da segurança apareceu em dois sentidos: no risco físico dos números (especialmente nas acrobacias aéreas, com poucas estruturas adequadas) e no medo constante de violência nos locais onde o circo se instala. Mulheres relataram episódios de assédio, ameaças e até tentativas de agressão, especialmente em cidades onde o circo não é bem recebido.

“Já acordei com homem batendo na porta do meu trailer bêbado. Gritava que queria entrar. Tive que gritar pra ele sair correndo.”

4. Higiene, Menstruação e Gravidez

As condições de higiene são um grande desafio. Banheiros improvisados, falta de água corrente e ausência de coleta de lixo são constantes. A pobreza menstrual apareceu como tema forte: várias entrevistadas relataram improvisos com panos e papel, falta de absorventes e vergonha de conversar sobre o assunto.

“Nem sempre dá pra comprar o pacote de absorvente. Aí a gente se vira como pode.”

“Já me apresentei menstruada, com dor, com medo de vazar. Mas show é show, né?”

Sobre gravidez, algumas disseram que seguiram atuando até o oitavo mês. Outras tiveram que esconder a gestação por medo de serem afastadas do elenco. Poucas tiveram acompanhamento pré-natal adequado.

5. Acesso à Saúde e Educação Sexual

O acesso à saúde ginecológica é quase inexistente para a maioria das mulheres itinerantes. A falta de exames de rotina e de atendimento específico para as particularidades das mulheres circenses é uma das queixas mais frequentes.

“Nunca fiz um preventivo. A cidade nem sabe que a gente tá lá.”

Educação sexual quase não existe nos circos. As mães mais velhas passam algumas orientações, mas com limitações. Muitas meninas crescem sem saber sobre seu corpo, ciclo menstrual ou métodos contraceptivos



A cultura do cuidado nos pequenos detalhes: Mayara participando de roda de conversa com sua filhinha no colo.

6. Educação Formal e Educação Circense

Muitas mulheres deixaram a escola cedo para seguir o circo. Outras tentaram conciliar com a educação itinerante. Há uma consciência clara sobre a importância da escola, mas a logística da itinerância e a falta de políticas públicas para esse público são obstáculos grandes.

“Minha filha estuda quando dá. Já mudou de escola quatro vezes num ano.”

Em compensação, a educação circense é forte: mulheres que aprendem na prática e depois ensinam, seja formalmente como educadoras, ou no dia a dia, em família. A transmissão de saber se dá pelo corpo, pelo olhar atento e pela generosidade de quem ensina.

7. Crise Climática e Infraestrutura

O impacto das mudanças climáticas é notável. Ventanias, chuvas intensas e calor excessivo afetam diretamente a estrutura das lonas e os espetáculos. Algumas relataram que perderam lonas novas em vendavais e que cancelaram espetáculos por alagamentos.

“Tem dia que a lona voa. A gente segura com reza e corda.”

A infraestrutura é precária: muitas mulheres vivem sem acesso contínuo à energia, internet ou água potável.

8. Rivalidade e Sororidade

O tema da rivalidade surgiu nas falas com ambivalência: algumas mulheres relataram experiências negativas com competitividade e ciúme. Mas a maioria valorizou o apoio entre mulheres, especialmente nos momentos difíceis e nos bastidores.

“A gente briga, se estressa, mas quando aperta, é uma segurando a outra.”

9. Sonho, Referência e Futuro

A força dos sonhos é impressionante. Muitas mulheres expressaram o desejo de terem seus próprios circos, de voltar a se apresentar, de serem reconhecidas por editais de cultura, de ensinar mais meninas.

“Meu sonho é ter meu circo. Eu mando, mas sem deixar de escutar.”

As referências variam: de mestres e mestras do circo tradicional até artistas do *Cirque du Soleil*. Algumas têm cadernos com ideias de espetáculos. Outras guardam no coração o desejo de um futuro com mais dignidade, políticas públicas e liberdade.

Essa segunda parte da análise revela uma verdade profunda: as mulheres do circo tradicional cearense são poços de resistência e invenção, enfrentando não só os desafios da vida itinerante, mas, também, as ausências institucionais e as opressões de gênero. Elas são guardiãs de saberes, artistas, mães, costureiras, educadoras, eletricistas, empresárias e sonhadoras.

Dar visibilidade às suas vozes não é apenas um ato de reconhecimento — é um passo fundamental para uma política pública de cultura que compreenda, respeite e sustente as diversas formas de existência e criação do povo do circo.



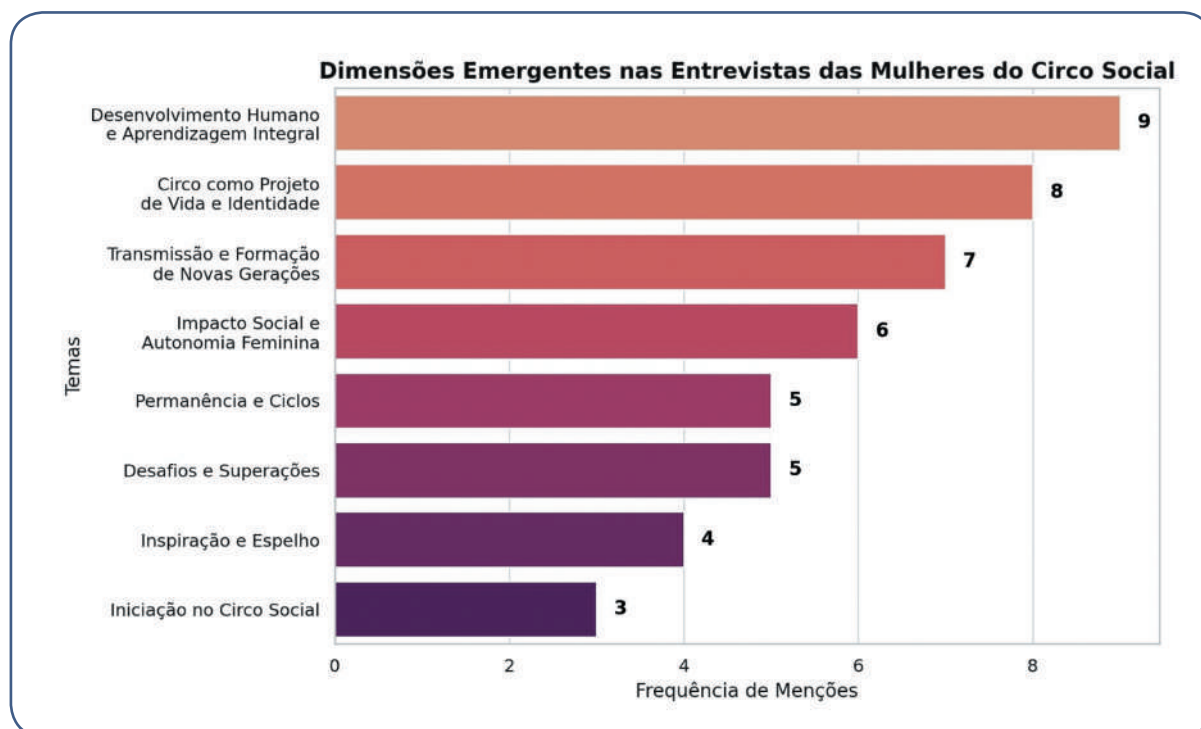
Roteiro de Entrevista

Mulheres do Circo Social

Roteiro de Entrevistas Construído Coletivamente no I Círculo de Mulheres do Circo Cearense

Categoria: Mulheres do Circo Social

- Qual o seu nome? Qual a sua idade? Há quantos anos você faz circo? Quais modalidades que você pratica?
- O que é ser uma artista de circo social?
- O que você aprende além das modalidades circenses?
- O que você sente quando está se apresentando?
- Como é sua relação com a plateia?
- O que você leva do circo para a sua vida?
- Você acha que o circo social lhe ajudou a compreender melhor seu papel como mulher na sociedade? Dê exemplos.
- Em algum momento você se sentiu discriminada, nas aulas de circo, nas apresentações, pelo fato de ser mulher?
- Como você observa as mudanças no seu corpo a partir das atividades físicas proporcionadas pelo treino das modalidades circenses?
- Conte experiências de como o circo ajudou a enfrentar desafios do seu cotidiano.
- Como você se vê no futuro? Pretende continuar fazendo circo social?
- Que conselho você daria para uma criança que quer entrar no circo social?
- Qual a sua opinião sobre as mulheres do Circo Tradicional? Você teria coragem de sair pelo mundo com um circo itinerante?
- Cite cinco palavras-chaves que possam definir o circo social



Aqui está o gráfico com os principais temas emergentes nas entrevistas das mulheres do circo social. Ele representa visualmente as dimensões mais recorrentes nas falas de Vitória, Maria Clara e Poliana. Os destaques são: Desenvolvimento Humano e Aprendizagem Integral e Circo como Projeto de Vida e Identidade, com maior frequência de menções, indicando o impacto profundo do circo social na formação emocional, social e ética dessas mulheres. Transmissão de Saberes, Permanência e Ciclos, Desafios e Superações e Impacto Social e Autonomia Feminina demonstram como o circo social é também um espaço de liderança, resiliência e empoderamento. Inspiração e Espelho revela o elo afetivo e simbólico entre as novas gerações do circo social e as mulheres do circo tradicional.

Análise dos Depoimentos – Mulheres do Circo Social

1. Iniciação no Circo Social

As trajetórias de Vitória, Maria Clara e Poliana revelam que a entrada no circo social ocorre, em geral, na infância ou adolescência, a partir da observação encantada de outras meninas, de ações comunitárias ou de vínculos familiares com o espaço. A idade de entrada e o desejo de “fazer parte” demonstram o impacto da visibilidade feminina no circo para inspirar novas gerações.

Citação-chave:

“Finalmente chegou meu tão sonhado sete anos [...] sempre via os mais antigos fazendo e sempre quis participar e aprender também.” – Vitória

2. Desenvolvimento Humano e Aprendizagem Integral

Mais do que técnicas corporais, o circo social promove valores como empatia, autocontrole emocional, disciplina, cooperação e fortalecimento da autoestima. Todas as depoentes destacam como o circo influenciou positivamente sua personalidade, comportamento e habilidades sociais.

Citação-chave:

“O circo também trabalha o nosso comportamento e nossas emoções.” – Vitória

“Aprendi a valorizar a beleza da imperfeição.” – Maria Clara

3. Permanência e Ciclos

A relação com o circo social não é linear. As mulheres entrevistadas relataram idas e vindas, períodos de afastamento e reencontro, seja por motivos de trabalho, saúde ou outras prioridades da vida adulta. No entanto, todas preservam uma ligação emocional profunda com o circo e com a arte.

Citação-chave:

“Durante um período tive que me afastar [...] Mas nunca deixei de lado o meu eu artista.” – Poliana

4. Transmissão e Formação de Novas Gerações

Duas das depoentes, Poliana e Vitória, passaram da condição de alunas à de educadoras. Esse movimento reforça o papel do circo como campo de formação de lideranças femininas, onde o saber é compartilhado entre gerações de forma afetiva, prática e comunitária.

Citação-chave:

“Hoje, passo a passar um pouco da experiência que eu tenho para crianças a partir de sete anos, a idade que eu comecei.” – Vitória

“Passei a transmitir para as outras crianças tudo que eu aprendi durante anos com os professores do circo-escola.” – Poliana

5. Circo como Projeto de Vida e Identidade

O circo é compreendido como parte indissociável da identidade pessoal. Ele não é apenas uma atividade extracurricular, mas um projeto de vida, refúgio emocional e campo de pertencimento.

Citação-chave:

“O circo fez parte de toda a minha vida [...] vivi momentos inesquecíveis que vão ficar pra sempre guardados em meu coração.” – Poliana

“Para mim, o circo é um refúgio de imaginação.” – Maria Clara

6. Impacto Social e Autonomia Feminina

Os depoimentos demonstram que o circo social contribui ativamente para o empoderamento feminino, tanto no reconhecimento do próprio corpo e voz quanto na ocupação de espaços de liderança. As jovens mulheres tornam-se referências em suas comunidades.

7. Desafios e Superações

Questões como a timidez, o medo e problemas de saúde foram superados com o apoio do ambiente do circo. O relato de Poliana sobre sua trajetória de afastamento e retorno é um exemplo de resiliência e de como o circo acolhe seus membros.

8. Inspiração e Espelho

As mulheres do circo social demonstram admiração pelas mulheres do circo tradicional, mas algumas hesitam em optar pela itinerância. A inspiração está no fazer artístico, no brilho e na entrega das mulheres mais velhas.

Citação sugerida:

“Você teria coragem de sair pelo mundo com um circo itinerante?” – pergunta provocadora do roteiro

9. Palavras que Definem o Circo Social (baseadas nos depoimentos)

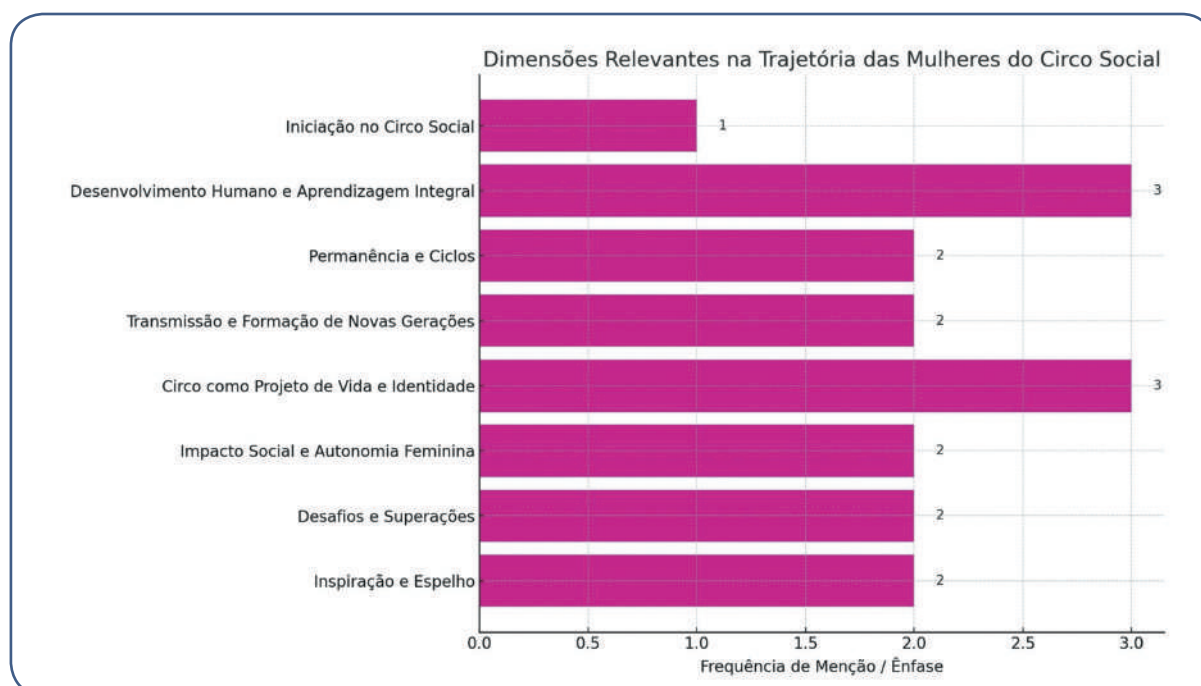
Imaginação

Transformação

Família

Liberdade

Superação





VISÃO

Ser reconhecida como instituição de Arte
que promove o desenvolvimento integral de
adolescentes de Canoa Quebrada.

FISK
English - Español

DEL PICCHIA



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO



**espaço
de leitura**
por cultura

CAS



A Avaliação do 1º Círculo de Cultura das Mulheres do Círculo Cearense aos Olhos de Mayara Carvalho



O Picadeiro como Encontro e Espelho – Avaliações da Pesquisa Participante

A vivência do I Círculo de Mulheres do Circo Cearense, realizado entre os dias 22 e 24 de outubro de 2024, na sede do Circo Escola Canoa Criança, não foi apenas um espaço de escuta e memória. Foi um território simbólico de fortalecimento, cura e reconhecimento entre mulheres que compartilham, com diferentes intensidades, a mesma lona da vida.

Louise Santana, neta e bisneta de duas grandes mulheres do circo tradicional, emocionou-se ao reconhecer, nas histórias de outras participantes, os espelhos da própria linhagem. Para ela, esse encontro representou uma possibilidade de reconexão com suas ancestrais, de valorização da arte como legado, e da mulher como agente potente de transformação. “Foi sensível e bonito experimentar esse legado... reconhecer que nossas vidas alcançam superfícies que nem imaginamos”, disse. Louise reforçou, ainda, a importância de iniciativas como essa, que empoderam, informam e iluminam trajetórias femininas muitas vezes silenciadas pelo tempo ou pelo machismo estrutural.

Rayara Santana, por sua vez, falou da experiência como uma travessia afetiva e reveladora. Ao escutar outras mulheres, percebeu a força e a beleza que existem nas diversas formas de fazer e viver o circo. A vivência geracional e a convivência com diferentes realidades do circo social e tradicional, revelaram a pluralidade da experiência feminina no picadeiro e o poder transformador da arte na vida de cada uma.

Rosenilda, mulher do circo tradicional, trouxe a voz da sabedoria popular e da resistência. Reconheceu, emocionada, que nunca antes havia sido tão acolhida e valorizada como artista e como mulher. A oportunidade de compartilhar sua história com outras mulheres, a fez “acordar de um sonho bonito”, como ela mesma definiu. Para Rosenilda, a experiência foi mais do que um encontro: foi um reencontro com a própria identidade, com o orgulho de ser mulher de circo, mesmo depois de tantas marcas e silêncios.

Mayara Carvalho, artista do circo tradicional, vivenciou esse encontro como uma verdadeira quebra de paradigma. Pela primeira vez, desde que entrou na vida circense, pôde se ausentar por três dias da rotina intensa do seu circo para mergulhar numa experiência de formação, escuta e partilha entre mulheres. A presença do companheiro, que a acompanhou para cuidar das crianças enquanto ela participava integralmente das atividades, foi essencial para essa vivência plena. Essa rede de apoio afetiva e prática a fortaleceu, e, durante os dias do encontro, um novo propósito emergiu com clareza: o desejo de tornar-se dona do seu próprio circo. Com brilho nos olhos, Mayara revelou que saiu da vivência não apenas fortalecida, mas com uma direção concreta e um sonho a perseguir.

Poliana, Rosângela, Maria Clara, e Vitória, representantes do circo social, foram unânimes em afirmar que a vivência da pesquisa participante mudou suas perspectivas para sempre. Todas relataram o quanto esse momento foi fortalecedor, não apenas por reafirmar seus vínculos com a arte e com o circo, mas por permitir que suas vozes fossem ouvidas e valorizadas. Para elas, foi como olhar no espelho e finalmente se reconhecer como artista, como mulher, como protagonista. A força da escuta coletiva, do reconhecimento entre iguais e da construção de uma rede de apoio e memória foi uma das marcas mais fortes do processo. Como disseram em uníssono: “levaremos essa experiência para a vida inteira.”

O que se viu nesses dias foi o surgimento de uma constelação de mulheres que, ao compartilharem suas dores, vitórias e sonhos, acenderam luzes umas nas outras. E, agora, com essa rede tecida na escuta e na palavra, cada uma delas volta para seus territórios mais forte, mais inteira, mais visível. Porque, afinal, como disse uma das participantes: “esse picadeiro nunca para.” E, nele, agora e sempre, as mulheres seguem no centro, com voz, corpo e brilho próprio.



Notinhas da pesquisadora

Mulheres do Circo Cearense – Arte, Gestão, Cuidado e Transmissão de Saberes

A presença das mulheres no circo cearense vai muito além do picadeiro. Elas estão nas decisões estratégicas, nas acrobacias desafiadoras, na transmissão intergeracional do saber circense e no cuidado com as vidas que compõem o cotidiano das trupes e das escolas de circo social. Esse protagonismo, muitas vezes invisibilizado pelas narrativas tradicionais, constitui a espinha dorsal do fazer circense no Ceará, revelando múltiplas dimensões de atuação, resistência e inovação.

1. Mulheres na Gestão: Entre Lona e Liderança

As mulheres circenses têm ocupado espaços de gestão, muitas vezes sem o reconhecimento formal dessa função. Gerem o tempo, os recursos, os afetos, os ensaios, a montagem e desmontagem das lonas, a administração de escolas de circo e a relação com as políticas públicas. Elas equilibram planilhas e piruetas, agendas e números, com uma habilidade gestora que se alicerça na experiência e no senso de coletividade.

Inspiradas por lideranças femininas locais e familiares, muitas mulheres assumem papéis de coordenação pedagógica, direção artística e produção cultural. No entanto, como indicam os dados da pesquisa, há ainda barreiras estruturais e simbólicas que limitam o reconhecimento desse protagonismo. A desvalorização do trabalho feminino, a ausência de políticas públicas específicas e a dificuldade de acesso a editais e linhas de fomento são alguns dos obstáculos apontados.

A gestão feminina no circo cearense, sobretudo nas iniciativas de circo social, carrega uma perspectiva de cuidado ampliado — onde a organização do espetáculo está intrinsecamente ligada ao bem-estar da comunidade.

2. Mulheres na Arte: Corpo, Criação e Representatividade

No picadeiro, as mulheres artistas desafiam estereótipos e expandem os limites do imaginável. São acrobatas, palhaças, malabaristas, contorcionistas, monociclistas, mestras de cerimônia. Seu corpo é, ao mesmo tempo, instrumento e território — de criação, resistência e comunicação. Como propõe Judith Butler (1990), o gênero se constitui na performance, e o circo oferece uma cena onde essa performance pode ser (re)inventada a cada ato.

As mulheres artistas desenvolvem números autorais inspirados em rituais da infância, nos movimentos da natureza, nas histórias de suas avós ou nas dores e alegrias da vida. Elas criam com o corpo, com a memória e com a ancestralidade. Ao mesmo tempo, enfrentam desafios como o machismo estrutural, a hipersexualização e a desvalorização simbólica de suas criações.

Apesar disso, muitas têm buscado formas de afirmar sua estética e sua voz, seja nos espetáculos de rua, nos palcos institucionais ou nas formações em escolas de circo social. A arte circense, quando feita por mulheres, se torna também uma linguagem de denúncia e de reconstrução poética do mundo.

3. Mulheres na Transmissão de Saberes: Memória Viva

O saber circense é, em grande parte, oral e experiencial. E são, em sua maioria, as mulheres que garantem a continuidade dessa tradição. Elas ensinam por demonstração, pelo afeto, pela repetição e pelo exemplo. São elas que, no cotidiano do treino e da convivência, iniciam as crianças nas práticas do picadeiro.

A figura da mestra, da mãe circense, da educadora-artista é recorrente nos depoimentos das jovens do circo. Muitas relataram que foram inspiradas por outras mulheres que “faziam tudo” no circo: montavam, desmontavam, ensaiavam, cuidavam dos filhos e, ainda, brilhavam em cena. Essa transmissão afetiva do saber é também uma forma de preservação cultural.

Como diz Paul Thompson (2002), a história oral permite recuperar as vozes daqueles e daquelas que não estão nos registros oficiais. Ao ouvir e registrar as mulheres circenses do Ceará, essa pesquisa repara uma lacuna histórica e valoriza o conhecimento de quem viveu e vive o circo por dentro, com o corpo e com o coração.

4. Mulheres no Cuidado Social: Entre Afetos e Resistência

O cuidado é uma dimensão central do trabalho das mulheres no circo, embora frequentemente naturalizado ou invisibilizado. Elas cuidam do figurino, do lanche, da criança que chora, do colega que se machucou, do idoso que acompanha a trupe. Mas, também, cuidam das relações, do ambiente, do sentido de comunidade.

Esse cuidado é político, no sentido freireano do termo. Ele fortalece vínculos, assegura continuidades, cria redes de apoio e acolhimento. As mulheres do circo tradicional e do circo social atuam como guardiãs da vida coletiva. Quando organizam rodas de conversa, quando escutam as meninas adolescentes, quando acolhem os medos antes de uma apresentação, estão tecendo uma pedagogia do afeto.

Em um cenário de crises econômicas e climáticas, o cuidado torna-se ainda mais estratégico. O circo é um lugar de reinvenção do cotidiano, e as mulheres têm sido protagonistas nesse processo: criando hortas comunitárias nas lonas, promovendo rodas de autocuidado, garantindo a segurança alimentar dos pequenos artistas.

A escuta das mulheres do circo cearense — suas histórias, seus aprendizados e seus sonhos — revela que elas não apenas mantêm a cultura circense viva, mas a recriam todos os dias com coragem, afeto e sabedoria. No Ceará, ser mulher no circo é ser artista, gestora, cuidadora, educadora, guardiã da memória e inventora do futuro.

Despertando para a Cultura da Segurança no Circo: Ensaios, Espetáculos e Cuidado com a Vida

A segurança no circo é um tema frequentemente negligenciado, mesmo sendo uma das questões centrais que atravessam a vida das artistas, especialmente das mulheres. Durante os depoimentos coletados na pesquisa participante com as mulheres do circo cearense, a insegurança nos locais de montagem da lona, a ausência de equipamentos adequados para treinamentos e a falta de protocolos de cuidado durante ensaios e espetáculos foram elementos constantemente apontados como desafios cotidianos.

Mais da metade das entrevistadas relataram sentir-se inseguras nos espaços de acampamento e treino, muitas vezes por estarem em terrenos improvisados, com iluminação precária, sem acesso à água, banheiros adequados ou suporte técnico. Além disso, situações de risco físico durante apresentações — como quedas, choques térmicos, lesões e sobrecarga muscular — são comuns, sobretudo, em trupes que não contam com estruturas apropriadas ou com acompanhamento profissional.

Ao mesmo tempo, a ausência de uma cultura da segurança reflete um imaginário historicamente presente no universo circense: o da superação dos limites, da coragem acima de tudo, da estética do risco como parte do espetáculo. Mas essa lógica, quando não mediada por uma ética do cuidado, expõe, principalmente, os corpos femininos — muitas vezes já sobrecarregados com múltiplas tarefas — a situações de vulnerabilidade extrema.

A Cultura da Segurança como Direito e como Afeto

Despertar para a cultura da segurança no circo significa reposicionar o valor da vida, do corpo e do bem-estar como prioridade em todos os processos: desde a montagem de um número até a realização de uma turnê. Significa garantir que as mulheres possam treinar, apresentar e viver sob a lona com dignidade e respeito. Implica pensar desde a ergonomia dos aparelhos aéreos até o cuidado com o solo usado nos ensaios de acrobacia; da iluminação das áreas comuns à existência de redes de proteção contra assédio e violência.

A segurança, neste contexto, também deve ser compreendida como prática coletiva, e não apenas técnica. É uma dimensão do cuidado social, que inclui a escuta mútua, o apoio emocional, a observação entre pares durante os treinos, o respeito às pausas, o planejamento das apresentações com tempo e infraestrutura adequada. Isso é ainda mais relevante quando consideramos que muitas mulheres circenses acumulam funções e, por vezes, treinam e se apresentam enquanto também cuidam de filhos, da alimentação, das finanças e da produção dos espetáculos.

O Papel da Formação e das Políticas Públicas

A institucionalização de práticas de segurança nos projetos de circo social, nos editais de fomento e nas políticas culturais é urgente. É preciso oferecer formações específicas em primeiros socorros, em segurança de palco, em ergonomia circense. É necessário também prever recursos nos editais para aquisição de materiais de segurança, manutenção de equipamentos e contratação de profissionais capacitados.

A cultura da segurança não deve ser um luxo ou um protocolo burocrático, mas parte intrínseca da criação e da vida circense. Nesse sentido, incluir esse tema nos processos formativos com meninas e mulheres do circo é, também, uma forma de romper com a cultura do risco naturalizado e instituir o cuidado como eixo ético e político da prática artística.

“Despertar para a cultura da segurança” é despertar para uma estética do cuidado, onde o espetáculo continua desafiador e surpreendente, mas não à custa da saúde ou da integridade física e emocional das artistas. No circo cearense, as mulheres têm demonstrado que é possível equilibrar ousadia e proteção, bravura e autocuidado, beleza e responsabilidade. Incorporar essa perspectiva ao cotidiano dos ensaios e das apresentações é um passo fundamental para que o circo seja, de fato, um espaço de liberdade e de vida plena para todas.



Cristina Diôgo exercitando a escuta



Cristina Diôgo observando a confecção da réplica de uma lona de circo



Considerações Finais

Este Catálogo Mulheres no Picadeiro nasce de um compromisso ético, político e afetivo com a escuta, a memória e a visibilidade das mulheres circenses do Ceará. Através de uma pesquisa participante cuidadosamente conduzida, conseguimos reunir fragmentos de vidas que, entrelaçados, revelam uma tapeçaria rica de experiências, saberes, dores e potências que sustentam — há gerações — a cultura do circo tradicional e social em nosso estado.

A pesquisa se propôs a investigar o papel da mulher no circo cearense a partir da perspectiva de quem vive essa realidade no corpo, na lida diária, no picadeiro e nos bastidores. Para isso, foi utilizada uma metodologia de pesquisa participante com ênfase em práticas colaborativas e emancipadoras, inspiradas nos Círculos de Cultura de Paulo Freire. O processo foi mais do que um levantamento de dados: foi uma vivência, uma escuta mútua, um campo fértil de trocas intergeracionais, interinstitucionais e intersubjetivas.

Durante três dias de imersão presencial em Canoa Quebrada, no Circo Escola Canoa Criança, oito mulheres circenses, de diferentes territórios e gerações, participaram ativamente das atividades, sendo formadas como pesquisadoras de si mesmas e das outras. Essas mulheres — artistas, educadoras, gestoras, mães, cuidadoras e guardiãs da memória — protagonizaram rodas de conversa, oficinas de escuta, construção de roteiros de entrevistas, dinâmicas criativas e momentos de vivência prática junto às educandas do circo social. Elas também trouxeram seus próprios acervos — baús de memória recheados de fotografias, recortes de jornais, figurinos, documentos e histórias — que enriqueceram a dimensão documental do projeto.

A coleta de dados foi realizada de forma plural e respeitosa, através de entrevistas gravadas, observações participantes, grupos focais, registros audiovisuais, diários de campo e produção coletiva de uma réplica simbólica de circo, que reavivou a prática ancestral de “palombar” — costurar a lona do circo — liderada por Dona Rosenilda, mulher da melhor idade e única participante que, aos 60 anos, voltou ao trapézio, ao rola-rola e à pirofagia, reafirmando a vitalidade do corpo e da arte, mesmo diante do envelhecimento.

A riqueza dos dados e depoimentos revelou que o protagonismo feminino no circo cearense vai muito além do brilho do espetáculo. As mulheres aqui retratadas são coluna vertebral do circo: sustentam financeiramente as trupes, cuidam da saúde física e emocional da comunidade, educam filhos e netos em condições itinerantes, enfrentam o machismo estrutural, reinventam a arte em meio à escassez de recursos, transmitem saberes milenares de forma oral e vivencial, e inovam a gestão cultural mesmo sem reconhecimento formal.

A análise dos registros evidenciou temas fundamentais: iniciação circense, transmissão de conhecimento, empoderamento feminino, desigualdade de gênero, conciliação entre maternidade e espetáculo, enfrentamento à pobreza menstrual, desafios da menopausa, liderança feminina, resistência territorial e reinvenção da tradição. Esses temas não apenas iluminam os desafios históricos enfrentados pelas mulheres do circo, mas, também, revelam estratégias de sobrevivência e reinvenção forjadas na escassez, na ancestralidade e na coletividade.

Um dos dados mais sensíveis e impactantes da pesquisa foi o reconhecimento, pela primeira vez, de uma participante como vítima de violência sexual durante a escuta de sua própria narrativa de vida. Isso mostra o poder transformador da metodologia da pesquisa participante que, ao promover o acolhimento e a escuta ativa, também se torna espaço de cura, conscientização e denúncia.

As jovens mulheres do circo social — como Maria Clara, Poliana e Vitória — demonstraram como o circo é espaço de empoderamento, construção identitária, criatividade, transformação pessoal e exercício de liderança. Já as mulheres do circo tradicional, como Dona Uiara, Dona Mirtes, Dona Lúcia, Dona Cida Vilar e outras entrevistadas ao longo do projeto, afirmaram com força o lugar da mulher como gestora, artista, educadora e referência cultural, dentro e fora da lona, muitas vezes apagadas pelas estruturas patriarcais que dominam o imaginário e a prática do circo brasileiro.

A grande conquista desta pesquisa é a devolução dos rostos e dos nomes às histórias que antes eram invisibilizadas. O catálogo é mais que um produto técnico: é um instrumento de reconhecimento, valorização, reparação histórica e continuidade de um processo que precisa ser ampliado, desdobrado e institucionalmente apoiado.

Como expressou a participante Louize Santana, neta de mulheres circenses, o encontro proporcionado pela pesquisa foi um reencontro com as próprias raízes e com o valor transformador da memória:

“Às vezes, a gente está ali, vivendo a vida do dia a dia, e não consegue refletir como a nossa história é transformadora, como a nossa trajetória alcança tantas outras superfícies que a gente nem se dá conta.”

Finalizamos, portanto, com a convicção de que esta pesquisa é apenas um ponto de partida. Que outras mulheres do picadeiro se reconheçam nas histórias aqui contadas, que mais registros possam ser realizados, que políticas públicas sejam formuladas a partir desses dados e que a escuta se torne prática constante nas ações culturais e educacionais voltadas ao circo.

Porque onde houver uma lona armada, uma tábua de faca, um trapézio ou uma roda de palhaços, haverá também uma mulher. E onde houver uma mulher no picadeiro, haverá memória, beleza, resistência e futuro.

Memorial Fotográfico





Cartaz do evento



kit das participantes

Grupo da Pesquisa Participante





Registro fotográfico do grupo de Pesquisa Participante



Na primeira roda de conversa, Dona Rosenilda relatou sua experiência de confeccionar lonas, daí surgiu a ideia do grupo construir a réplica de um circo



Dona Rosenilda, Rayara e Vitória dando os primeiros passos na confecção da lona reutilizando lona de banner



E assim, de mão em mão , conversa vai, conversa vem, essa fazetude virou código de construção de conhecimento, iniciando um longo processo de palombar memórias.



Dona Rosenilda foi a grande mestra: deixando um legado para a criançada do Circo Escola Canoa Criança.



O cirquinho da Rosenilda hoje faz parte das brincadeiras das Crianças do Circo Escola Canoa Criança





Momentos de descontração e alegria marcaram o ambiente da Pesquisa Participante



Poliana Freires, Rayara Santana, Louise Santana e Rosângela da Costa Lima



Louise Santana palombando histórias da família Santana, que trouxe o circo teatro para o Ceará



Rayara Santana socializando suas memórias sobre sua bisavó Zoellinde e sua avó Uiara



Mayara Carvalho e suas narrativas sobre a importância do circo tradicional no processo de cura de uma depressão e sua experiência como artista circense



Cristina Diôgo coordenadora da pesquisa.



Dona Rosenilda e suas lições de autoestima



Mayara Carvalho e Rayara Santana realizando um pré teste das entrevistas para as mulheres do circo tradicional.





Rayara Santana se reconectando com as artes do circo



Dona Rosenilda e o grande final do I Círculo de Cultura das Mulheres do Circo Cearense



O número de Lira de Mayara Carvalho



Apresentação de Maria Clara no tecido.



Final do I Círculo de Cultura das Mulheres do Circo Cearense

Posfácio

Este catálogo não se encerra em si mesmo. Ao contrário, ele abre caminhos para novas pesquisas e registros. Até aqui, percorremos a memória das circenses de lona e das escolas de circo social. Porém, é urgente ampliar o olhar para aquelas mulheres que não nasceram sob a lona nem se formaram em instituições formais de circo, mas que, com coragem e invenção, construíram suas trajetórias em galpões, coletivos independentes, cursos livres ou mesmo de forma autônoma, reinventando o picadeiro a partir das próprias pesquisas.

É nesse campo que se inscreve a história de Sâmia Bittencourt, a maior referência em palhaçaria feminina no Ceará. Artista múltipla – circense, acrobata, atriz, bailarina, diretora e palhaça – Sâmia inicia sua trajetória em 1994, integrando a Flic-Flac Cia. Acrobática. Em 1995, mergulha no universo do reisado com a Companhia de Brincantes Boca Rica, experiência que marca sua aproximação com a comicidade popular.

Dois anos depois, em 1997, estreia com a Cia. Mais Caras o espetáculo Nada, Nenhum e Ninguém, no qual dá vida à palhaça Nada, trabalho premiado e celebrado pelo público, que a projetou nacionalmente e a levou a ser selecionada, em 2002, como artista potencial para o elenco do *Cirque du Soleil* (Montreal).

Após concluir sua formação na Escola Nacional de Circo (RJ), retorna a Fortaleza e funda, junto a Fernando Cattony, a Escola de Circo do Espaço Cultural Vila (2004), iniciativa pioneira em uma cidade onde, até então, o ensino circense estava restrito ao campo social. Essa experiência desaguou na criação da Cia. Circo Lúdico Experimental – CLE (2007), grupo que até hoje mantém repertório ativo e reúne acrobacia, comicidade, teatralidade e música em sua cena. Entre as criações da companhia estão *Às Avestas* (2007), *Um Tiquinho de Nada* (2008), *E o Trem Partiu* (2011), *Erêndira* (2011), *Quintal* (2016) e *A Mulher Mais Forte do Mundo* (2016).

Sâmia não apenas encantou plateias, mas também formou gerações de artistas. É reconhecida por ter iniciado inúmeros(as) jovens cearenses no universo da palhaçaria e, mais recentemente, por dedicar-se à afirmação da palhaçaria feminina como espaço artístico e político. Nesse campo, é precursora: integra a Rede de Comicidade Feminina e atua como curadora da Mostra de Palhaçaria Feminina, que chega em 2024 à sua quarta edição.

Sua trajetória atravessa ainda o cinema, ao integrar o elenco do filme *Os Pobres Diabos* (2013), de Rosemberg Cariry, dando vida à palhaça “Meio Quilo”, que percorre o sertão nordestino com sua trupe. Sua presença na tela reafirma o lugar da mulher do circo como corpo que guarda e projeta memórias.

Não por acaso, artistas que conviveram com Sâmia reconhecem sua potência como formadora e inspiradora. A artista e pesquisadora Andrea Vasconcelos destaca: “Sâmia é um ponto de virada para muitas de nós. Antes dela, a palhaçaria feminina no Ceará era quase invisível. Sua coragem abriu um espaço onde hoje podemos respirar”. Já o músico e



parceiro de cena Neto Holanda afirma: “A energia de Sâmia é o que mantém a roda girando. É quem consegue costurar a poesia com a comicidade, o rigor com a brincadeira. Trabalhar com ela é aprender todos os dias”. E a artista Mayara Maria acrescenta: “Foi Sâmia quem me deu coragem para assumir minha própria palhaça. Ela não ensina só técnica, ensina a confiar no corpo, no riso e na liberdade de ser mulher no picadeiro”.

Esses depoimentos ecoam o que a própria artista afirma sobre sua escolha de vida:

“Não vejo um fim. Nunca vi, senão não estaria há 30 anos na profissão. Se estou há tanto tempo fazendo o que faço, é porque sempre acreditei. Sinto que vim a este mundo para alegrar, para fazer sorrir, e, ao mesmo tempo, minha alma sorri junto”.

Essa persistência, que enfrenta os desafios de viver de uma arte autônoma, de produzir, escrever projetos, costurar figurinos e pensar dramaturgias, é também a marca das mulheres que se encontram neste catálogo. A experiência de Sâmia Bittencourt nos lembra que a palhaçaria feminina não é apenas uma estética, mas uma postura de resistência e de cuidado, uma maneira de atravessar o mundo com poesia e coragem.

Encerramos este volume com a certeza de que o riso de uma mulher no picadeiro não se apaga. Ele reverbera nas praças, nos teatros, nas ruas, nas telas, e seguirá ecoando nas novas gerações de meninas e mulheres que encontram, na arte circense, um espaço de liberdade e de afirmação.

Este catálogo é, portanto, uma etapa de uma caminhada que continua. E que segue aberta para registrar outras tantas mulheres que, como Sâmia, ousaram reinventar o circo para além da lona, fazendo dele um território vivo de criação, de memória e de futuro.



Sâmia Bitencourt
Espetáculo Alzira - 2024



Sâmia Bitencourt
Espetáculo A Mulher Mais Forte do Mundo 2016



Sâmia Bitencourt
Espetáculo Um Tiquinho de Nada - 2008

Arte, Gestão, Cuidado e Memória do Circo Cearnense

ISBN: 978-65-01-58561-1



Apoio



Este projeto é apoiado pela Secretaria da
Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei
Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 195/2022)



MINISTÉRIO DA
CULTURA

